

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE LETRAS



AZULEJARIA ROCOCÓ “REGRESSO À COR” NO MUSEU NACIONAL DO
AZULEJO. ORGANIZAÇÃO, ESTUDO E INVENTARIAÇÃO DO NÚCLEO
JOANINO.

Graça Maria Marques da Silva

DISSERTAÇÃO
MESTRADO EM ARTE, PATRIMÓNIO E TEORIA DO RESTAURO

2014

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE LETRAS



AZULEJARIA ROCOCÓ “REGRESSO À COR” NO MUSEU NACIONAL DO
AZULEJO. ORGANIZAÇÃO, ESTUDO E INVENTARIAÇÃO DO NÚCLEO
JOANINO.

Graça Maria Marques da Silva

DISSERTAÇÃO
MESTRADO EM ARTE, PATRIMÓNIO E TEORIA DO RESTAURO

Com a orientação de:
Professor Doutor Vítor Serrão
e
Professor Doutor Alexandre Nobre Pais

2014

Relatório de Estágio apresentado para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Arte, Património e Teoria do Restauro realizado sob a orientação científica do Professor Doutor Vítor Serrão e Doutor Alexandre Nobre Pais.

AGRADECIMENTOS

Este estudo não é apenas resultado de um empenho individual, mas sim de um conjunto de esforços que o tornaram possível e sem os quais teria sido muito mais difícil chegar ao fim desta etapa, que representa um importante marco na minha vida pessoal e profissional.

Desta forma, manifesto a minha gratidão a todos os que estiveram presentes nos momentos de angústia, de ansiedade, de insegurança, de exaustão e de satisfação. Agradeço ao Doutor Alexandre Nobre Pais e ao professor Doutor Vítor Serrão pelo apoio e disponibilidade para a orientação científica deste trabalho.

Agradeço à Doutora Maria Antónia Pinto de Matos, diretora do Museu Nacional do Azulejo, pelo acolhimento na instituição.

Agradeço a toda equipa do museu, aos voluntários e estagiários que estiveram envolvidos no projeto, em particular à técnica do Departamento de Gestão de Coleções e Inventário, Porfíria Formiga e à estagiária Madalena Matos pelo espírito de partilha.

À minha família e amigos, pelo apoio, um agradecimento especial.

RESUMO

O presente relatório de estágio descreve o trabalho desenvolvido por Graça Maria Marques da Silva no Museu Nacional do Azulejo, no período entre Setembro de 2013 até Setembro de 2014.

O objetivo deste projeto de estágio foi o de organizar, estudar e inventariar um conjunto indeterminado de painéis de azulejos que se inserem na estética denominada “regresso à cor”, manufaturado nas olarias de Lisboa em meados do século XVIII e que se inserem no vasto projeto de inventário das coleções desta instituição, denominado “Devolver ao Olhar”.

O relatório divide-se em quatro capítulos. Na primeira parte desenvolve-se o enquadramento histórico da instituição, a sua origem como Convento da Madre de Deus, até à consagração do Museu Nacional do Azulejo. Aqui se identificam espaços e o espólio do Museu, fazendo uma breve referência às reservas museológicas e à sua importância.

No segundo capítulo o discurso remete para uma breve reflexão acerca do tema da azulejaria e das oficinas do século XVIII, contemplando a sua produção, com destaque para aquela que se insere no estilo *Rocaille*, das fontes de inspiração às gramáticas decorativas utilizadas.

O capítulo terceiro reporta a todas as atividades práticas desenvolvidas no período de estágio, apresentando e demonstrando as metodologias adotadas.

Por último, no quarto capítulo, procede-se à análise do conjunto azulejar em estudo apresentando e explicando a diversidade de painéis e elementos encontrados na reserva museológica da instituição.

PALAVRAS-CHAVE: Museu Nacional do Azulejo; Azulejos, *Rocaille*, Reservas; Inventário

ABSTRACT

The present internship report describes the work of Graça Maria Marques da Silva at the National Tile Museum, in the period from September 2013 until September 2014.

The objective of this internship project was organizing, studying and inventorying an indefinite number of tile panels which fall into the aesthetics called "Regresso à cor", manufactured in the potteries of Lisbon in the mid eighteenth century and which fall within the broad project of inventorying the collections of this institution called "Devolver ao Olhar".

The report is divided into four chapters. In the first part is developed the historical framework of the institution, its origin as Convento da Madre de Deus, to the consecration of the Museu Nacional do Azulejo. Here we identify the spaces and the estate of the Museum, making a brief reference to the museum reserves and its importance.

In the second chapter the speech refers to a brief reflection on the theme of the tiles and the workshops of the eighteenth century, contemplating its production, especially one that fits into the *Rocaille* style, from sources of inspiration to decorative grammars used.

The third chapter relates to all practical activities during the internship, presenting and demonstrating the methodologies adopted.

Finally, in the fourth chapter, an analysis of the tile set studied is made presenting and explaining the diversity of panels and elements found in the museum reserves.

KEYWORDS: Museu Nacional do Azulejo; Tiles, Rocaille, Reservations, Inventory

ÍNDICE

INTRODUÇÃO.....	1
CAPÍTULO I.....	3
Identificação e enquadramento histórico da instituição.....	3
O azulejo nas olarias de Lisboa	5
CAPITULO II.....	8
A azulejaria do século XVIII.....	8
O estilo Rocaille, fontes de inspiração e as novas gramáticas decorativas.....	10
Espaços e espólio do Museu Nacional do Azulejo	16
As reservas museológicas	18
CAPITULO III	20
Relatório de atividades práticas no Museu Nacional do Azulejo	20
Identificação do Núcleo “Regresso à Cor”	23
Colagem de fragmentos	28
Montagem de painéis	30
Identificação de patologias	34
Técnicas e metodologias do Inventário	35
CAPITULO IV	39
Análise do núcleo “Regresso à cor”	39
Considerações gerais	39
Tipologias aplicadas aos espaços arquitetónicos	41
Tipologias do núcleo	46
Composições azulejares no espaço arquitetónico	59
Composições azulejares no espaço arquitetónico	60
Paleta cromática	61
Sequência de painéis numerados.....	63
Outras tipologias e motivos ornamentais	66
Estudo comparativo com produções contemporâneas	68

Método organizativo da reserva museológica.....	69
Proposta de Projeto expositivo para o núcleo “regresso à cor”.....	73
CONCLUSÃO.....	74



Azulejaria Rococó “Retorno à cor” no Museu Nacional do Azulejo.

INTRODUÇÃO

O estágio curricular realizado no âmbito do Mestrado em Arte, Património e Teoria do Restauro decorreu no Museu Nacional do Azulejo, sob a orientação conjunta do professor Doutor Vítor Serrão, docente na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e do Doutor Alexandre Nobre Pais, investigador no Museu Nacional do Azulejo (MNAz).

O plano de trabalho proposto pelo MNAz consistia em organizar, estudar e inventariar, numa das reservas existentes do museu, o conjunto azulejar do século XVIII, pertencente ao núcleo “retorno à cor”.

O desenvolvimento do projeto constituiu um importante contributo para o enriquecimento curricular e profissional da estagiária, tendo sido a escolha da instituição uma mais-valia, por ser considerado um dos maiores e mais destacados museus nacionais, que expõe permanentemente azulejaria portuguesa do século XVI ao século XXI.

O núcleo em estudo pertence ao chamado “Fundo Antigo” do museu e integra o projeto “Devolver ao Olhar”, que tem vindo a ser desenvolvido numa parte do espólio que constitui o seu acervo. Este projeto tem como objetivo a organização e inventariação desse “Fundo Antigo”, constituído por diversos conjuntos de azulejos até agora em reservas, desconhecidos e de proveniência incógnita.

Este projeto tem o financiamento da Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT) e integra várias áreas em destaque para o Inventário e para a Conservação e Restauro.

A concretização deste projeto assegura a renovação da coleção do museu, aumentando e enriquecendo a exposição permanente e promovendo a realização de exposições temporárias. O processo é moroso devido ao volume de peças que integram este núcleo e utiliza diversas metodologias de trabalho: concentração do núcleo azulejar num único espaço, limpeza e identificação dos azulejos, montagem e inventariação.

Todo o processo obedece a determinadas metodologias constituindo um instrumento fundamental para o estudo das obras em apreço, contribuindo e desenvolvendo uma fortuna histórica, crítica e estética, tendo como principal função salvaguardar o nosso património cultural. O aspeto fundamental é a análise dos painéis de azulejos nos seus diversos conteúdos (formais, históricos, estéticos, etc.) com o intuito de os dar a conhecer ao público.



Azulejaria Rococó “Regresso à cor” no Museu Nacional do Azulejo.

Estes conjuntos azulejares podem ser considerados documentos históricos que atestam o gosto de determinado período da nossa história e dotados de grande importância estética. Podemos afirmar que todas as obras são intemporais, passando de geração em geração assumindo, assim, um carácter trans-contextual.

A manufatura dos painéis evidencia a criatividade da época, tornando-os ao longo dos tempos um testemunho em aberto porque nos transmite frequentemente novas leituras e novas mensagens, sendo deste modo uma fonte inesgotável.

Segundo Arthur C. Danto¹ as obras de arte são intemporais, passando várias gerações desde a sua criação coabitando com novos contextos sociais, culturais, estéticos, etc. Este filósofo sustenta a ideia de que as obras de arte são criadoras do alargamento renovado de recetores, fomentando novos públicos que permitem uma permanente continuidade do diálogo com a obra.

“... É por isso que o olhar para as obras de arte, não como meros testemunhos históricos já de si datados, mas como interlocutores vivos é essencial: há que olhar as obras de arte, depois de estudadas e como tal “explicadas” no seu contexto temporal e geográfico, estilístico e ideológico, como instrumentos eloquentes que nos explicam desejos, fascínios, anseios espirituais, memórias, protestos, indagações e energias vitais, num sentido de criação que, com maior ou menor sucesso, procurou rasgar caminhos da comunicabilidade social.”

A História da Arte em Portugal – Novas Perspetivas teóricas e Metodológicas
Vítor Serrão

¹ Arthur Coleman Danto foi um filósofo e crítico de arte. Professor emérito de filosofia da Universidade de Columbia desde 1951, tendo sido também crítico de arte da revista *The Nation*.



Azulejaria Rococó “Retorno à cor” no Museu Nacional do Azulejo.

CAPÍTULO I

Identificação e enquadramento histórico da instituição

O Museu Nacional do Azulejo, localizado na Rua da Madre de Deus 4, em Lisboa, está sob a tutela da Direcção-Geral do Património Cultural, regulada pelo documento da sua fundação – o Decreto-Lei nº404/80 – e pela Lei-Quadro dos Museus Portugueses – a Lei nº47/2004 – integrando-se na Rede Portuguesa dos Museus, atualmente sob a direcção da Dr.^a Maria Antónia Pinto de Matos.

O museu tem como missão conservar, recolher, estudar e difundir o conhecimento da cerâmica quer de peças tridimensionais quer de conjuntos azulejares portugueses, promovendo a sua inventariação, investigação, documentação, divulgação, classificação, conservação e restauro, em particular da azulejaria. Tem ainda a seu cargo a protecção de património integrado tal como os espaços pertencentes ao antigo convento da Madre de Deus (Igreja, Sacristia Nobre, Coro Baixo, Capelas de D. Leonor e D. Manuel, Capela de Santo António, Coro, Claustro e Claustro de D. João III).



Fig.1- Convento Madre Deus, escadaria do convento e claustro.

O Museu Nacional do Azulejo, ocupa parte do antigo Convento da Madre de Deus pertencente à Ordem de Santa Clara, fundado pela rainha D. Leonor (1458-1525) em 1509. O convento que contou sempre com mecenato régio teve obras de restauro, reestruturação e ampliações ao longo de uma história.

Em 1834, com a extinção das ordens religiosas, inaugurou-se uma nova etapa na história do edifício. A destruição das casas monásticas e a venda de bens nacionais, desencadeiam a preocupação e o interesse em salvaguardar o património, iniciando-se assim, neste Convento, o depósito de conjuntos azulejares provenientes de diversas



Azulejaria Rococó “Retorno à cor” no Museu Nacional do Azulejo.

instituições a nível nacional. Com a morte da última freira fundou-se neste local o “Asilo D. Maria Pia”, aí instalado é aos dias de hoje sob a forma de centro escolar.

Posteriormente a varias campanhas de obras iniciadas em 1872, o arquiteto José Maria Nepomuceno (1836-1895), responsável pelas obras, demonstrou interesse em desenvolver uma área de cariz museológico, com o intuito de albergar um substancial espólio azulejar de origem variada. Em 1916 alguns dos espaços do Convento ficaram integrados no Museu Nacional de Arte Antiga. Alvo de intervenções de restauro conduzidas pela Direção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais (DGEMN) por ocasião das comemorações dos 500 anos do nascimento da rainha D. Leonor, em 1958. Na década seguinte, sob a orientação do Eng.º Santos Simões foi criado neste espaço o Museu do Azulejo, ainda na dependência do Museu de Arte Antiga, tendo a sua abertura ao público ocorrido em 1965². Em 1980 o Museu do Azulejo através do Decreto-lei nº 404/80 ganhou autonomia e o estatuto de “Nacional”, abrindo ao público em 1985.

Seguiram-se várias direções até aos nossos dias que desenvolveram o trabalho de inventariação e inovação da exposição permanente. A inclusão de novas obras para ampliar o espólio já existente, a formação de estruturas de grande importância para o bom funcionamento da instituição (investigação, serviço educativo, conservação e restauro, inventariação), a inclusão com as acessibilidades, a inventariação do denominado “Fundo Antigo” no âmbito do projeto “Devolver ao Olhar”, contando este último com o auxílio de técnicos, voluntários e estagiários, para uma permanente adaptação do museu a novas exigências e a uma sociedade em permanente mudança.

² Maria Antónia Matos, *Museu Nacional do Azulejo*, Museus de Portugal, imc, pág. 11, 12.



Azulejaria Rococó “Retorno à cor” no Museu Nacional do Azulejo.

O azulejo nas olarias de Lisboa

No século XVIII várias olarias de Lisboa localizavam-se junto das margens do rio, para ficarem próximas de matérias-primas como a argila, embora também fosse importante a proximidade da circulação de madeiras, que iriam abastecer os fornos para a cozedura dos azulejos.

As olarias eram edifícios simples, reunindo a habitação e a manufatura onde trabalhavam os mestres e os aprendizes.

Para produzir azulejos eram necessários profissionais com conhecimentos da preparação das chacotas, vidragem, desenho e pintura³. Para além da execução dos motivos, os pintores tinham a sensibilidade de harmonizar essa iconografia com a talha dourada, a ourivesaria, estuques e os embrechados. É do nosso conhecimento que estes revestimentos cerâmicos eram pintados por vários autores deixando marcas visíveis, através do seu traço.

Os destinatários eram as classes privilegiadas: o clero, a nobreza e a burguesia, que ostentam através do azulejo a sua condição social. As olarias de Lisboa iniciavam o seu processo de produção com a recolha de matéria-prima, a argila. Depois de selecionada e purificada, passava por outras etapas:

- Amassava-se o barro com água, até ficar com um aspeto homogéneo e com maleabilidade para facilitar a moldagem, ficando durante algum tempo a sedimentar, sendo seguidamente amassado e prensado para ser estendido em tabuleiros e cortado, obtendo-se a forma do azulejo⁴.

A utilização de um molde era outra solução, percorrendo diversas etapas, tais como:

- Colocava-se o molde numa superfície salpicada de areia, introduzindo o barro na forma e alongando-se com o auxílio de um raspador;

³ Maria Alexandra Trindade Gago da Câmara, *Azulejaria do século XVIII espaço lúdico e decoração na arquitetura civil de Lisboa*, Editora Civilizações, p.257.

⁴ João da Bernarda, “A Arte Cerâmica no Mosteiro e nos Coutos Alcobacenses”, in *A Arte Sacra nos Coutos de Alcobaça*, Lisboa: IPPAR, 1995, pp. 117-145.



Azulejaria Rococó “Regresso à cor” no Museu Nacional do Azulejo.

- O azulejo era retirado do molde e colocado sobre tábuas para se proceder à sua secagem, sendo depois prensados, permitindo, deste modo, a eliminação de possíveis deformidades;
- A cozedura era a etapa seguinte, colocando-se as placas em pilhas que eram depois introduzidas no forno a alta temperatura, fechado com pedras e com pasta de argila, de modo a isolar-se para não se perder a sua temperatura interior;
- As placas de argila cozida denominadas “chacotas”, estavam preparadas para o próximo passo, a pintura. Na face que iria ser ornamentada era colocado esmalte branco estanífero, cobrindo a superfície, formando uma base de cor branca que permitia ao pintor realizar a decoração;
- A pintura efetuava-se sobre essa superfície, onde era colocado um papel picotado com a mesma dimensão, passando com a boneca (saco de tecido com carvão vegetal moído), transferindo para o vidrado o desenho pontilhado a negro, procedendo-se de seguida à pintura.

A técnica utilizada designa-se como *majólica*. O termo *majólica*, aplica-se à cerâmica ornamentada da Península Ibérica, embora mais tarde se venha a aplicar a toda a cerâmica, pintada sobre a superfície vidrada a branco estanífero. Esta técnica tem a sua origem no mundo islâmico, contudo foi em Itália que conheceu o seu desenvolvimento.

A *majólica* era considerada em Itália uma arte, empregando motivos do Renascimento (vegetalistas e geométricos), do mesmo modo como nas pinturas a óleo. A *majólica* distingue-se pelo revestimento branco opaco, sobre a superfície da cerâmica, formado por uma frita de sílica, óxidos de chumbo e estanho, óxidos de potássio ou sódio, aplicados sobre a cerâmica cozida. A pintura era posteriormente efetuada neste revestimento branco com óxidos colorantes.

Nas oficinas de trabalho os tardozeiros dos azulejos assumiam por vezes funções distintas, eram utilizados para estudos de desenhos ou esquemas de composição a pedido dos encomendantes e eram usados posteriormente na produção azulejar. Por esse motivo são encontrados azulejos que foram reutilizados possivelmente devido à falta de matéria-prima e ao excesso de produção de determinado padrão, barra, etc.



Azulejaria Rococó “Regresso à cor” no Museu Nacional do Azulejo.

Como podemos observar na figura em baixo, o azulejo de padrão foi cortado e escassilhado em todos os lados para ser reutilizado. Outros casos encontrados nos tardozezes são contas e notas informativas relativas à produção.



Fig.2-Azulejos reutilizado para distintas funções.

Os centros de produção artística tinham grande importância, não só para a produção, mas também para a afirmação da identidade de um povo. Segundo Carlo Ginsburg⁵ a situação geográfica condicionava a arte, afirmando que as obras produzidas longe dos grandes centros eram consideradas atrasadas, não podemos avaliar assim as obras aí manufaturadas pois temos de ter em consideração que elas fazem parte de uma cultura, sendo um contributo para um estudo em globalidade numa determinada época. Ginsburg tinha uma visão micro-história da arte, pois considerava essa arte “periférica” de menor qualidade.

Após a encomenda feita nas oficinas de Lisboa e a realização de todo o processo de manufatura, estes conjuntos de azulejos eram colocados nos diversos locais a que se destinavam, arquiteturas palacianas, religiosas, civis, jardins. Permaneceram durante muito tempo no local para o qual foram concebidos, em alguns conjuntos azulejares começaram a ser retirados no século XIX com a extinção das ordens religiosas e com a implantação da República.

⁵ Carlo Ginsburg (1939) é um historiador italiano, conhecido como um dos pioneiros no estudo da micro-história.



Azulejaria Rococó “Retorno à cor” no Museu Nacional do Azulejo.

CAPITULO II

A azulejaria do século XVIII

Nas Artes Decorativas, a cerâmica de revestimento parietal e pavimentar atesta a magnificência da produção do século XVIII. Assumindo a azulejaria uma posição relevante na sociedade portuguesa do período.

Com a Restauração da Independência (1640) e com a necessidade de afirmação política, assiste-se à propaganda e ostentação de poder, o que pode ser constatado na azulejaria da época⁶. Neste período, o azulejo ganha uma nova importância.

Ainda no século XVIII, deu-se início à importação da Holanda de azulejos historiados, provavelmente devido à superioridade técnica das manufaturas, iniciando-se posteriormente a sua produção em Portugal⁷.

Os painéis azulejares manufaturados por holandeses a azul e branco, em cuja pintura se destacam os nomes de Adrian e Jean Van Oort ou Willem Van Zer Kloet, permitiram demonstrar o potencial da azulejaria como um bom substituto da pintura.

O estilo barroco emerge no século XVIII e conquista a sociedade portuguesa, através de um novo tipo de linguagem. No reinado de D. João V (1706 – 1750), a principal fonte de riqueza era o ouro vindo do Brasil, propiciando as encomendas de arte do período seiscentista, sendo o monarca um grande mecenas.

O primeiro quartel do século XVIII, ficou conhecido como o “Ciclo dos Mestres” ou o período da grande pintura (1700-1725), sendo considerado como uma reação das oficinas nacionais à importação da azulejaria holandesa⁸. Para reverter esta situação as oficinas começaram a contratar pintores de cavalete para executar a pintura de painéis. Gabriel del Barco foi o precursor deste movimento que teve diferentes seguidores, os quais se afirmaram como excelentes pintores e decoradores. Destacaram-se, pela qualidade técnica, António Pereira, Manuel dos Santos, o Mestre P.M.P, António de Oliveira Bernardes e Policarpo de Oliveira Bernardes.

Os artistas não se encontram circunscritos às condições e exigências do encomendante, imprimem nas suas obras determinadas características formais e estéticas que o identifica, encontrando nalguns casos da azulejaria do século XVIII a assinatura dos mesmos.

Tais particularidades formais e estéticas vão permitir a interpretação de determinada obra e a atribuição a determinada época, embora obedecendo a um programa artístico.

⁶ Paulo Pereira, 2000 Anos de Arte em Portugal, temas e Debates, pp 229.

⁷ Ibe/Idem; pp257.

⁸ Ibe/Idem; pp268.



Azulejaria Rococó “Regresso à cor” no Museu Nacional do Azulejo.

Nesta fase, a azulejaria aparece muito associada a espaços religiosos, sendo usual o uso da talha dourada e embrechados de mármore, conjugação característica do estilo barroco, produzindo um cenário de esplendor (o Barroco surge como oposição ao Maneirismo, sendo este sinónimo de extravagante, exagerado, dinâmico, existindo assim uma complementaridade entre os aspetos formais e iconográficos)⁹.

A “Grande Produção” designa a produção do segundo quartel do período setecentista e nela foi desenvolvido o aspeto cenográfico dos painéis, que seriam aplicados nos espaços arquitetónicos da época: igrejas, conventos e diversos espaços palacianos. A azulejaria ganha maior autonomia tornando-se parte do discurso arquitetónico, contribuindo para este facto as oficinas de Bartolomeu Antunes e Nicolau de Freitas, Teotónio dos Santos e Valentim de Almeida.

Nas décadas de 40 e 50 do século XVIII surge a azulejaria joanina, cuja produção enquadra-se entre os estilos *Rocaille* e o pombalino. Impulsionando diferentes conceitos plásticos, sociais, mentais que se cruzam no mesmo período e, muitas vezes, discursiva na sua dimensão cenográfica, afastando-se do estilo *Rocaille* onde é visível o aspeto lúdico e ornamental, característicos na liberdade formal e cromática empregues e da decoração pombalina exclusivamente seriada e com recurso à padronagem.

Podemos considerar dois períodos distintos na segunda metade do século: a fase pré-terramoto e a fase pós-terramoto, ainda que alguns autores não considerem que o terramoto de 1755 tenha influenciado diretamente esta produção.

No período pré-terramoto (1745 – 1755) encontramos na azulejaria características muito particulares que desenvolvem a inovação proposta no período joanino.

Sobressai na decoração o uso dos concheados, volutas, grinaldas, “asas de morcego”, sendo o motivo central pintado com um azul desvanecido em contraste com as molduras em que os elementos decorativos *Rocaille* utilizam um tom azul-cobalto forte.

Entre 1755 – 1790 entramos na fase pós-terramoto predominando então a funcionalidade, com decorações menos estilizadas projetadas para uma construção arquitetónica. A evolução do vocabulário decorativo torna difícil estabelecer uma periodização exata no que respeita ao estilo rococó e ao neoclássico.

⁹ Maria Alexandra da Câmara, *Azulejaria do século XVIII espaço lúdico e decoração na arquitetura civil de Lisboa*, Editora Civilizações, p.127.



O estilo Rocaille, fontes de inspiração e as novas gramáticas decorativas

Neste estudo procurou-se abordar um núcleo azulejar específico, o chamado “regresso à cor”, com influência do estilo Rocaille que teve o seu início em França no século XVIII, tendo este núcleo uma estética com determinadas especificidades e influências do estilo *Rocaille*.

Rocaille é um termo que foi cunhado no século XIX, relacionando-o com os temas decorativos que culminam no Rococó e surgiu em França nos últimos anos do reinado de Luís XIV (1638-1715). O *Rocaille* adquire a sua maior expressão, em toda a Europa durante a regência do Duque de Orleães (1674-1723), na menoridade de Luís XV (1710-1774).

Estando o seu nome relacionado com grutas, conchas, formas rústicas da natureza, é um género decorativo e ornamental que se afasta da imponência do classicismo, que esteve em vigor durante grande parte do reinado de Luís XIV.

Nas decorações de arquitetura, mobiliário, cerâmica, objetos de adorno, etc., impõe-se o ritmo desordenado dos elementos, que compõem motivos muito caprichosos que se sobrepõem imperando os concheados, os laços e fitas, incrustações minerais, motivos vegetais, pássaros ou crustáceos em linhas arredondadas, adornos adaptados à imaginação dos decoradores. As fontes e as grutas artificiais empregavam na sua decoração conchas e pedras dispostas artificialmente.



Fig.3,4,5 – Gravuras onde artistas como Jacques de la Joue e François de Cuvilliés projetavam fontes assimétricas, monstruosas cártulas quebradas, figuras alegóricas, ruínas do mundo barroco. Peyrotte, Blondel e o famoso François Boucher criavam desenhos do caos arquitetural e das fontes romanas.



Azulejaria Rococó “Regresso à cor” no Museu Nacional do Azulejo.

Subsiste uma reprodução da natureza, mas sem submissão e sem uma reprodução exata, pode-se considerar que ela constitui apenas um foco de inspiração, havendo posteriormente uma estilização que deformava os motivos naturais.

Apesar das semelhanças entre o barroco e o *Rocaille*, há uma diferença fundamental, a fantasia impregnada neste último e a teatralidade do barroco, mais adaptada a grandes dimensões. O *Rocaille* pode ser entendido como uma expressão artística mais privada do que pública.

Estas formas chegam também a Portugal através de gravuras e estampas. Como podemos constatar em todas as áreas da arte, a gravura teve uma enorme importância e foi fundamental na História. Foi utilizada como um meio de comunicar a imagem, relacionando-a deste modo com a arte. A gravura ao longo dos tempos teve transformações, em consequência das mudanças na arte e na sociedade das diferentes épocas.

A gravura foi a forma principal de reprodução e divulgação dos estilos pictóricos. Estas eram utilizadas como um meio para disseminar as obras dos artistas, sendo um suporte para difusão de ideias e estilos. Elas utilizavam um conjunto de procedimentos (xilogravura, gravura de encavo, gravura planográfica), possibilitando deste modo copiar uma mesma imagem na íntegra ou parcialmente.



Fig.6 – Palácio Ceia, painel.



Fig.7 – Gravura de Huquier, Scenes de la vie Chinoise, Biblioteca Nacional de Paris.

A gravura, foi importante no mundo da arte, mas também funcionou como um meio de difusão do conhecimento científico, cultural, histórico e religioso. No campo artístico ela abrangeu diversas áreas (pintores, escultores, arquitetos, carpinteiros, ourives, etc.).



Azulejaria Rococó “Regresso à cor” no Museu Nacional do Azulejo.

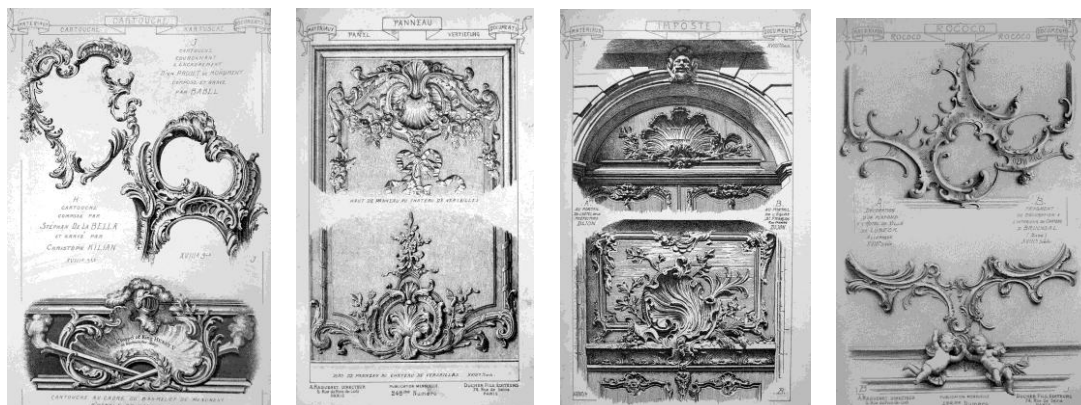


Fig.8,9,10,11,12,13, – Gravuras de motivos ornamentais do estilo *Rocaille*

Oppenordt, Meissonnier e Pineau, são conhecidos criadores do estilo *Rocaille* e as suas melhores representações encontram-se na porcelana, na ourivesaria, no mobiliário, em bronzes, em lambris, em candeeiros, em estuques, mas também na pintura e na escultura, atingindo do mesmo modo a azulejaria produzida em Portugal.

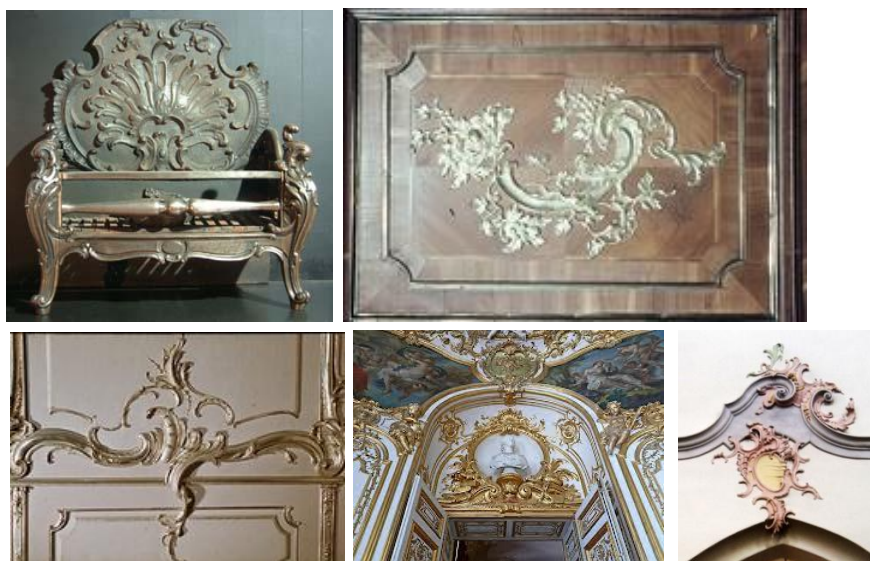


Fig.14,15,16,17,18- Ornatos estilo *Rocaille*, aplicados a diversas artes (mobiliário, ferragens, talha dourada aplicada em madeira e estuques)



Azulejaria Rococó “Regresso à cor” no Museu Nacional do Azulejo.

O *Rocaille* em Portugal, reflete as particularidades de cada região, as quais já se tinham manifestado no barroco, mas é muito influenciado pelos artistas estrangeiros que trabalham entre nós.

No nosso país, o *Rocaille* surge em pleno reinado de D. João V, mantendo-se ainda no do seu filho D. José. Esta era uma época que dispunha de grandes recursos, mantendo-se uma política de luxo e exteriorização, devido aos diamantes e aos metais preciosos que vinham do Brasil.

O *Rocaille* na azulejaria portuguesa surge no período Joanino em 1735, terminando a sua primeira fase em 1755. Assiste-se neste período ao emprego pontual de outras cores, para além do azul e branco, à introdução de novos elementos traduzindo um novo vocabulário, como podemos verificar nas figuras abaixo representadas.



Fig.19- Plumas de Acanto



Fig.20-“Cartouche Rocaille”



Fig. 21,22- Concheados/Arabescos



Fig.23-Aves afrontadas ou Simétricas



Fig.24-“Asa de Morcego”



Fig.25-Derivações do acanto

A alteração do estilo espelha as mudanças na sociedade portuguesa e comprova-se na utilização das formas que caracterizam o *Rocaille* (concheado irregular).

A decoração na azulejaria adota organizações delicadas, demonstradas através do emprego de dois tons contrastantes de azul e pela utilização de apontamentos de cor. Caracterizada pelas suas formas orgânicas e assimétricas, utilizando os conhecidos concheados versáteis e folhagens que compunham o desenho empregue na moldura com recortes intrincados, a moldura nos painéis cerâmicos era pintada com um azul muito forte, que fazia contraste com o azul-claro da imagem do centro.

Embora permaneçam os registos centrais narrativos, tal como era usual, uma outra variante apresenta apenas composições ornamentais, com uma maior liberdade



compositiva de volutas, grinaldas, concheados, “asas de morcego”, aves, vasos floridos, podendo ser pintados a azul ou com policromia, tendo como referência os painéis da Quinta dos Azulejos, do Palácio Pimenta e do Palácio do Correio-Mor¹⁰.

Os conjuntos azulejares encontravam-se aplicados nas entradas e escadas dos novos prédios, como forma de enobrecer a arquitetura. Na azulejaria, como nas outras artes, a característica do *Rocaille* é o contorno, pois este de aparência melódica e com movimentos subtis. Se observarmos em pormenor a curvatura dos elementos estes têm a configuração de S e C, construindo assim a melodia também expressa nos conjuntos azulejares do “regresso à cor”.

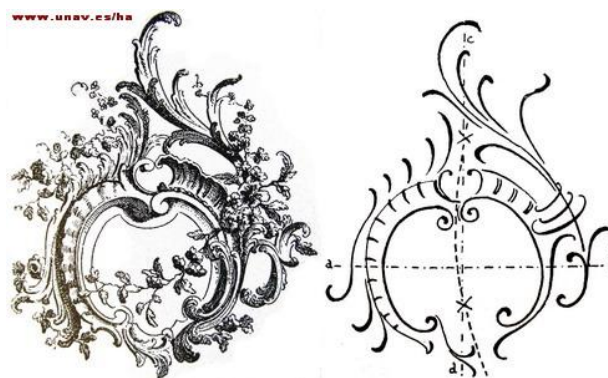


Fig.26 – Desenhos Rocaille, demonstrando a curvatura dos elementos decorativos.

“A essência do estilo é que essas curvas nunca deve ser contínua por mais de uma distância curta, nem fazer mais de uma curva dupla como a letra S, sem romper e começar de novo de repente.”

Sturgis, dicionário, termo "Rocaille"

Podemos verificar através dos exemplos expostos anteriormente que é visível o uso de motivos decorativos individuais, um cuidado especial com o ritmo dado aos elementos, que insinuam a repetição de curvas sugestivas através da linha ondulada, ou seja, a dupla curvatura, através dos elementos em espiral e de rolagem.

Nos painéis “regresso à cor” podemos encontrar duas tipologias (figurativos e ornamentais) aplicada a diferentes áreas do espaço arquitetónico, silhares, entre-portas, escadarias, fontes, etc..

¹⁰ Paulo Pereira, *Grandes Temas da nossa história, Historia da Arte portuguesa*, vol. III, círculo de Leitores. pp. 127 – 132.



Azulejaria Rococó “Regresso à cor” no Museu Nacional do Azulejo.

Nas decorações o ritmo desordenado e caprichoso dos elementos impõe-se à pureza das linhas, predominando os concheados, laços e fitas, concreções minerais, sinuosidades vegetais, pássaros ou crustáceos em linhas torneadas, adornos mais adequados à fantasia.

Verifica-se a perda de importância das molduras, ou seja dos enquadramentos nas composições; os motivos ornamentais perdem densidade; predomina a assimetria em concheados, volutas, fitas, laçarias, aves, vasos floridos, sanefas, cartelas, etc.. A cor é uma referência, os apontamentos de amarelo contornados a manganês que encontramos nos painéis do núcleo “regresso à cor”, sugerem-nos o ouro utilizado na ourivesaria, trajes e panejamentos e, deste modo, presenciamos uma recuperação da paleta cromática.

No período pós-terramoto, com a crise económica e a necessidade de reconstrução da cidade, a Fabrica do Rato deu um grande contributo, começando o fabrico em série da azulejaria.



Espaços e espólio do Museu Nacional do Azulejo

A azulejaria portuguesa é uma referência nas Artes Decorativas, com características particulares, traduzindo o gosto ao longo dos diversos períodos da nossa História.

O acervo do Museu Nacional do Azulejo é constituído por conjuntos azulejares, peças cerâmicas tridimensionais, documentação e materiais diversos relacionados com a manufatura destes objetos e pelo património integrado do Convento da Madre de Deus. Em função das suas características, funções e necessidades as coleções ocupam no museu áreas diversas, que se podem classificar por: públicas, semipúblicas e privadas, como se podem observar no diagrama.





Azulejaria Rococó “Regresso à cor” no Museu Nacional do Azulejo.

O MNAz, através da sua exposição permanente, testemunha a evolução histórica do azulejo, demonstrando igualmente as técnicas utilizadas na sua manufatura. Observamos que o programa museológico implementado nesta instituição está organizado do século XVI ao XXI. A coleção encontra-se patente em três pisos, seguindo uma organização cronológica, incluindo os espaços do antigo mosteiro.

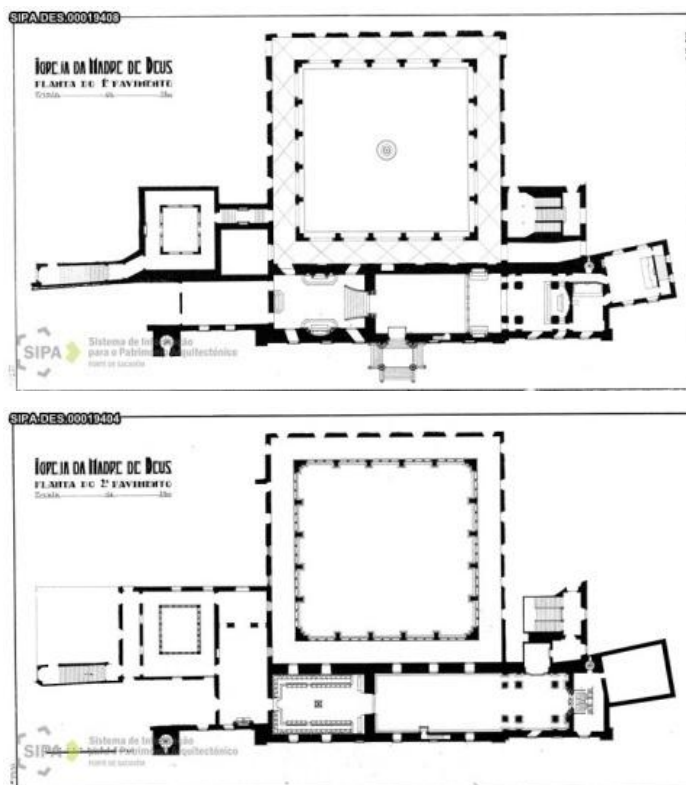


Fig.27- Plantas do primeiro e segundo andar do MNAz (foto: Sipa)

A incorporação destes objetos de arte no museu, segundo o Decreto-lei nº404/80, deve ocorrer por: aquisição, doação, legado, oferta ou cedência e afetação permanente, esta última não consta no decreto-lei e corresponde a conjuntos apreendidos pela Polícia Judiciária. Assim, todos estes modos de incorporação contribuem para o crescimento do espólio do MNAz.



Azulejaria Rococó “Retorno à cor” no Museu Nacional do Azulejo.

As reservas museológicas

O azulejo é considerado um importante património nacional, uma herança deixada pelos nossos antepassados e um legado histórico característico da cultura portuguesa.

O estudo destas obras, por técnicos de diferentes áreas, permite uma abordagem multifacetada e, conseqüentemente, uma análise multidisciplinar, proporcionando aos diferentes públicos, uma abordagem mais completa. Deste modo, o olhar de cada técnico sobre o mesmo objeto de arte, permite uma variedade de interpretações que se complementam, enriquecendo o conhecimento da obra em estudo.

A instituição cultural tem como dever conservar e transmitir conhecimento (estudar, expor, publicar, comunicar). Durante muito tempo, a conservação tinha como função primordial preservar os bens culturais contra riscos maiores (incêndios, roubos, etc.), funcionando basicamente como um dispositivo de segurança e controle, realizando registos das obras através do inventário.

Nos últimos anos a área da conservação desenvolveu-se, estabelecendo-se normas e criando-se espaços próprios e restritos, para se acolherem os conjuntos museológicos que não se encontram em exposição.

O Museu Nacional do Azulejo tem espaços de acesso restrito que albergam conjuntos azulejares de diferentes períodos e tipologias. Estas áreas de trabalho e acondicionamento, definitivas ou temporárias, são designadas Reservas. Considerados locais de importância, acolhem um grande número de azulejos, estando acomodados em contentores ou como painéis montados em suporte acrílico, mas também peças tridimensionais e documentação variada, que não se encontra exposta.

Estas reservas são espaços do museu cuja função é responder às exigências da conservação, garantir o acesso às coleções, permitindo desenvolver o estudo e a divulgação do espólio em reserva e facilitar a movimentação dos painéis azulejares e das peças tridimensionais, tendo em vista a preservação e a segurança dos mesmos.

No Museu Nacional do Azulejo apenas uma parte das coleções se encontra em exposição, sendo as reservas uma parte importante e necessária do funcionamento da instituição. O propósito das reservas é guardar obras de arte e tentar preservá-las, dentro do possível nas condições adequadas¹¹.

¹¹ Chris Caple, *Conservation skills. Judgment, method and decision making*, Routledge: Oxon e Nova Iorque, 2000, p. 152.



Azulejaria Rococó “Regresso à cor” no Museu Nacional do Azulejo.

Nas reservas as coleções devem estar acondicionadas, organizadas, identificadas e inventariadas, colocadas em prateleiras ou estantes, permitindo e facilitando a sua localização, segundo critérios pré-estabelecidos. Ainda que em reserva as peças que aí se encontram têm potencial expositivo para futuras exposições.



Fig.28-Azulejos acondicionados em contentores com etiqueta identificativa



Azulejaria Rococó “Regresso à cor” no Museu Nacional do Azulejo.

CAPITULO III

Relatório de atividades práticas no Museu Nacional do Azulejo

O estágio curricular, realizado no Museu Nacional do Azulejo, integra o projeto “Devolver ao Olhar” e tem como objetivo identificar e inventariar o denominado “Fundo Antigo”. Este conjunto azulejar foi reunido inicialmente no Museu Nacional de Arte Antiga (MNAA) em dois momentos distintos: no período da extinção das casas religiosas (1834) e com a implantação da República (1910), sendo transferido posteriormente para o MNAz.

O Engenheiro João Miguel Santos Simões, investigador da azulejaria portuguesa, foi o impulsionador do processo de inventariação e identificação deste fundo. O projeto “Devolver ao Olhar” tem a colaboração da Rede Temática em Estudos de Azulejaria e Cerâmica João Miguel dos Santos Simões, que apresenta, juntamente com o MNAz o projeto *Azlab*, incrementando novos temas ligados à azulejaria (investigação, inventário, salvaguarda, colecionismo e divulgação)¹².

O plano de estágio integra este projeto e tem como objetivo o estudo, a organização e o inventário do núcleo “regresso à cor”, manufacturado no século XVIII nas oficinas de Lisboa. O trabalho prático teve início na reserva D. Manuel, que é constituída por duas salas. Uma integra uma reserva definitiva do espólio e a sala anexa é designada por reserva temporária, para a qual decorre um projeto de restauro com o intuito de abrir este espaço ao público. Para que fosse possível dar início ao processo de restauro foi necessário libertar o espaço ocupado por numerosos contentores, que acondicionavam azulejos de diversas tipologias.

Esta etapa prolongou-se por dois meses, embora antes de se proceder à transferência deste espólio acondicionado em contentores, tenha sido necessário realizar uma triagem: abrir os contentores e dividir os azulejos por tipologias, reunindo o núcleo “regresso à cor”. Este procedimento permitiu o contacto com o diversificado espólio aí existente, possibilitando conhecer as características cromáticas e formais de cada núcleo.

¹² <http://redeazulejo.fl.ul.pt/>



Azulejaria Rococó “Regresso à cor” no Museu Nacional do Azulejo.



Fig.29,30,31,32- Reserva D. Manuel I (reserva Temporária)

Na metodologia adotada procurou-se agrupar os azulejos por núcleos, em áreas específicas do museu: a reserva definitiva D. Manuel, o chamado “aquário”¹³ e a reserva do primeiro andar.



Fig.33,34 - Zona de trabalhos designada ”Aquário”.

O núcleo em estudo foi agrupado na reserva do primeiro andar, local onde se encontra uma grande parte da azulejaria figurativa monocromática do século XVIII.

O azulejo é constituído por duas faces, o tardo¹⁴ (Fig.35) e a face vidrada (Fig.36), no processo de transferência, os azulejos foram acondicionados em contentores, tardo com tardo, vidrado com vidrado, para diminuir o risco de danos na face vidrada.

¹³ O Aquário é designação interna para uma secção do claustro D. João III, do Convento da Madre de Deus, onde se realizam os trabalhos de identificação e inventariação de azulejo pertencentes ao projeto “Devolver ao Olhar”.



Azulejaria Rococó “Regresso à cor” no Museu Nacional do Azulejo.



Fig.35- Tardoz do azulejo



Fig.36-Face vidrada do azulejo

¹⁴ O tardoz é a designação dada ao verso do azulejo, isto é, à face sem vidrado. O tardoz é menos cuidado que a face vidrada apresentando, por vezes, um aspeto rugoso, como forma de reforço a aderência das argamassas.



Identificação do Núcleo “Regresso à Cor”

Os painéis em estudo estavam acondicionados em contentores de madeira contendo cada contentor cerca de 35 azulejos.



Fig.37,38-Contentores para acondicionamento dos azulejos

Depois de reunido o núcleo que se encontrava disperso em vários espaços, contabilizaram-se os contentores que foram alvo de triagem, e que perfazem cerca de 275 contentores, ou seja cerca de 9625 azulejos, iniciando-se então o processo de identificação do núcleo.

Inicialmente foi necessário proceder à remoção das argamassas fixas no tardo dos azulejos, para permitir identificar os códigos individuais feitos pelo artista no século XVIII no tardo dos azulejos e que permitem agrupá-los por painéis. É de salientar que desconhecemos se todos os azulejos que compõem cada um dos painéis estão nas reservas do museu.

As argamassas no tardo de cada azulejo indicam que estes azulejos se encontravam tal como ficaram após a sua retirada do espaço arquitetónico de onde foram removidos. Para a remoção das argamassas utilizaram-se vários utensílios: bisturi, espátula, pincel, escova, óculos, algodão, máscara, luvas de silicone, água e álcool.



Fig.39,40- Materiais utilizados para a remoção das argamassas do tardo dos azulejos.



Os bisturis empregues tinham vários tamanhos, utilizados de acordo com as várias espessuras de argamassas:

- Bisturi, cabo 4 e lâmina 20, tinha como função retirar as argamassas de maior dimensão, tal como a utilização de vários tamanhos de espátulas.
- Bisturi, cabo 3 e lâmina 10, para as argamassas intermédias.
- Bisturi, cabo 3 lâmina 11, para as argamassas mais finas.
- Óculos, máscara e luvas de silicone foram objetos utilizados para proteção pessoal.

Com o bisturi ou com o apoio de espátulas removeram-se as grandes camadas de argamassa. Os bisturis foram utilizados diretamente no tardo, com movimentos mecânicos repetidos na posição horizontal, procurando não exercer força para não danificar o azulejo. O azulejo encontrava-se com a superfície vidrada sobre a uma base em borracha, que teve como função amortecer os movimentos, protegendo de acumular dos pós provenientes das argamassas. Todo este processo era apoiado com espátulas, usadas da mesma forma que os bisturis (horizontal).



Fig.41- Remoção de argamassas

Posteriormente à remoção das argamassas utilizou-se a água ou álcool, molhando o tardo e espalhando-o por toda a superfície com o auxílio de uma escova, retirando o excesso com o algodão, permitindo deste modo distinguir a marcação feita pelo pintor.



Fig.42,43- Utilização de álcool e escova para observar a marcação feita pelo artista no tardo do azulejo.



Azulejaria Rococó “Regresso à cor” no Museu Nacional do Azulejo.



Fig.44,45- Observação do código (X) indicação alfanumérica (b 7).

Esta indicação é constituída por um código feito pelo artista, por norma, mas não em regra, localizado na parte superior do azulejo e na parte inferior encontra-se uma marcação alfanumérica que nos informa sobre a posição relativa do azulejo no painel a que pertence. Foram encontrados códigos com letras, números, símbolos e uma grande variedade de combinações destes.

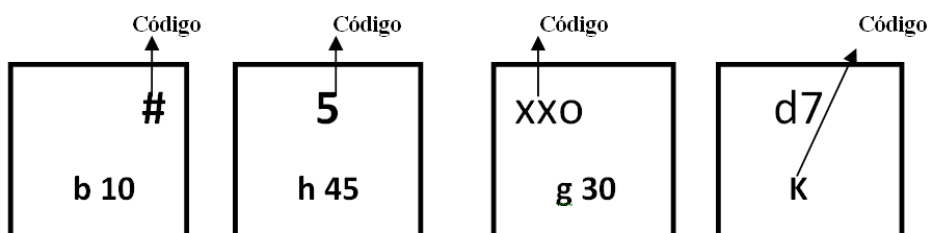


Fig.46- Exemplos de marcação de tardoz.

Esta etapa teve a duração de grande parte do estágio. Terminando com a limpeza do vidro, utilizando para o efeito uma solução constituída por: água, água destilada, teepol (um detergente com PH neutro) e álcool 96 v. Embebendo o algodão nesta solução limpase o vidro retirando o pó acumulado e as sujidades que se encontravam, quer no vidro quer nas áreas côncavas provocadas pelas imperfeições da superfície das peças. Este trabalho pode ser feito com o auxílio de bisturis (cabo nº3 com lâmina nº10 e nº11), com lâminas pontiagudas e finas para poder retirar a sujidade do vidro.

A limpeza do vidro foi realizada para que fosse possível, após a montagem dos painéis, a realização do registo fotográfico.



Azulejaria Rococó “Regresso à cor” no Museu Nacional do Azulejo.



Fig.47,48- Azulejos com cimento e tintas



Fig.49,50,51- Limpeza da face vidrada do azulejo, utilizando bisturi, algodão e teepol.

Na identificação individual dos azulejos é colocada uma etiqueta branca com os códigos e a indicação alfanumérica que se observaram no tardo, facilitando a separação por códigos e possibilitando a montagem de painéis. A etiqueta coloca-se no canto inferior direito permitindo perceber rapidamente a posição do azulejo no contexto do painel. A cor da caneta utilizada na etiqueta para a identificação, corresponde à cor utilizada pelo artista no tardo (azul e preta).



Fig.52,53-Identificação do azulejo

O código visível no tardo do azulejo é uma informação indispensável para identificar e agrupar por painéis. No caso do núcleo em estudo, até ao momento, foram encontrados azulejos com código e marcação alfanumérica e só com marcação alfanumérica.

Do trabalho realizado podemos contabilizar a abertura de 225 contentores e a identificação de cerca de 7875 azulejos, permitindo a montagem incompleta de painéis,



escadas e entre-portas. Podemos com estes dados ter indicações relativas dos núcleos, percebendo que temáticas e tipologias estão representadas neste fundo.

Para ter uma ideia do universo de painéis existentes foi elaborada uma tabela com os códigos identificados, o número de códigos permite-nos apontar o número de painéis existentes.

CÓDIGOS DE TARDOZ										
Z	b	xx	a3	c5	c13	5	13	//	m	v
T	5	xx0	R1	P9	c1	4	48		m	~
V	b	xx1	a6	a2	c4	3	o		v	~
Y	n	xx2	A1	a5	xv9	6	u	'	o	##
a	xv	xx3	a10	a13	xv5	20	e	'	L	##
L	e	xx4	x0	a4	a24	22		'	L	+o
B	cv	xx5	R-6	P7	A23	24	#	'	L	A2
x	xvd	a9	c8	xv6	2	95	*	+	Y	V+
c	v	c4	c7	v1	2	10	C*)	⊕	B⊕
c	h	g5	c6	xv2	1	12	#	r	⊕	a

Fig.54- Tabela de códigos

Foram identificados códigos a preto, que estão representados por números, letras, símbolos ou através da conjunção de um, dois ou três elementos identificativos.

Em função da tabela apresentada podemos prever que o número de painéis em reserva do núcleo “regresso à cor”, permite contabilizar cerca de 110 códigos diferentes, indicando que, em teoria, é possível a montagem de eventualmente 110 painéis de diferentes tipologias. Posteriormente a este registo foi verificado que na tabela havia códigos diferentes que faziam parte do mesmo painel. Assim sempre que realizamos uma montagem reunimos todos os códigos semelhantes.

Para além da contabilização dos painéis, os códigos fornecem-nos pistas quanto ao número de peças numa mesma série, por exemplo: um painel com o código 7, pode indicar-nos a existência de seis painéis anteriores a este.



Azulejaria Rococó “Regresso à cor” no Museu Nacional do Azulejo.

Colagem de fragmentos

Os azulejos do núcleo em estudo apresentam fraturas, faltando em alguns casos partes essenciais para a reconstituição do azulejo. O procedimento correto sempre que se encontra um elemento é colar provisoriamente com *paraloid*¹⁵, para reduzir a possibilidade de perda de algum fragmento.

Na presença do azulejo fraturado removem-se todas as impurezas depositadas nas zonas de fratura (Fig.55). Para este trabalho utilizam-se bisturis e pincel para retirar as impurezas soltas.



Fig.55- Remoção de impurezas depositadas na zona de fratura.

O passo seguinte é a colagem utilizando *paraloid* num pincel e passando de seguida na zona fraturada, pressiona-se durante alguns segundos, depositando depois num recipiente com areia. Aí o azulejo é colocado com as fraturas na posição horizontal, durante algumas horas.



Fig.56,57,58,59,60- Colagem dos fragmentos e colocação em vaso para proceder à secagem

¹⁵ Paraloid B72 é uma resina acrílica muito utilizada em conservação e restauro devido à sua elevada estabilidade. Pode ser diluída em diversos solventes (tolueno, xileno, acetona, outros).



Azulejaria Rococó “Regresso à cor” no Museu Nacional do Azulejo.

No Museu existe uma divisão que tem em depósito contentores com grande número de fragmentos, onde atualmente se desenvolve o trabalho de identificação destes por século e por núcleo. Para a realização deste trabalho é necessário observar os fragmentos e dividi-los consoante as suas características cromáticas e formais e tentar integrá-los em painéis.

Deste trabalho resulta a recolha de elementos azulejares fracionados, que compõem alguns dos painéis em reserva. Concluída esta fase acondicionam-se os azulejos no contentor, até à fase de montagem.



Montagem de painéis

A montagem de painéis normalmente decorre às segundas-feiras, dia em que o Museu se encontra encerrado ao público, utilizando-se para o efeito os espaços de passagem. Este trabalho, decorre sob a orientação e apoio da técnica de inventário do museu. O espaço usado para a montagem foi o Claustim, uma área próxima da entrada da reserva do primeiro andar, onde se encontra o núcleo em questão.

No início da montagem separam-se os azulejos consoante a sua identificação alfanumérica, reunindo todos os elementos por filas (fila a,b,c,d,e, etc.). Posteriormente, inicia-se a montagem, colocando a fila por ordem numérica, ex.: a1,a2, a3, a4, a5, etc.. Num painel as letras correspondem às linhas horizontais e a informação numérica às colunas verticais. Com este processo de montagem podemos ter uma visão real do painel, apercebermo-nos da falta de elementos, assinalando aqueles que ainda não foram identificados. Esta etapa permite-nos apurar os elementos em falta, as dimensões do painel, a sua tipologia, a sua iconografia, precisar a época da produção, etc.

Para reunir toda a informação, elaboramos previamente à montagem, grelhas nas quais registamos todos os elementos azulejares que o painel tem, os elementos em falta, erros de tardo ou seja marcações com erro feitas pelo artista, colocamos também a indicação de existência de fragmentos e qual o lugar que ocupam na grelha.

L1	L2	L3	L4	L5	L6	L7	L8	L9	L10
K1	K2	K3	K4	K5	K6	K7	K8	K9	K10
J1	J2	J3	J4	J5	J6	J7	J8	J9	J10
I1	I2	I3	I4	I5	I6	I7	I8	I9	I10
H1	H2	H3	H4	H5	H6	H7	H8	H9	H10
G1	G2	G3	G4	G5	G6	G7	G8	G9	G10
F1	F2	F3	F4	F5	F6	F7	F8	F9	F10
E1	E2	E3	E4	E5	E6	E7	E8	E9	E10
D1	D2	D3	D4	D5	D6	D7	D8	D9	D10
C1	C2	C3	C4	C5	C6	C7	C8	C9	C10
B1	B2	B3	B4	B5	B6	B7	B8	B9	B10
A1	A2	A3	A4	A5	A6	A7	A8	A9	A10

G 6

B 10

Fig.61- Grelha de montagem, exemplificação de como se monta um painel, demonstrando qual o lugar que os azulejos ocupam no painel.



Azulejaria Rococó “Regresso à cor” no Museu Nacional do Azulejo.

Antes de recolher o painel montado faz-se o registo fotográfico, primeiro com uma fotografia panorâmica e posteriormente (dias depois) fotografa-se azulejo a azulejo, para que seja possível a montagem virtual do painel. Se depois da montagem física forem encontrados novos elementos do painel não será necessário proceder à sua montagem no espaço museológico, pode-se fotografar o elemento encontrado e coloca-lo na grelha, consoante a sua identificação.



L1	L2	L3	L4	L5	L6	L7	L8	L9	L10	L11	L12	L13
I1	I2	I3	I4	I5	I6	I7	I8	I9	I10	I11	I12	I13
H1	H2	H3	H4	H5	H6	H7	H8	H9	H10	H11	H12	H13
G1	G2	G3	G4	G5	G6	G7	G8	G9	G10	G11	G12	G13
F1	F2	F3	F4	F5	F6	F7	F8	F9	F10	F11	F12	F13
E1	E2	E3	E4	E5	E6	E7	E8	E9	E10	E11	E12	E13
D1	D2	D3	D4	D5	D6	D7	D8	D9	D10	D11	D12	D13
C1	C2	C3	C4	C5	C6	C7	C8	C9	C10	C11	C12	C13
B1	B2	B3	B4	B5	B6	B7	B8	B9	B10	B11	B12	B13
A1	A2	A3	A4	A5	A6	A7	A8	A9	A10	A11	A12	A13

Fig.62- Fotografia panorâmica

Fig.63- Grelha informativa dos elementos existentes



Fig.64,65,66,67,68- Fotografia individual de cada azulejo, para realizar a montagem virtual.

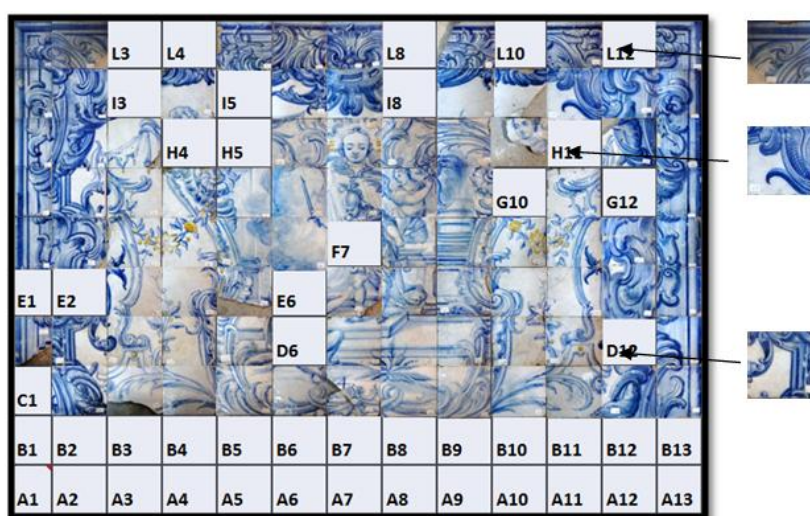


Fig.69- Montagem virtual em janeiro de 2014
 acrescido de azulejos encontrados posteriormente à montagem física em maio de 2014.



Azulejaria Rococó “Regresso à cor” no Museu Nacional do Azulejo.

Na primeira montagem podemos constatar que o código que reunimos nos remete para diferentes painéis, ou seja, ao mesmo código podem corresponder diferentes painéis. É neste momento que se procede a separação dos elementos por painel. Assim, neste caso, foram encontrados três painéis com o mesmo código seguindo-se o acondicionamento dos azulejos em contentores diferentes, sendo estes devidamente identificados com o código e com o tema, caso seja possível determinar a sua iconografia o que nem sempre é possível devido ao insuficiente número de azulejos.



Fig.70,71,72- Elementos de três painéis distintos com o código igual.

Após este trabalho acondiciona-se o painel em contentores, tendo em atenção a ordem, ou seja, recolhe-se primeiro a fila a, seguida da b e assim sucessivamente, colocando uma etiqueta no contentor, com a informação do painel (tema iconográfico, código) e adicionando-lhe temporariamente uma fotografia panorâmica para facilitar a identificação do contentor. Serão depois colocados na reserva, na estante onde se colocam os painéis já montados, mas ainda incompletos.



Fig.73-Painel identificado na reserva.



Na reserva definiram-se espaços para o núcleo em estudo. Espaço para: azulejos não identificados, azulejos identificados, azulejos agrupados por código à espera de montagem e uma área para painéis já montados e identificados.

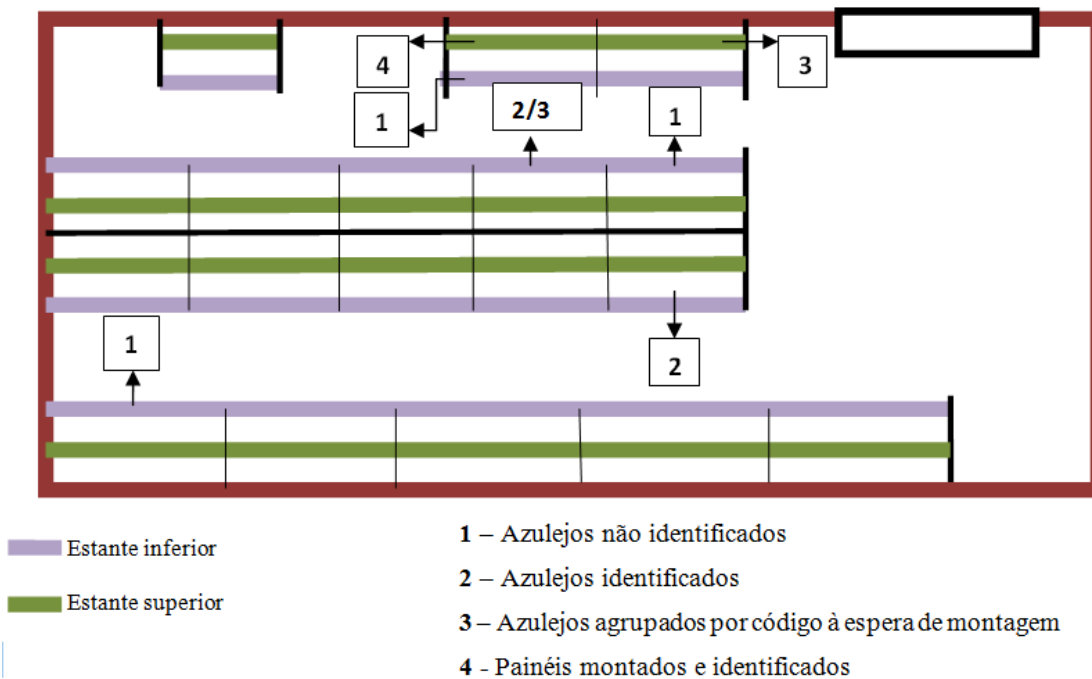


Fig.74- Planta da reserva



Identificação de patologias

Os azulejos em análise testemunham ainda a existência de patologias de origem ou por exposição a agentes de deterioração, que conseqüentemente provocam alterações nos elementos. Por vezes, estes problemas são causados pela ação do homem.

Aspetos e patologias observadas:

- Sujidade – Acumulação de poeiras, condições atmosféricas e caso os azulejos sejam de exterior, tintas, cimentos, ceras, líquenes.
- Azulejos fraturados – a sua fratura pode ter ocorrido durante o seu levantamento porque ao manuseá-los fraturam ou pode dever-se ao remover das argamassas para identificação, pois a pressão exercida pode provocar fratura.
- Fissuras – Podem ser simples ou múltiplas, sendo frequentes na face vidrada e tardez dos azulejos.
- Imperfeições de fabrico – foram observadas nalguns casos defeitos no vidrado.
- Lacunas – Perda de material, ausência de parte de um azulejo.

Após a análise visual e fotográfica dos elementos azulejares, verificou-se que a sujidade é a característica mais frequente, sendo o seu estado de conservação, num modo geral, bom. Pode acontecer que painéis manufacturados no mesmo local e sujeitos às mesmas condições ambientais reajam de modos diferentes, facto devido às especificidades químicas, mineralógicas e físicas não só dos azulejos como também das próprias paredes onde foram colocados¹⁶.

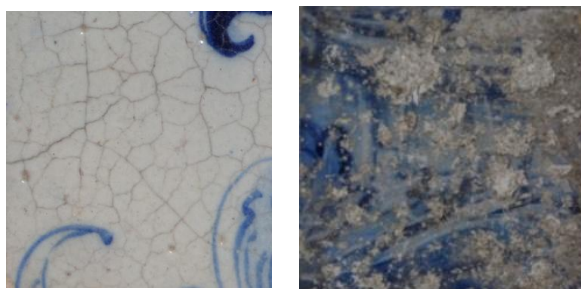


Fig.75-exemplos de patologias verificadas no núcleo.

¹⁶ Relatório 22/2011 – NPC Lisboa • Janeiro de 2011, I&D MATERIAIS, Levantamento em Obra de patologias em azulejos históricos, pp.14,16-20.



Azulejaria Rococó “Retorno à cor” no Museu Nacional do Azulejo.

Técnicas e metodologias do Inventário

O ato de inventariar teve a sua origem no período da Revolução Francesa (1789-1799), onde a devastação destruía as memórias históricas de um povo. Em consequência desses atos, deu-se a necessidade de delinear propósitos institucionais para se proceder à conservação dos monumentos. Estes monumentos históricos, sendo considerados detentores e testemunhos de vivências passadas eram marcados como tendo característica fulcral a de fazerem a ponte ente o passado e o presente.

Em Portugal o inventário manifestou-se numa primeira fase através da elaboração de inquéritos, dirigidos pelo Padre Luís Cardoso e dirigido a todos os párocos. Com a extinção das ordens religiosas e com o intento do estado se apropriar dos seus bens foi prioritário fazer o levantamento de obras, consideradas marcos na história e de grande importância (património imóvel e móvel).

Sabe-se que em matéria de salvaguarda do património cultural não há fórmulas definitivas nem verdades únicas, pois o progresso resultado dos contínuos estudos e investigação realizados por técnicos credenciados na área, promovem a descoberta ou redescoberta de novas fontes, que nos conduzem a realidades diferentes que, por vezes, confirmam ou contrariam as realidades já existentes.

Podemos dizer que o ato de inventariar é um dos processos básicos para a preservação e conhecimento do património. Certificar que o inventário é um modo de informar para proteger, porque só conhecendo o património existente lhe podemos dar a devida atenção para o estudar, preservar e apresentar ao público. A importância do inventário incide de um modo direto na segurança, na conservação e restauro, na divulgação e valorização do objeto em estudo e pode-se refletir na sua rentabilização económica e turística.

Para se desencadear o processo de conservação, é prioritário fazer um inventário que obedeça a critérios de classificação que segue escrupulosamente uma metodologia, só assim será possível um trabalho uniformizado.



Azulejaria Rococó “Regresso à cor” no Museu Nacional do Azulejo.

Podemos compreender o inventário do património cultural como um reconhecimento individualizado de todas as obras que integram o acervo de um determinado organismo. A realização deste levantamento deve seguir técnicas e normas específicas, baseadas em princípios internacionais já existentes, tendo contempladas para com as peculiaridades das coleções das diversas instituições. Podemos ter como ponto de referência um documento criado para difundir um conjunto de conceitos internacionalmente reconhecidos, como a Lei Orgânica de 26 de Junho de 1997.

Para tal efeito no registo das obras obriga à intervenção de técnicos creditados em diferentes áreas tratando-se de um processo de investigação moroso, constituído por várias etapas. Na fase de conclusão deste processo resulta o preenchimento da Ficha *Matriz*, uma grelha tipificada para o efeito.

O inventário progride do processo manual para o suporte informático, utilizando dois *softwares*: o *Matriz* e o *AZ Infinitum*. O último foi concebido com o objetivo de inventariar azulejos de padrão.

O *Matriznet* é o sistema informático utilizado pela Direção Geral do Património Cultural (DGPC), o qual através da tecnologia (fotografia digital), disponibiliza fotografias das coleções, para fins de inventariação, gestão e catalogação. Desenvolvido o processo de identificação do espólio em reserva inicia-se o procedimento seguinte: inventariar.

Posteriormente a todo o processo de identificação e montagem prévia dos painéis é necessário proceder à sua inventariação, recebendo um número de registo de incorporação, identificado no livro de inventário. Seguidamente os conjuntos azulejares são acondicionados na reserva do museu ou irão para restauro, dependendo da sua especificidade.

As fichas de inventário, assim como os processos de conservação e restauro, são acompanhadas de registo fotográfico, tendo como objetivo identificar e testemunhar a evolução de determinado painel.

O registo de inventário, por norma, é preenchido manualmente e cada folha integra o registo de seis painéis. Quando preenchidas na sua totalidade estas são arquivadas em pasta, na sala de arquivo do museu. O arquivo do museu acolhe todos os registos manuais e fichas de inventário, funcionando como um gabinete de consulta interna e externa, mediante pedido justificado.

O inventário dá a conhecer, por via *on-line*, parte do espólio que as instituições incorporam, permitindo um maior conhecimento e compreensão das obras de arte, fazendo uma melhor interpretação e contextualização destas.



Azulejaria Rococó “Retorno à cor” no Museu Nacional do Azulejo.

Todo este processo é de extrema importância, não só para o público, como para a própria gestão interna dos museus. Este sistema, *Matriznet* tem como objetivos:

- Conservar a coleção.
- Maximizar o acesso.
- Maximizar o uso da informação.

O *Matriznet* tem a capacidade de através do programa informático ao seu dispor, armazenar informações sobre as obras, individualmente, sendo complementada com fontes documentais e com registo fotográfico, tornando-as acessíveis aos usuários: museólogos/curadores, pesquisadores internos e externos, administradores e público em geral.

A colocação das obras na base de dados do sistema não é a conclusão do processo de registo e catalogação, porque ao entrar para o contexto museológico, este objeto tem necessidade de estar constantemente documentado, tendo em consideração se participa em exposições, se foi alvo de restauro, etc.

Para que todo este processo seja bem sucedido, é preciso que o sistema seja simples e que esteja ao alcance de qualquer pessoa, sendo de fácil acesso para a obtenção das informações necessárias, e que estas sejam claras e exatas e o mais completas possível, olhando para este sistema como um instrumento de trabalho importante para todas as atividades do museu.

A importância do inventário incide de modo direto na segurança da coleção, na conservação e restauro, na divulgação e valorização do objeto podendo refletir-se na sua rentabilização económica e turística.

Para se desencadear o processo de conservação é prioritário fazer um inventário que obedeça a critérios de classificação, que siga escrupulosamente uma metodologia, só assim será possível um trabalho uniformizado, sendo utilizada não só a mesma estrutura como o mesmo vocabulário técnico.

Posteriormente ao trabalho de identificação os azulejos são organizados dentro das reservas da instituição. Nesta etapa podemos considerar dois tipos de reservas: a definitiva/final, onde se colocam os conjuntos de azulejos que não vão ser expostos, por diversas razões, uma delas prende-se com o facto de já existirem painéis, com as mesmas características, não se justificando um investimento no seu restauro. As outras reservas são



Azulejaria Rococó “Regresso à cor” no Museu Nacional do Azulejo.

as intermédias, onde se depositam os conjuntos azulejares que irão, hipoteticamente, incorporar exposições a curto ou a médio prazo.

A inventariação possibilita o desenvolvimento de novos projetos (exposições temporárias), mostrando uma atitude de dinamismo por parte da instituição, promovendo deste modo a vinda de mais visitantes.



CAPITULO IV

Análise do núcleo “Regresso à cor”

Considerações gerais

Para estruturar e analisar o conjunto de painéis pertencente ao núcleo “regresso à cor”, é fundamental que, o trabalho seja organizado conforme um programa de pesquisa aplicado ao longo deste processo, criando assim a “Fortuna Crítica”, sendo esta fundamental para um olhar completo e a abertura para o diálogo com as obras em questão. O trabalho realizado promove no futuro novos estudos para um entendimento globalizante a nível estético, histórico, ideológico, político, etc. dos conjuntos azulejares e o seu entendimento iconológico, visto não ter sido possível, neste estágio, devido ao tempo reduzido dando prioridade a esta componente, pois só com ela realizada poderá permitir de futuro novos estudos nas mais diversas vertentes.

Posteriormente à realização do trabalho prático podemos-nos debruçar sobre os painéis do núcleo “regresso à cor”, encontrados e agrupados na reserva do museu, permitindo uma análise deste conjunto.

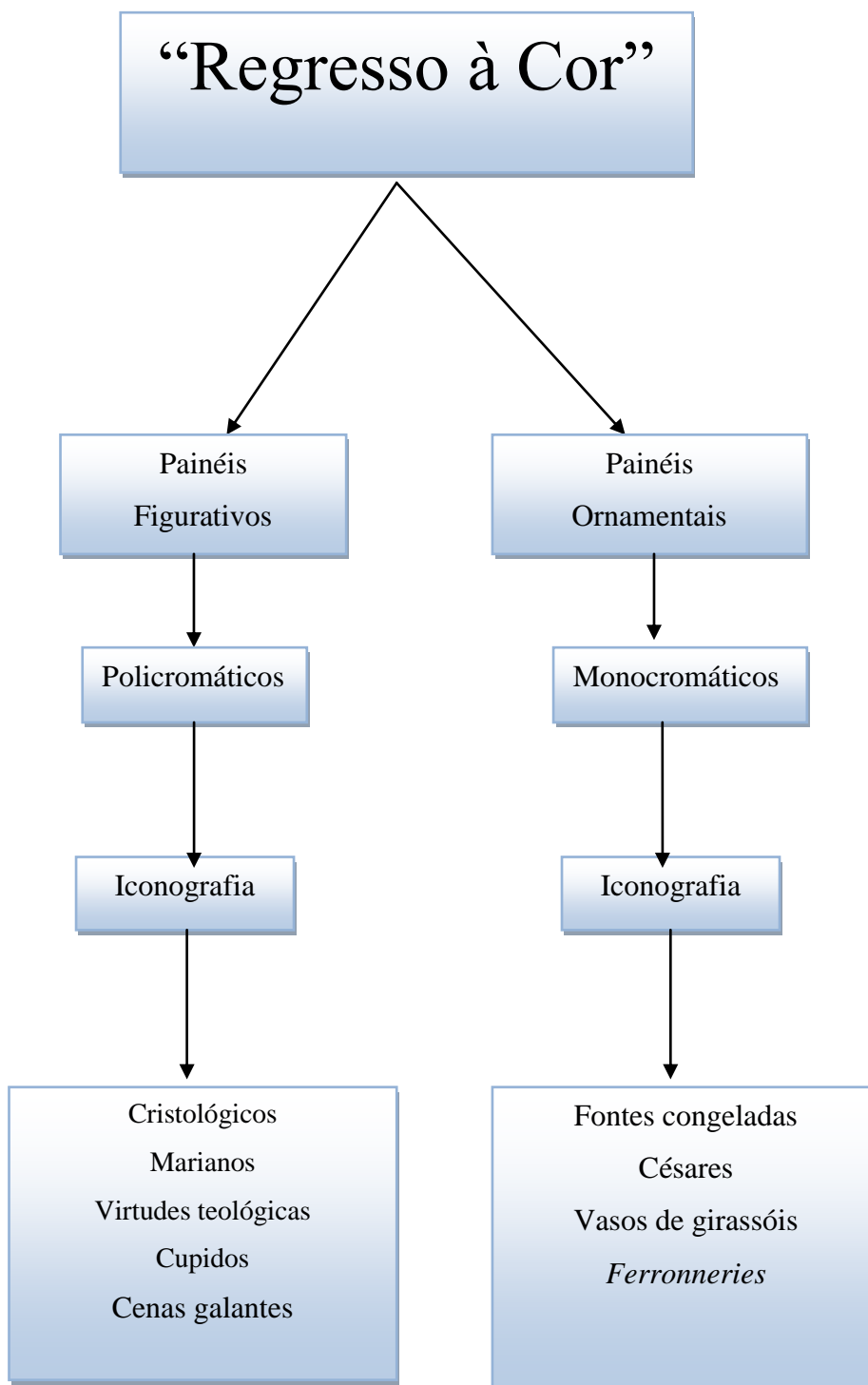
Salientando os motivos ornamentais que compõem os painéis podemos afirmar que a sua ornamentação é muito específica, elegendo o ritmo desordenado e o requinte dos elementos tanto na moldura como na parte central do painel.

Posteriormente ao trabalho prático de identificação e montagem foram encontrados quarenta conjuntos azulejares, dos quais foram selecionados 28 para o relatório, pelas suas características formais, estéticas e iconográficas, tendo dando preferência aos painéis que permitiram identificar o seu limite e a sua iconografia.

Foi realizado um diagrama para sistematizar e agrupar os painéis, permitindo deste modo uma visão mais objetiva e sistematizada. Este diagrama esquematiza exclusivamente os conjuntos encontrados até ao momento no espaço museológico do MNAz.



DIAGRAMA





Azulejaria Rococó “Regresso à cor” no Museu Nacional do Azulejo.

Tipologias aplicadas aos espaços arquitetónicos

Seguidamente ao processo de identificação, montagem e registo fotográfico somos detentores de informação suficiente, para realizar uma primeira abordagem sobre as diferentes tipologias descobertas na reserva do MNAz. Estes painéis têm características formais que se adaptam a diversos espaços arquitetónicos (painéis, entre-portas, escadas, silhares).

Painéis



Fig.76-Painel de azulejos

Os painéis são composições verticais ou horizontais constituídas por um número variável de azulejos compondo uma unidade formal com uma função e um valor estético.

Os painéis do núcleo “regresso à cor” apresentam diversas dimensões. Através dos registos de levantamento temos a indicação que em alguns casos era colocada como primeira fila, na horizontal, um rodapé esponjado a azul¹⁷.

¹⁷ Rodapé é um elemento linear colocado na parte inferior do conjunto azulejar.



Azulejaria Rococó “Regresso à cor” no Museu Nacional do Azulejo.

Entre-portas

Os conjuntos azulejares designados de “entre-portas” são constituídos por uma ou duas filas de azulejos na vertical. São aplicados nos espaços arquitetónicos entre duas portas ou entre áreas com saliências arquitetónicas.

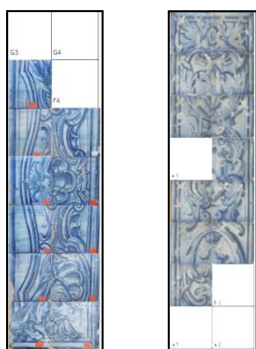


Fig. 77-Entre-portas

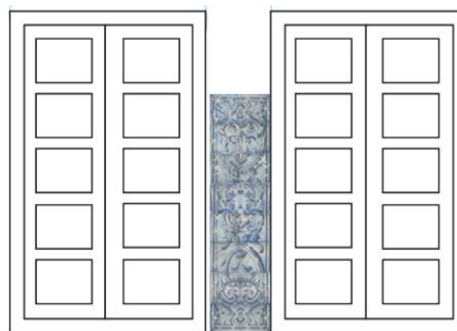
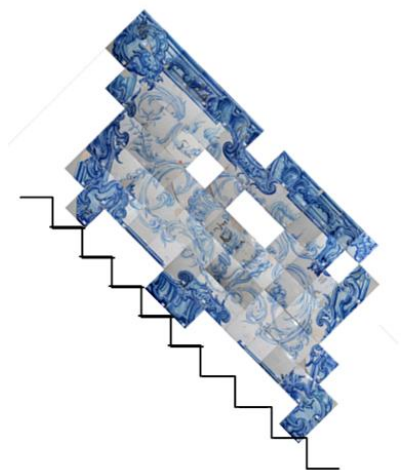


Fig.78-Exemplo de aplicação de um entre-portas na arquitetura.

Escadarias



Fig.79-Silhar ornamental para escadaria (lado direito)



Os silhares de escadaria foram concebidos para revestir as paredes laterais das escadarias. Eram aplicados em pares simétricos, adaptados ao declive da arquitetura, normalmente articulados com os cantos e rodapé. Ao observarmos este silhar ornamental para escadaria verificamos que os elementos ornamentais, que constituem o centro da composição, têm uma inclinação sendo esta uma característica que nos permite identificar o conjunto.

Fig.80-Exemplo de aplicação do silhar ornamental de escadaria.



Azulejaria Rococó “Regresso à cor” no Museu Nacional do Azulejo.

Moldura

A moldura teve o seu início em pinturas feitas em vasos e em túmulos, surgindo posteriormente em mosaicos, painéis decorativos e nos famosos retábulos, nos quais a sua moldura era considerada um elemento muito importante. Acompanhando sempre os movimentos artísticos ao longo da história permitem-nos caracterizar épocas tal como iremos verificar no núcleo em estudo.

Tanto na azulejaria como nas mais distintas áreas da arte as molduras são usadas para guarnecer, dar destaque e ornamentar determinada composição, sendo dotadas de grande criatividade. O objetivo deste enquadramento é valorizar a composição azulejar. Neste núcleo assistimos ao abandono das anteriores representações arquitetónicas com os típicos adornos barrocos ou seja à perda da teatralidade que caracterizava este estilo. A moldura tem como função a encenação da imagem sendo um elemento de ligação ao espaço arquitetónico.



Fig.81,82-Molduras Barrocas



Azulejaria Rococó "Retorno à cor" no Museu Nacional do Azulejo.

Na moldura destacamos o uso de uma só cor, o azul-cobalto de cor intensa, trabalhado com o uso da técnica do esgrafitado, sendo a responsável pela decoração, baseando-se na gravação de motivos decorativos riscados na face vidrada com algum objeto pontiagudo por vezes o cabo do pincel que pressionado deixa emergir a zona da chacota, gravando na moldura motivos decorativos, contrastando com o restante azul.

Nos diversos painéis que irão ser apresentados apercebemo-nos que os azulejos que compõem a moldura são diferentes, embora quando têm a mesma temática observamos que a moldura segue o mesmo esquema compositivo.



Fig.83,84,85-Molduras com diferentes motivos ornamentais.



Azulejaria Rococó “Regresso à cor” no Museu Nacional do Azulejo.



Fig.86,87,88,89,90,91,92,93,94-Motivos ornamentais de molduras

Como podemos observar confirmamos a presença recorrente de concheados, concreções minerais, elementos vegetais, etc., uma decoração rica em conchas e palmas. Para além da utilização de elementos distintos na moldura verifica-se que nesta produção é dada uma grande importância ao emolduramento. Em grande parte dos casos encontrados verificou-se que a moldura adotava a simetria.



Tipologias do núcleo

A azulejaria desempenha uma tarefa funcional e decorativa, constituindo uma das expressões mais emblemáticas e originais da cultura portuguesa. O azulejo é um elemento importante e deslumbrante, revestindo com todo o seu esplendor diversas superfícies, individualizando os diversos espaços e recantos através da variedade dos temas iconográficos e ornatos e do esplendor das cores.

Nos conjuntos azulejares joaninos foram identificados dois tipos de painéis, os figurativos e os ornamentais, policromos e monocromáticos. Os conjuntos figurativos retratam determinado acontecimento (histórico, religioso, mitológico ou representando cenas do quotidiano), designados usualmente por painéis historiados. Os painéis figurativos encontrados no núcleo do MNAz são:

- Cristológicos
- Marianos
- Representação das virtudes teológicas
- Cupidos
- Composições ornamentadas com cenas galantes



Fig.95-Painel figurativo representando uma Virtude teológica (Esperança)



Azulejaria Rococó “Regresso à cor” no Museu Nacional do Azulejo.

Alguns dos painéis narram a vida de Cristo, da Virgem e de santos, tendo sido aplicados em espaços religiosos. Nos conjuntos azulejares em análise encontramos, na sua maioria, representações de santos com grande relevo no culto da igreja Católica Portuguesa. As representações dos santos obedecem às suas características físicas, à sua indumentária, às quais se associam os seus atributos, elementos ligados à sua imagem e relacionados com a sua personalidade, condição, profissão, vida ou martírio.

Podemos confirmar que, por norma, os santos e santas são retratados na plenitude das suas vidas, nalguns casos foram representados idosos como é o caso de S. José e S. Jerónimo.

A silhueta normalmente é esguia porque acredita-se que tenham vivido existências espirituais fomentando determinadas características físicas (magreza, palidez, fragilidade, etc.), ainda que se conheçam algumas exceções. Normalmente os homens são representados com cabelo e barba, curta e aparada nos mais jovens e farta e longa nos que têm características patriarcais. Nas santas quase sempre jovens, encontram-se representados os cabelos compridos, mas raramente visíveis.

A indumentária é um aspeto muito importante, sendo reveladora da sua identidade, da época em que viveu, dando-nos a conhecer a sua vivência e informações relativamente ao seu país de origem, à época etc.

Um número significativo dos santos viveu nos primeiros séculos do Cristianismo, no Império Romano ou nas zonas adjacentes. Por esse motivo aparecerem usualmente com vestimenta romana convencional (túnica, manto e sandálias).



Fig.96-Pormenores de painéis figurativos.



Azulejaria Rococó “Regresso à cor” no Museu Nacional do Azulejo.

Como podemos confirmar na figura em baixo observamos na imagem central o Arcanjo Miguel, representado com a sua espada e armadura.

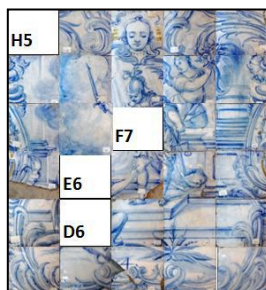


Fig.97-Painel figurativo “Arcanjo Miguel”.

As composições ornamentais utilizadas para a decoração dos espaços arquitetónicos são manufacturadas sem a preocupação da temática figurativa, havendo uma maior preocupação no enriquecimento dos motivos ornamentais que compõem o painel. Estes normalmente destinavam-se a espaços secundários (corredores, sacristias, escadas ou a determinados espaços de jardins). Estas composições apresentam-nos uma grande diversidade de esquemas ornamentais.

Os painéis ornamentais são constituídos por elementos decorativos e destinam-se a espaços arquitetónicos específicos. Os painéis identificados representam:

- Fontes congeladas
- Césares
- Vasos de girassóis
- *Ferromneries*



Fig.98,99-Secções de painéis ornamentais.



Azulejaria Rococó “Regresso à cor” no Museu Nacional do Azulejo.

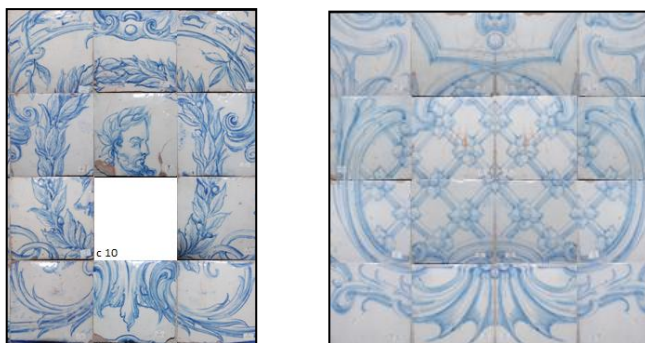


Fig.100,101- Secções de painéis ornamentais

Em alguns casos, para além do seu valor decorativo, estas composições por vezes cumprem uma função simbólica. Na composição ornamental verificamos a representação de diversos elementos representativos da flora, fauna e busto ou rosto feminino.

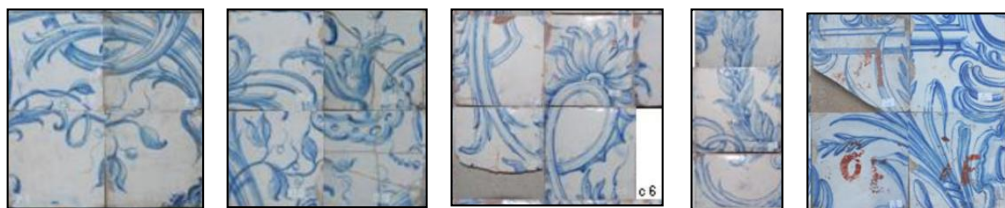


Fig.102,103,104,105-Flora



Fig.106,107,108,109-Fauna



Fig.110,111,112-Busto ou rosto Feminino.



Azulejaria Rococó “Regresso à cor” no Museu Nacional do Azulejo.

Confrontando as imagens dos painéis figurativos apercebemo-nos que, no núcleo em estudo, todos são policromos e seguem o mesmo esquema compositivo, variando consoante a sua dimensão. Confirma-se que em todas as composições figurativas o centro do painel é definido pela cara de uma figura feminina. Esta encontra-se presente em todos os painéis que compõem o conjunto azulejar figurativo.



Fig.113-Figura feminina (centro dos painéis)

A composição do painel é determinada pela sua dimensão. Assim um painel até cerca de oito azulejos de largura é composto por moldura esgrafitada (1), moldura interior (2) que envolve a cena central tendo ao centro a cara de figura humana (3).



Fig.114-Composição azulejar com oito azulejos de largura



Azulejaria Rococó “Regresso à cor” no Museu Nacional do Azulejo.

O painel com cerca de treze azulejos é constituído pelos mesmos elementos ornamentais do painel anterior tendo, devido à sua maior dimensão, um acréscimo de elementos. Assim, a composição assume os elementos anteriores e acrescenta os bustos femininos laterais (4) fazendo o elo de ligação entre a moldura interior e a exterior através de panejamentos e grinaldas de flores (5).



Fig.115-Composição azulejar com treze azulejos de largura

Composições azulejares constituídas por dezasseis ou mais elementos dispostos na horizontal assumem a mesma composição dos conjuntos anteriores, verificando um acréscimo de componentes ornamentais como vasos floridos (6).



Fig.116-Composição azulejar com dezasseis azulejos de largura



Azulejaria Rococó “Regresso à cor” no Museu Nacional do Azulejo.

Nos painéis ornamentais observamos ao contrário dos figurativos, estes são sem exceção monocromáticos. O seu esquema compositivo não segue nenhuma regra sendo a sua composição em cada painel particular, apesar de se ter observado painéis com a mesma tipologia seguem a mesma composição, como podemos confirmar na imagem seguinte de dois painéis com a mesma temática, para o conjunto de painéis com a temática das fontes congeladas foi encontrada uma gravura que pode ter sido a base para a manufatura das composições com esta temática.



Fig.117,118-Painéis ornamentais “Fontes Congeladas”

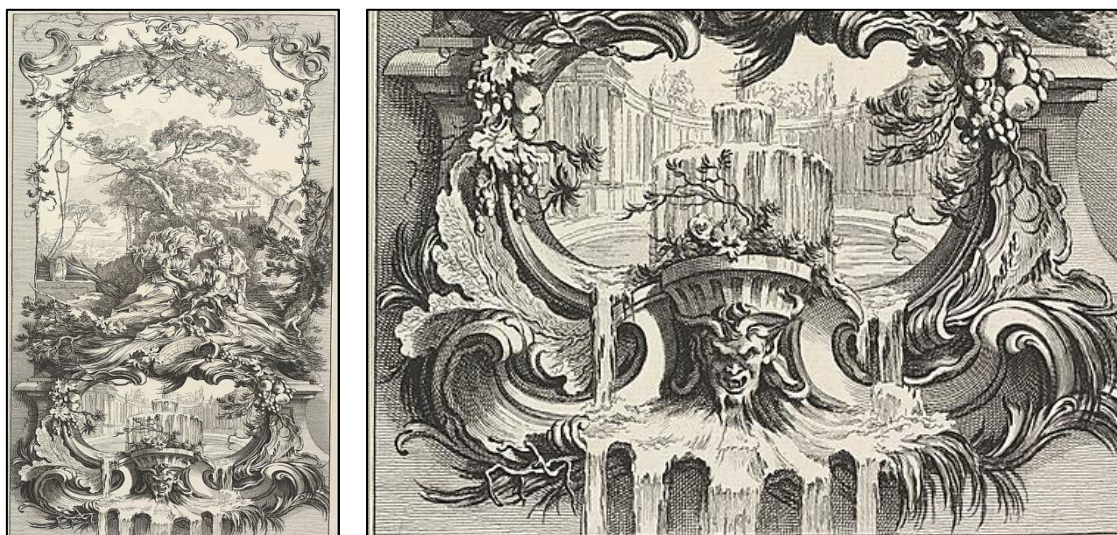


Fig.119-Gravura, Le triomphe de Pomone, Charles nicolas Cochin II after Francois Boucher (1703-1770)



Azulejaria Rococó “Regresso à cor” no Museu Nacional do Azulejo.

A dimensão dos painéis é muito diversificada. Encontraram-se painéis de pequenas, médias e grandes dimensões sendo o mais pequeno de A 143 cm x L 57,2 cm e o maior A 143 cm x L 1544.4 cm. Sendo estes conjuntos artísticos destinados a espaços de diferentes dimensões. No decorrer da montagem física e virtual foi-nos possível aperceber que, na maioria dos casos, o painel tem de altura dez azulejos, embora tenham surgido painéis de dimensões que variam entre sete, oito e nove azulejos de altura.



Fig.120-Painel de maior dimensão 143 cm x L 1544.4 cm.

Verificaram-se dois casos isolados, um painel com onze azulejos de altura e outro de cinco permitindo-nos observar o maior e o menor em altura do núcleo em estudo.

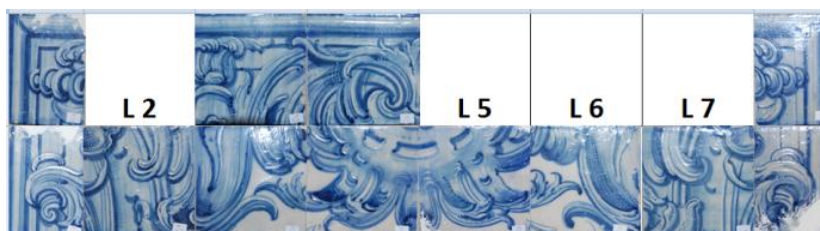


Fig.121-Painel figurativo policromo com limite na fila (L)



Fig.122-Painel ornamental monocromático com limite superior na fila (H)

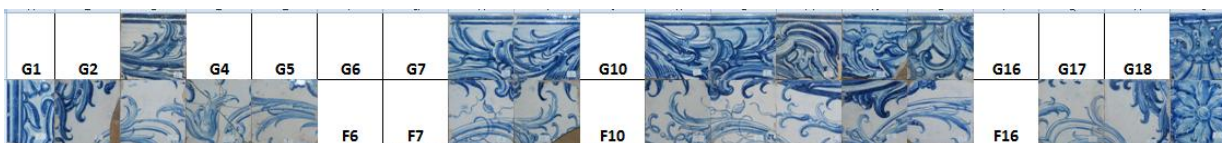


Fig.123-Painel ornamental com limite superior na fila (G)



Azulejaria Rococó “Regresso à cor” no Museu Nacional do Azulejo.



Fig.124-Silhar com limite superior na fila (E)

Verificamos a existência de azulejos de diferentes dimensões no mesmo painel, sendo usual, considerada uma alternativa de enquadramento da composição, em determinado espaço arquitetónico. Este é um dos aspetos do reajustar da azulejaria à arquitetura.

No conjunto em estudo verificou-se a presença de quatro dimensões de azulejos, nalguns casos concentrados no mesmo painel. Realizou-se o registo verificando haver diferença de milímetros entre azulejos, tal facto considerado comum por se tratar de azulejos manufacturados, pelo que são aceitáveis as diferenças observadas.

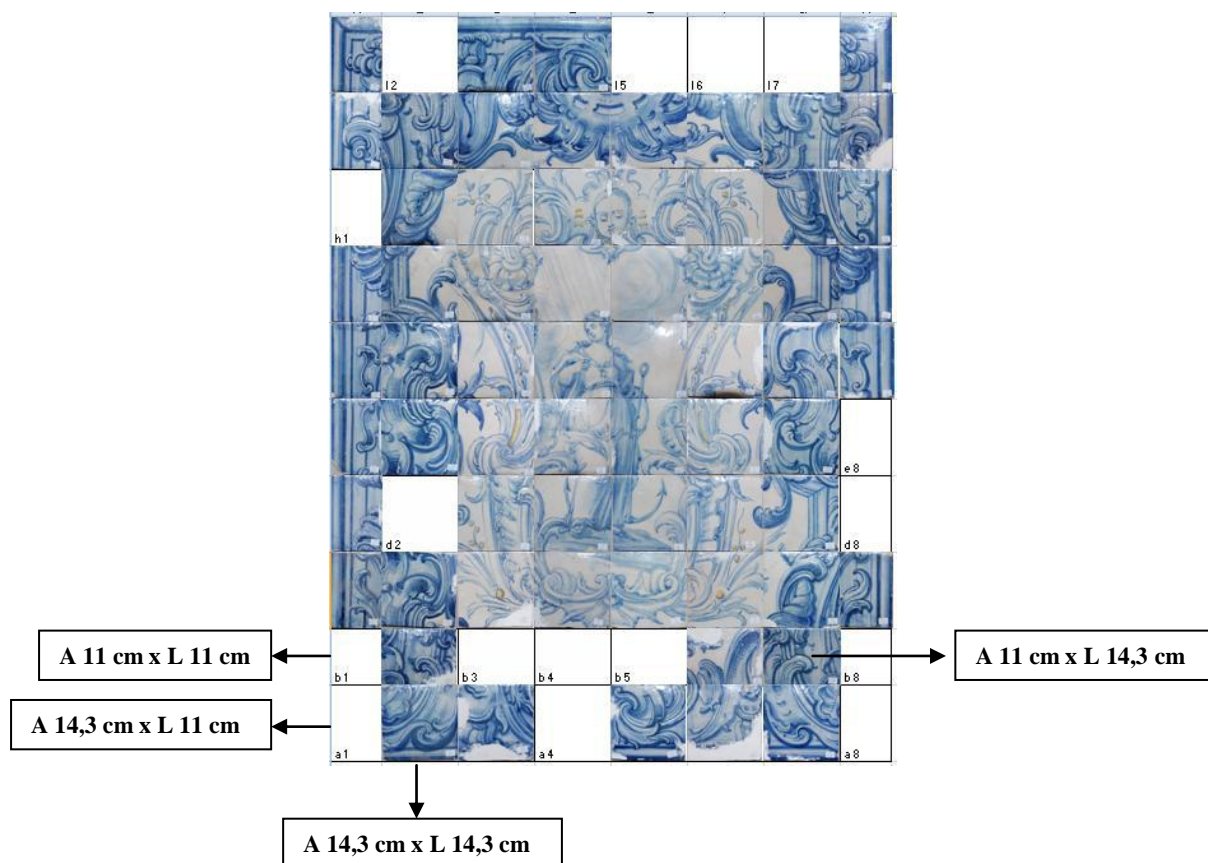


Fig.125-Painel com azulejos de diversas dimensões.



Azulejaria Rococó “Regresso à cor” no Museu Nacional do Azulejo.



Para determinarmos a dimensão de um painel é suficiente termos o azulejo do canto superior direito. Este dá-nos a indicação da altura e da largura sendo este um indicador fundamental para conhecer-mos o objeto em análise.


L1	L2	L3	L4	L5	L6	L7	
Y1	Y2	Y3	Y4	Y5	Y6	Y7	Y8
H1	H2	H3	H4	H5	H6	H7	H8
G1	G2	G3	G4	G5	G6	G7	G8
F1	F2	F3	F4	F5	F6	F7	F8
E1	E2	E3	E4	E5	E6	E7	E8
D1	D2	D3	D4	D5	D6	D7	D8
C1	C2	C3	C4	C5	C6	C7	C8
B1	B2	B3	B4	B5	B6	B7	B8
A1	A2	A3	A4	A5	A6	A7	A8

Fig.126-Grelha de montagem com azulejo indicador da dimensão do painel

Caso não tenhamos este elemento um outro indicador pode ser a escala do desenho. Quanto maior o desenho, maior a composição. Como podemos constatar nas imagens seguintes o painel da figura (128) é maior do que o painel da figura (127) porque a mesma figura é representada em dois azulejos obedecendo a uma escala diferente.



Fig.127,128-Azulejos representativos de escalas diferentes nos painéis.

No inventário do MNAz consta unicamente um painel “regresso à cor”. Que foi descoberto e identificado na década de 1980, tendo-se posteriormente, dado início ao seu restauro e concluído em 2008 para integrar uma exposição. O conjunto azulejar encontrava-se incompleto não sendo conhecidas a fila (1) nem a fila (A e B).



Azulejaria Rococó “Regresso à cor” no Museu Nacional do Azulejo.

L1	L2	L3	L4	L5	L6	L7	L8	L9	L10	L11	L12	L13	L14	L15
Y1	Y2	Y3	Y4	Y5	Y6	Y7	Y8	Y9	Y10	Y11	Y12	Y13	Y14	Y15
H1	H2	H3	H4	H5	H6	H7	H8	H9	H10	H11	H12	H13	H14	H15
G1	G2	G3	G4	G5	G6	G7	G8	G9	G10	G11	G12	G13	G14	G15
F1	F2	F3	F4	F5	F6	F7	F8	F9	F10	F11	F12	F13	F14	F15
E1	E2	E3	E4	E5	E6	E7	E8	E9	E10	E11	E12	E13	E14	E15
D1	D2	D3	D4	D5	D6	D7	D8	D9	D10	D11	D12	D13	D14	D15
C1	C2	C3	C4	C5	C6	C7	C8	C9	C10	C11	C12	C13	C14	C15
B1	B2	B3	B4	B5	B6	B7	B8	B9	B10	B11	B12	B13	B14	B15
A1	A2	A3	A4	A5	A6	A7	A8	A9	A10	A11	A12	A13	A14	A15



Azulejos inexistentes na década de 1980



Azulejos existentes na década de 1980

Fig.129-Grelha de identificação do painel (anos 80)

Com a realização deste estágio, descobriu-se que o painel que se encontrava na reserva definitiva, montado em suporte de acrílico era uma secção de um painel maior. Um dos indicadores principais foi o aparecimento de elementos da moldura que nos mostram ter continuidade. No “regresso à cor” os painéis figurativos de maiores dimensões são constituídos por diversas secções, ou seja, por norma atingem no máximo vinte e dois azulejos de comprimento finalizando com uma moldura composta por elementos de ligação a outro painel, funcionando como painéis independentes embora com a mesma temática.

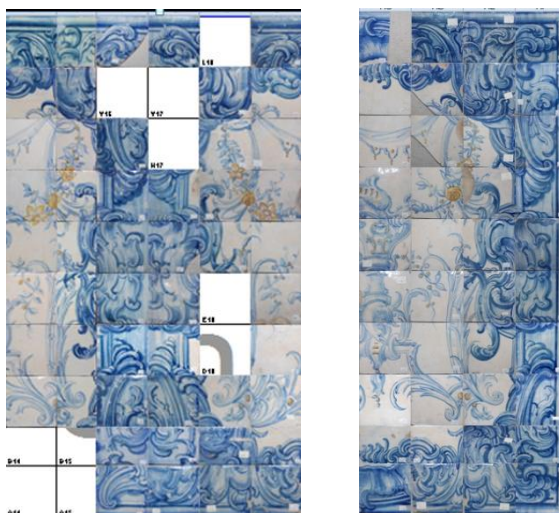


Fig.130,131-Elementos de ligação e elementos do fim da composição



Devidamente identificado através da realização de uma grelha de registo de azulejos o painel foi fotografado para a realização da montagem virtual.

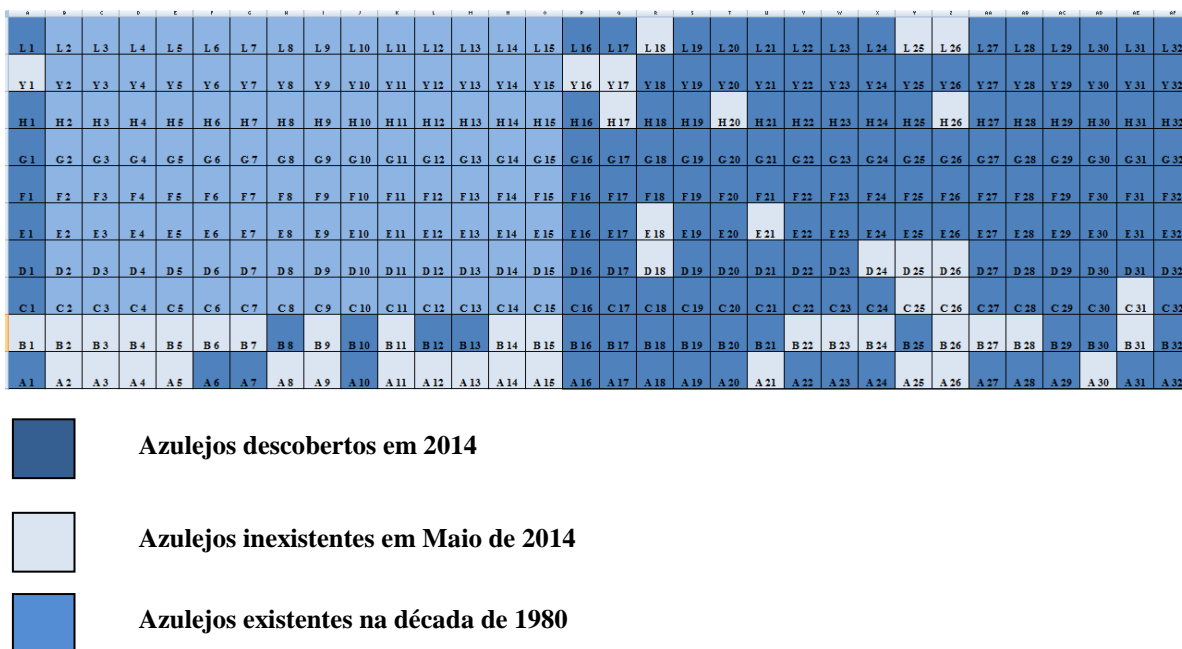


Fig.132-Grelha de identificação do painel (2014)



Fig.133-Montagem virtual do painel

Durante a campanha fotográfica realizada para este painel, sendo usual fotografar o tardo de alguns azulejos para registo fotográfico do código, verificou-se a existência de vestígios de ceras no tardo de dos azulejos da fila (1), elementos estes que estavam em falta na década de 1980 como se pode constatar na grelha apresentada anteriormente. Outrora era prática corrente os azulejos serem assentes



Azulejaria Rococó “Regresso à cor” no Museu Nacional do Azulejo.

sobre grades, articulados e fixados com uma cola composta por cera virgem, resina e dextrina com aplicação a quente.

Este facto permitiu-nos fazer a ligação a um passado recente pois sabendo que antigamente era prática comum a colocação de azulejos que não pertenciam a determinado painel nesse mesmo painel tendo em conta que se trata de parte da moldura, não havendo qualquer registo desta situação.



Composições azulejares no espaço arquitetónico

Nem sempre é possível realizar a montagem através da identificação do tardez deste modo. Em alguns casos as argamassas nos tardezes dos azulejos são de difícil remoção e muito compactas, tendo cerca de 8 cm de espessura, o que impossibilita a sua identificação.

Em determinadas situações verificamos que esses azulejos tinham na face vidrada uma marcação feita a tinta de diferentes cores e nalguns casos a lápis de cera. Estas marcas são chamadas “marcas de levantamento”, efetuadas pelas brigadas encarregues pelo levantamento dos painéis dos locais onde se encontravam. Estas marcações são feitas em todos os azulejos antes de serem retirados do suporte arquitetónico, para facilitar a sua montagem posterior.

Estas marcas fornecem-nos inúmeras informações importantes com as quais podemos proceder, por exemplo, à montagem do painel e, por vezes, mostram-nos a sequência dos conjuntos azulejares num determinado espaço arquitetónico.



Fig.134,135,136,137,138-Azulejos com marcas de levantamento no vidrado.

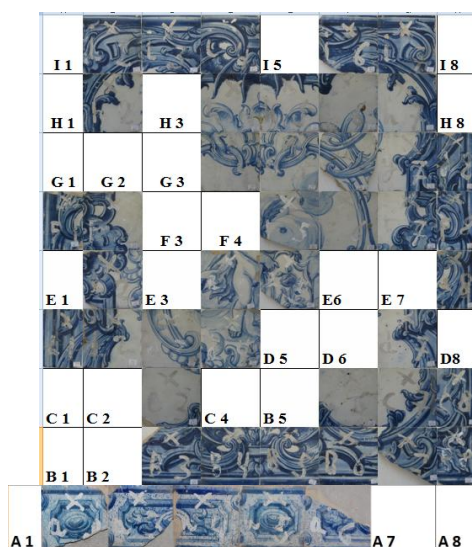


Fig.139-Grelhas com marcas de levantamento. Os azulejos colocados na grelha permitem-nos a reconstituição das indicações alfanuméricas em falta.



Composições azulejares no espaço arquitetónico



Fig.140,141,142,143-Painel figurativo com o respetivo rodapé ladeado do entre-portas do conjunto com o respetivo rodapé.

Através das marcas de levantamento foi-nos possível perceber que o conjunto representado na figura acima estava colocado no mesmo espaço arquitetónico.

Se observarmos a composição certificamo-nos que a primeira fila tem no vidrado de cada azulejo um código (X) e a indicação alfanumérica sendo a fila (a) o rodapé com esponjado¹⁸ que segue com o painel e a primeira fila do painel identificada no vidrado como fila (B)

As marcas de levantamento não são regulamentadas, foram verificados diferentes processos de marcação. Todos estes elementos são importantes como testemunhos transmitindo-nos informações acerca dos painéis. Para que estas informações perdurem foram realizadas grelhas com a marcação do levantamento e o seu registo fotográfico. Caso um painel que tenha estas marcas seja escolhido para restauro passará por diversas etapas sendo uma delas a limpeza do vidrado o que implica a remoção destas marcas, fazendo elas parte integrante do historial do painel.

¹⁸ Esponjado é a técnica de decoração que consiste no uso de uma esponja, embebida em pigmentos cerâmicos ou óxidos, no corpo cerâmico para obter uma decoração com aparência de pedra. Usada desde o séc. XVIII, especialmente, no revestimento de rodapés.



Azulejaria Rococó “Regresso à cor” no Museu Nacional do Azulejo.

Paleta cromática

Nos revestimentos cerâmicos as cores obtêm-se através de óxidos metálicos refratários de origem natural ou artificial, sendo aplicados no seu estado puro ou combinados com outros. O núcleo “regresso à cor” distingue-se não só pela introdução de elementos *rocaille* na sua decoração como no alargamento da paleta cromática empregue, a cor amarela e púrpura embora seja utilizada em pequena quantidade. Estas são o elemento principal que dá o nome ao núcleo verificando-se um abandono do azul e branco e assistindo à reintrodução de registos de cor.

Foi visível a utilização do vidrado branco estanífero apresenta um aspeto opaco. A cor azul é a mais importante considerada a cor nobre tem origem no lápis-lazúli, uma pedra semipreciosa, sendo a predominante no conjunto, manifestando várias tonalidades de acordo com o teor do pigmento empregue. Nos painéis em análise esta cor é encontrada usualmente nos contornos e no preenchimento dos motivos ornamentais. Por vezes foi visível o alastramento da cor para além dos limites do ornamento.



Fig.144,145-Pormenores dos contornos e do preenchimento dos ornatos.

O manganês tem uma tonalidade púrpura acastanhada e foi utilizado para definir os contornos dos elementos decorativos preenchidos a amarelo, e mais ou menos diluída.

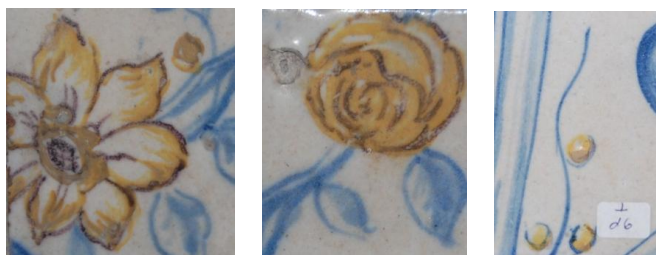


Fig.146,147,148-Promenores da pintura.



Azulejaria Rococó “Regresso à cor” no Museu Nacional do Azulejo.

Verifica-se que o pigmento amarelo caracteriza-se pela sua coloração mais opaca, apresentando nalguns casos uma textura diferente, mais densa e rugosa, sendo possível identificar as pinceladas do artista, permitindo-nos observar que esta cor se sobrepõe às restantes.



Sequência de painéis numerados

No conjunto de painéis encontrados foram identificados cinco numerados pelo artista na face vidrada, de modo a criar uma referência narrativa permitindo agrupá-los e fazer o seu enquadramento arquitetónico. Consideramos a possibilidade do conjunto ter estado no mesmo espaço arquitetural, porque apresentam a mesma tipologia e estão todos numerados, aspeto diferenciador dos restantes painéis do núcleo, possibilitando agrupá-los e distribuí-los no seu espaço de origem.

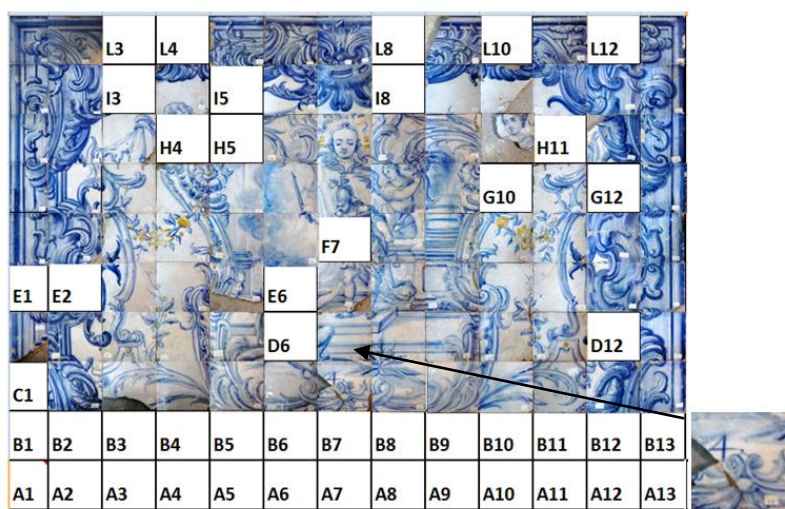


Fig.149-Painel figurativo “Arcanjo Miguel”

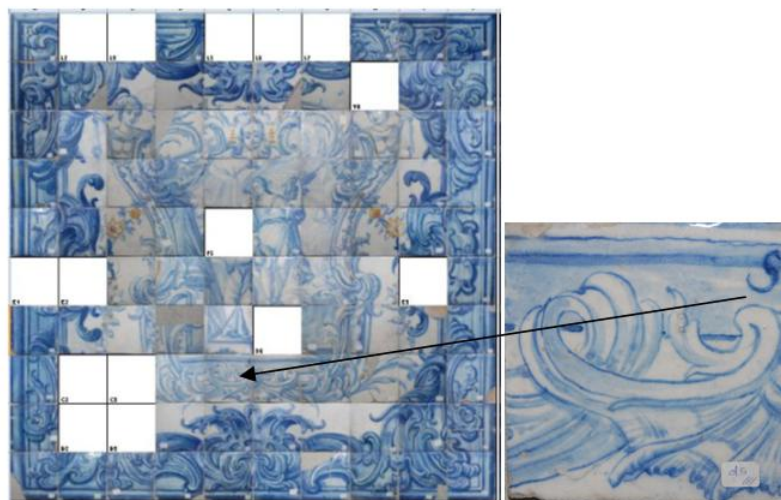


Fig.150-Painel figurativo “Anunciação”



Azulejaria Rococó "Regresso à cor" no Museu Nacional do Azulejo.



Fig.151-Painel figurativo



Fig.152-Painel figurativo, Alegoria: Caridade e Vida Religiosa

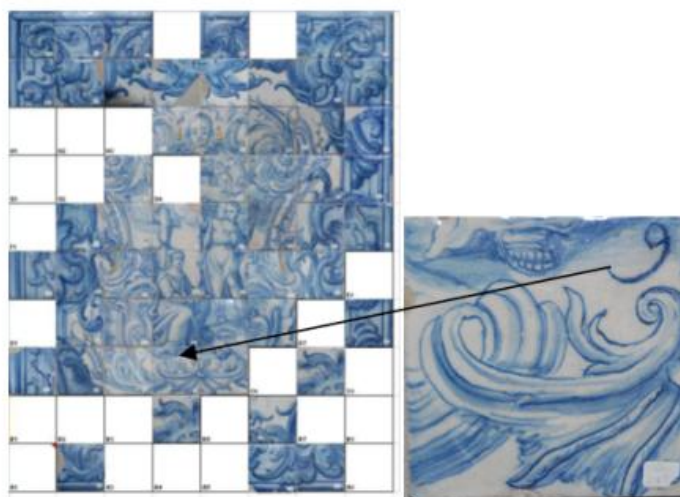


Fig.153-Painel figurativo, Mater Dolorosa



Azulejaria Rococó “Regresso à cor” no Museu Nacional do Azulejo.

Confrontando as imagens dos painéis numerados verificamos que dois deles tem a mesma numeração (9), permitindo-nos interrogar se o artista se enganou na marcação ou se um deles não pertence a este conjunto permitindo-nos questionar a existência de outro conjunto de painéis numerados. Esta última hipótese parece menos razoável por não possuímos mais duplicações numéricas e o conjunto é, do ponto de vista ornamental semelhante.

Perante a sequência numérica deste conjunto é possível “recriar” o espaço arquitetónico e a disposição espacial dos painéis. A distribuição dos conjuntos azulejares no espaço religioso segue a simetria verificada nas composições deste núcleo.

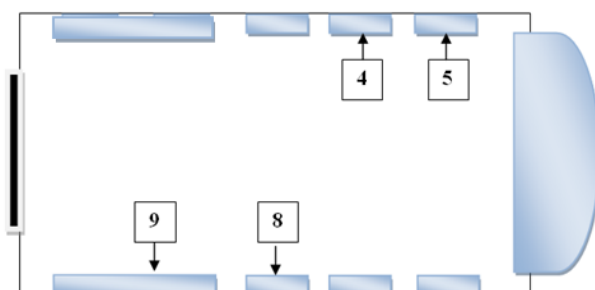


Fig.154-Esquema da localização dos painéis no espaço arquitetónico

Outro caso observado foi o de três painéis figurativos representando as Virtudes Teológicas símbolos da Igreja Católica. As suas características formais e estéticas indicam que estes painéis pertencem à mesma serie.



Fig.155,156,157-Painéis figurativos das três Virtudes Teológicas (Esperança, Fé e Caridade)



Azulejaria Rococó "Retorno à cor" no Museu Nacional do Azulejo.

Outras tipologias e motivos ornamentais

Anteriormente foram apresentados diversos painéis com tipologias distintas, o que nos permite ter uma visão geral do núcleo em análise. Durante o processo de identificação foram encontrados azulejos que não pertencem aos conjuntos azulejares já identificados e acondicionados, estes azulejos foram separados porque nos informam acerca da existência de outras tipologias ainda não localizados neste núcleo. Observando os azulejos apresentados nas figuras a baixo podemos concluir que se trata de painéis muito distintos.

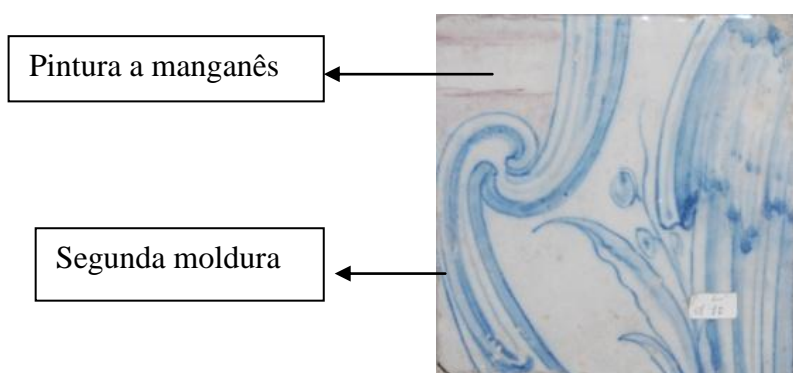


Fig.158-Elemento azulejar de um painel figurativo policromo.

O azulejo da fig. 158 pertence a um painel policromo. Pois nele podemos observar no canto superior esquerdo a pintura a manganês. Este será um painel com uma cena ao centro pintada parcialmente ou totalmente a manganês, circunscrita pela característica segunda moldura.



Fig.159-160,161,162-Azulejos com motivos ornamentais distintos.

Estes elementos encontram-se agrupados e acondicionados na reserva do museu, embora se verifique que o número de azulejos descobertos até ao presente é insuficiente



Azulejaria Rococó “Regresso à cor” no Museu Nacional do Azulejo.

para nos fornecer dados relativos à sua tipologia ou ao seu esquema compositivo. Podemos apenas certificar que se trata de elementos ornamentais distintos dos encontrados anteriormente.



Fig.163-Azulejo esgrafitado

A pintura deste elemento indica-nos pertencer à moldura esgrafitada de um silhar. Embora isolado permite-nos perceber que é um elemento de ligação com a fila superior. Sabendo da existência de um silhar com estas características na Sé de Angra, Açores, podemos estar perante uma mesma conceção de organização no espaço arquitetónico. Todos os azulejos apresentados indicam a existência de diferentes tipologias na reserva museológica do museu ainda por identificar na sua totalidade.



Fig.164,165,166-Silhar “Regresso à cor” da Igreja de São Francisco, Arquipélago dos Açores, Ilha terceira (Fotos: Alexandre Pais).



Estudo comparativo com produções contemporâneas

No século XVIII, entre 1735 e 1755, assistimos à produção de painéis de azulejos influenciados pelo estilo *Rocaille*, no entanto, é importante observarmos outras produções manufaturadas neste período para percebermos a diversidade então existente. Não nos podemos referir ao núcleo “regresso à cor” como sendo o único, encontram-se em todos os períodos produções contemporâneas variadas obedecendo a esquemas cromáticos e estéticos distintos, apesar de em alguns casos ser evidente a influência das produções suas contemporâneas.

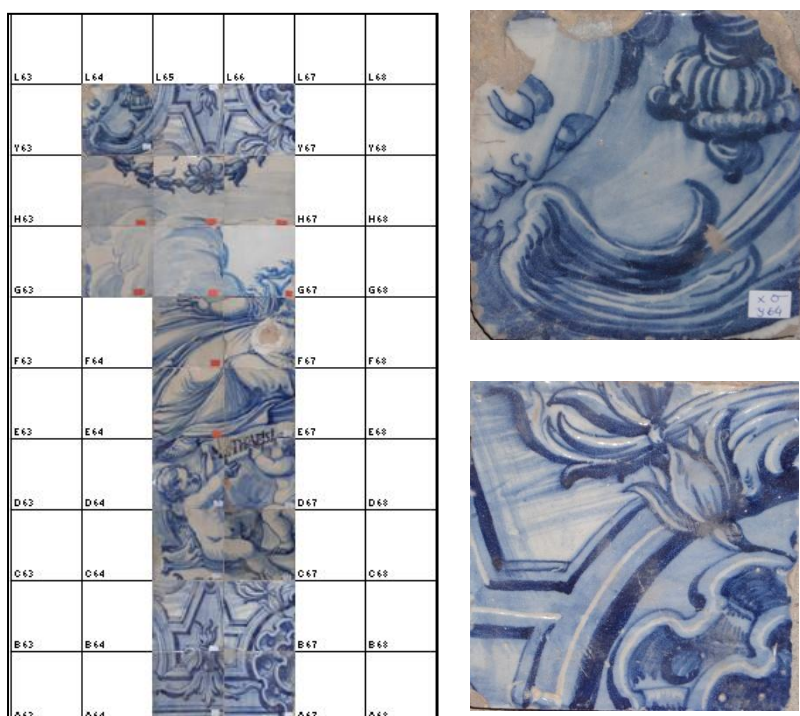


Fig.167-Secção de painel século XVIII, produção contemporânea do núcleo “Regresso à cor”.

Fig.168,169-Azulejos esgrafitados.

Como podemos observar nas imagens anteriores verificamos que a moldura do painel segue a mesma tipologia do conjunto “regresso à cor”. Constatamos a existência da moldura esgrafitada, embora com motivos diferentes, e a presença das figuras femininas em *grisaille* semelhantes às encontradas no núcleo em estudo. Esta produção articula-se de modo diferente, não se verificando a presença da “segunda moldura” que caracteriza o núcleo *rocaille*, e verificamos a utilização de iconografias distintas.



Azulejaria Rococó “Retorno à cor” no Museu Nacional do Azulejo.

Método organizativo da reserva museológica

Na estrutura do plano de estágio curricular incluía a organização do núcleo na reserva museológica. Para o cumprimento dessa tarefa foram estabelecidas metodologias. Inicialmente reuniram-se na reserva todos os contentores que continham azulejos pertencentes ao núcleo em estudo, sendo colocados em áreas pré-definidas.

Tendo-se iniciando-se todo processo descrito no capítulo anterior (remoção de argamassas, identificação individual de azulejos, agrupamento por painéis, montagem e registo fotográfico panorâmico). Simultaneamente ao decorrer destes trabalhos libertou-se uma área, nas prateleiras da reserva, para acomodar os contentores do núcleo, criando secções distintas:

- Área A – Zona reservada para painéis já montados e fotografados individualmente.
- Área B – Zona reservada para contentores com azulejos identificados agrupados por código, sem montagem efetuada.
- Área C – Zona reservada para contentores com azulejos identificados de códigos diferentes, para posteriormente associar por códigos.
- Área D – Zona reservada para contentores com azulejos não identificados.

Na área A aplicou-se um novo método identificativo. Utilizou-se uma marcação numérica colocada numa etiqueta e adicionada aos contentores. Atribuiu-se um número a cada painel, e com esta numeração organizou-se internamente os painéis no espaço museológico. Cada painel ocupa um número variável de contentores, dependendo da quantidade de azulejos que o compõem. Assim, o número atribuído ao painel vai ser colocado numa etiqueta e colocado em cada contentor que integrar o mesmo conjunto azulejar.

Posteriormente foi elaborada uma ficha de painel (ANEXOS 1 a 29) adaptada a cada conjunto azulejar. A ficha foi criada com o intuito de identificar o espólio acondicionado nos contentores e fornecer as informações elementares. Na ficha de painel consta:

- Número dado ao painel para ser identificado na reserva museológica;
- Número de inventário atribuído;
- Grelha composta com os elementos azulejares existentes, com informação relativa à dimensão dos azulejos constituintes do painel;



Azulejaria Rococó “Regresso à cor” no Museu Nacional do Azulejo.

- Grelha da reconstituição do painel. Considerou-se importante reconstituir informaticamente os painéis, sempre que possível, servindo como plano na realização do restauro. Realizar a reconstituição é possível devido à simetria das composições, permitindo-nos completar os azulejos em falta.
- Sempre que possível realizou-se uma grelha com as marcas de levantamento, quando existiam alguns azulejos com esse registo.
- Foram colocados vários itens informativos:

Composição cromática

Dimensão do painel

Número de azulejos

Número de contentores

Localização

Marcas de tardo

Data

Autoria

As fichas de painel foram arquivadas numa pasta colocada à entrada da reserva, para ser consultada sempre que necessário.



Fig.170-Etiqueta numerada identificativa dos paineis



Fig.171-Estante com paineis identificados.



Azulejaria Rococó “Regresso à cor” no Museu Nacional do Azulejo.



Fig.172-Área reservada para contentores com azulejos identificados de diversos códigos.



Fig.173-Contentores com painel e respetiva ficha.

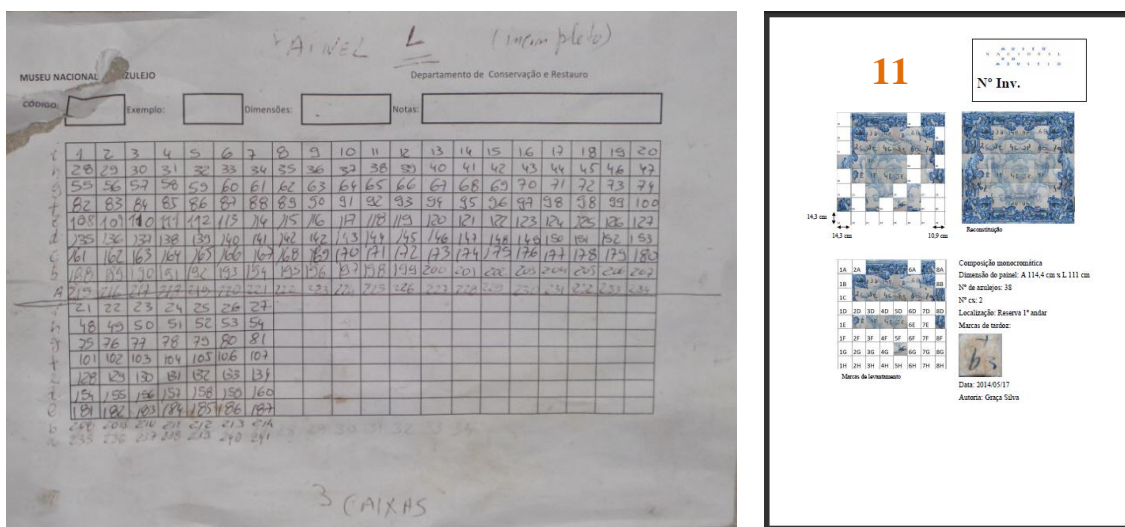


Fig.174-Ficha de painel realizada anteriormente ao estágio e ficha implantada pela estagiária.



Azulejaria Rococó “Regresso à cor” no Museu Nacional do Azulejo.

Finalizado o processo organizativo na reserva do museu iniciou-se a etapa seguinte, a realização da Ficha Matriz para integrar no arquivo do museu e introduzir a informação apurada no sistema informático *Matriz*¹⁹.

A ficha matriz (ANEXO 29 a 56) é o primeiro registo que comprova a existência dos painéis no MNAz, reunindo a informação apurada até ao momento, permitindo a continuação e o desenvolvimento do estudo, dos painéis descobertos durante o estágio curricular.

¹⁹ *Matriz* sistema informático concebido para realizar o inventário, documentação e gestão do espólio móvel dos museus.



Azulejaria Rococó “Retorno à cor” no Museu Nacional do Azulejo.

Proposta de Projeto expositivo para o núcleo “retorno à cor”

Passada a etapa de trabalho prático, compilação e análise de toda a informação, apresentou-se uma proposta de exposição como meio de rentabilizar e divulgar todo o trabalho realizado.

Projetar uma exposição obedece a critérios de diferentes ordens, sendo a principal finalidade a comunicação com o público.

O processo de preparação e montagem de uma exposição é complexo, implicando o esforço de uma equipa de trabalho. Para isto é extremamente importante o conhecimento especializado do grupo, incluindo especialistas na salvaguarda do acervo, no inventário, no restauro, na curadoria, no marketing, no método expositivo e no serviço educativo.

A realização da exposição permite o acesso do público ao núcleo azulejar em estudo, assim, para iniciar o processo deve-se:

- Definir as obras para exposição;
- Medidas de conservação e segurança adequadas;
- Avaliação do espaço disponível, tendo em consideração as necessidades de conservação, conservação, segurança e circulação do visitante;
- Atingir um maior número de público, recorrendo a recursos adicionais (panfletos informativos, visitas guiadas, uso de novas tecnologias).

Todos os intervenientes no projeto assumem a responsabilidade pelo mesmo, participando nas decisões finais desde a cor das paredes, os espaços a criar, eventos e elementos interativos.

Para o projeto expositivo optou-se por eleger os painéis que melhor caracterizavam o núcleo, relativamente à sua tipologia, dimensão e paleta cromática (ANEXO 57).



Azulejaria Rococó “Retorno à cor” no Museu Nacional do Azulejo.

CONCLUSÃO

A gestão do património deve ser ajustada às necessidades da nossa sociedade moderna, atuando em várias vertentes, tanto na sua conservação como na sua valorização, tendo como base funcional um conjunto de programas que vão valorizar e promover esta herança.

Cabe a cada instituição cultural divulgar o seu espólio. Esta gestão do património artístico deve ser desenvolvida por profissionais credenciados e tem como finalidade: estudar as suas coleções, documentá-las, conservá-las e expô-las publicamente, de modo a captar o interesse e a atenção do público.

Em Portugal, os museus têm vindo a incrementar um grande trabalho relacionado com o estudo, embora futuramente seja necessário maior desenvolvimento nesta área, sendo a documentação e os sistemas de informação essenciais para esta função.

É importante fazer-se esporadicamente um ponto da situação relativamente às políticas adotadas, normas, projetos e quais as perspetivas, as estratégias usadas e as parcerias.

O tempo de duração do estágio curricular revelou-se insuficiente para concluir todo o processo relativo ao núcleo “retorno à cor” tendo ficado por identificar cerca de 1750 azulejos num universo de 9450 azulejos, tendo sido possível apresentar quarenta conjuntos azulejares.

O estágio revelou-se uma experiência importante para a formação académica e profissional da estagiária. Permitted desenvolver e adquirir novos conhecimentos nesta área, estar em contacto direto com uma instituição museológica nacional assegurando, deste modo, uma visão real da sua função e do trabalho aí desenvolvido, junto dos técnicos que exercem estas funções no museu.

O trabalho prático na instituição pode ser visto como uma valorização e um conhecimento da memória coletiva dos nossos antepassados. Constatou-se que o inventário e a conservação são um fator de grande importância para que estas memórias perdurem.

O desenvolvimento do trabalho possibilitou conhecer o núcleo “retorno à cor” e as suas características mais evidentes.

Bibliografia:

AAVV (2007). *Normas de Inventário: Cerâmica. Artes Plásticas e Artes Decorativas*, 1ª edição. Lisboa: IPM.

Bíblia. Português (2008). *A Bíblia Sagrada*. Lisboa: Difusora Bíblica. Franciscanos Capuchinhos.

BERNARDA, João, “*A Arte Cerâmica no Mosteiro e nos Coutos Alcobacenses*”, in *A Arte Sacra nos Coutos de Alcobaça*, Lisboa: IPPAR, 1995

CAMÂRA, Maria Alexandra Trindade Gago, *Azulejaria do século XVIII espaço lúdico e decoração na arquitetura civil de Lisboa*, Editora Civilizações

CÂMARA, Maria Alexandra Trindade Gago da, (2005). *A arte de bem viver: a encenação do quotidiano na azulejaria portuguesa da segunda metade de setecentos*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

CAPLE, Chris, *Conservation skills. Judgment, method and decision making*, Routledge: Oxon e Nova Iorque, 2000

CHEVALIER/GHEERBRANT, *Dicionário dos Símbolos*, Teorema

Dissertação apresentada na Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Nova de Lisboa para a obtenção do grau de Mestre em Conservação e Restauro, Área de especialização: Cerâmica e Vidro.

GRIMAL, Pierre, *Dicionário da Mitologia Grega e Romana*, Difel

HENRIQUES, Paulo (1995). *Azulejo*, nº3/7, Lisboa: Museu Nacional do Azulejo.

HENRIQUES, Paulo (2003). *Museu Nacional do Azulejo: Roteiro*. Lisboa: IPM.

HENRIQUES, Paulo (2004). *Azulejo*, nº8/11, Lisboa: Museu Nacional do Azulejo.

MATOS, Maria Antónia, *Museu Nacional do Azulejo*, Museus de Portugal, imc

PEREIRA, Paulo, *2000 Anos de Arte em Portugal, temas e Debates*

SERRÃO, Vítor, *O Barroco*, Editorial Presença

SIMÕES, J. M. dos Santos, ed. lit. LOPES, Vitor Sousa (2001). *Estudos de Azulejaria*.
Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda.

TAVARES, Jorge Campos, *Dicionário dos Santo*, Lello Editores

XAVIER, Susana, *Estudo da Camada Pictórica na Azulejaria Portuguesa do Século XVII*

http://www.museologia-portugal.net/files/upload/mestrados/ines_oliveira_2.pdf

<http://redeazulejo.fl.ul.pt/>

GLOSSÁRIO:

ALEGORIA - Representação de ideias, qualidades e atividades, por meio de objeto ou figura, ou por agrupamento de objetos e figuras, frequentemente, de um modo idealizado.

ARGILA – Certas terras e rochas pulverizadas formam, quando combinadas com água, uma pasta suficientemente homogênea – com plasticidade – passível de ser modelada/moldada, que endurecem ao passo em que vão secando – peças verdes – e que transformam em cerâmica através da ação do fogo. Silicato de alumínio hidratado A argila resulta da decomposição dos feldspatos.

AZULEJO – placa de cerâmica, com espessura variável, habitualmente de forma quadrangular, decorada e vidrada numa das suas faces, cuja função principal é a de revestir de um modo decorativo paredes, muros e também coberturas

AZULEJO ESPONJADO – As tintas são aplicadas por intermédio de uma esponja ou de uma escova, criando uma textura de pontos muito pouco uniforme, tipo mancha.

BONECA DE PÓ DE CARVÃO – Utensílio simples que consiste em embrulhar pó de carvão num pano. Serve para efetuar batimentos suaves sobre o papel picotado de forma a fazer passar partículas de carvão através dos furos picotados. Estes pontos decalcados servem de base ou guia para a pintura dos motivos no azulejo.

BUSTO – Representação em vulto da parte superior do corpo humano, incluindo cabeça, o pescoço, uma parte variável das costas, dos braços, do peito e do tronco.

CARTELA – Forma ornamental em jeito de moldura ou enquadramento que recebe uma inscrição, símbolo ou figura.

CHACOTA – Nome dado á primeira cozedura do barro.

CRAQUELÉ – Termo utilizado para definir pequenas trincas que se formam nos esmaltes. É causado por diferenças dos coeficientes de expansão, ou seja, em função das grandes diferenças entre a expansão e contração térmica da argila e do esmalte.

ESCASSILHAR – Fazer lascas com pequeno martelo nos bordos do tardo de um azulejo de modo a criar arestas irregulares na chacota que facilitam a justaposição e a aplicação dos azulejos à parede.

FAIANÇA - Técnica de majólica desenvolvida durante o Renascimento em centros de produção italianos, como Faenza, de onde provém o nome. É caracterizada pela visualização significativa do vidrado estanífero branco.

ICONOGRAFIA - Disciplina que tem por objeto a descrição explicativa das imagens. Estudo que identifica e classifica os temas de uma obra de arte

MAJÓLICA – Técnica italiana, que veio a permitir pintar sobre o esmalte branco (vidrado) sem haver problemas com a separação das cores. Processo de decoração usado em cerâmicas, onde óxidos corantes e pigmentos são aplicados sobre a superfície da peça esmaltada com vidrados à base de estanho, após a queima das cores é fixado sobre o esmalte.

MOLDE – Qualquer objeto que sustente a argila para criar uma forma.

MOLDURA - Caixilho. Ornato corrido, saliente ou reentrante, simples ou ricamente trabalhado.

PAINEL – Composição formada por um número variável de azulejos cuja leitura constitui uma unidade formal, funcional e estética.

PIGMENTOS CERÂMICOS – Tem a sua origem em óxidos e são de uso.

SILHAR – Pannel de azulejos para revestimento parietal, ocupando uma superfície que vai desde o chão até meio da parede.

VIDRADO – É a mistura de vidro em pó com água ou óleo que depois de cozido pode dar um aspeto brilhante.

INDÍCE DE FIGURAS:

Fig.1- Convento Madre Deus, escadaria do convento e claustro.....	3
Fig.2-Azulejos reutilizado para distintas funções.....	7
Fig.3,4,5 - Gravuras onde artistas como Jacques de la Joue e François de Cuvilliés projetavam fontes assimétricas, monstruosas cártulas quebradas, figuras alegóricas, ruínas do mundo barroco Peyrotte, Blondel e o famoso François Boucher criavam desenhos do caos arquitetural e das fontes romanas.....	11
Fig.6 - Palácio Ceia, painel.....	12
Fig.7 -Gravura de Huquier, Scenes de La vie Chinoise, Biblioteca Nacional de Paris.....	12
Fig.8,9,10,11,12,13, – Gravuras de motivos ornamentais do estilo <i>Rocaille</i>	13
Fig.14,15,16,17,18- Ornatos estilo Rocaille, aplicados a diversas artes (mobiliário, ferragens, talha dourada aplicada em madeira e estuques).....	13
Fig.19- Plumas de Acanto.....	14
Fig.20-“Cartouche Rocaille”.....	14
Fig. 21,22- Concheados/Arabescos.....	14
Fig.23-Aves afrontadas ou Simétricas.....	14
Fig.24-“Asa de Morcego”.....	14
Fig.25-Derivações do acanto.....	14
Fig.26 – Desenhos Rocaille, demonstrando a curvatura dos elementos decorativos.....	15
Fig.27- Plantas do primeiro e segundo andar do MNAz (foto: Sipa).....	18
Fig.28-Azulejos acondicionados em contentores com etiqueta identificativa.....	20
Fig.29,30,31,32- Reserva D. Manuel I (reserva Temporária).....	22
Fig.33,34 - Zona de trabalhos designada ”Aquário”.....	22
Fig.35- Tardoz do azulejo.....	23
Fig.36-Face vidrada do azulejo.....	23
Fig.37,38-Contentores para acondicionamento dos azulejos.....	24
Fig.39,40- Materiais utilizados para a remoção das argamassas do tardoz dos azulejos.....	24
Fig.41- Remoção de argamassas.....	25
Fig.42,43- Utilização de álcool e escova para observar a marcação feita pelo artista no tardoz do azulejo.....	25
Fig.44,45- Observação do código (X) indicação alfanumérica (b 7).....	26
Fig.46- Exemplos de marcação de tardoz.....	26
Fig.47,48- Azulejos com cimento e tintas.....	27
Fig.49,50,51- Limpeza da face vidrada do azulejo, utilizando bisturi, algodão e teepol.....	27

Fig.52,53-Identificação do azulejo.....	27
Fig.54- Tabela de códigos.....	28
Fig.55- Remoção de impurezas depositadas na zona de fratura.....	29
Fig.56,57,58,59,60- Colagem dos fragmentos e colocação em vaso para proceder à secagem.....	29
Fig.61- Grelha de montagem, exemplificação de como se monta um painel, demonstrando qual o lugar que os azulejos ocupam no painel.....	31
Fig.62- Fotografia panorâmica.....	32
Fig.63- Grelha informativa dos elementos existentes.....	32
Fig.64,65,66,67,68- Fotografia individual de cada azulejo, para realizar a montagem virtual.....	32
Fig.69- Montagem virtual em janeiro de 2014 acrescido de azulejos encontrados posteriormente à montagem física em maio de 2014.....	32
Fig.70,71,72- Elementos de três painéis distintos com o código igual.....	33
Fig.73-Painel identificado na reserva.....	33
Fig.74- Planta da reserva.....	34
Fig.75-exemplos de patologias verificadas no núcleo.....	35
Fig.76-Painel de azulejos.....	42
Fig. 77-Entre-portas.....	43
Fig.78-Exemplo de aplicação de um entre-portas na arquitetura.....	43
Fig.79-Silhar ornamental para escadaria (lado direito).....	43
Fig.80-Exemplo de aplicação do silhar ornamental de escadaria.....	43
Fig.81,82-Molduras Barrocas.....	44
Fig.83,84,85-Molduras com diferentes motivos ornamentais.....	45
Fig.86,87,88,89,90,91,92,93,94-Motivos ornamentais de molduras.....	46
Fig.95-Painel figurativo representando uma Virtude teológica (Esperança).....	47
Fig.96-Pormenores de painéis figurativos.....	48
Fig.97-Painel figurativo “Arcanjo Miguel”.....	49
Fig.98,99-Secções de painéis ornamentais.....	49
Fig.100,101- Secções de painéis ornamentais.....	50
Fig.102,103,104,105-Flora.....	50
Fig.106,107,108,109-Fauna.....	50
Fig.110,111,112-Busto ou rosto Feminino.....	50
Fig.113-Figura feminina (centro dos painéis).....	51

Fig.114-Composição azulejar com oito azulejos de largura.....	51
Fig.115-Composição azulejar com treze azulejos de largura.....	52
Fig.116-Composição azulejar com dezasseis azulejos de largura.....	52
Fig.117,118-Painéis ornamentais “Fontes Congeladas”	53
Fig.119-Gravura, Le triomphe de Pomone, Charles nicolas Cochin II after Francois Boucher (1703-1770)	53
Fig.120-Painel de maior dimensão 143 cm x L 1544.4 cm.....	54
Fig.122-Painel ornamental monocromático com limite superior na fila (H).....	54
Fig.123-Painel ornamental com limite superior na fila (G).....	54
Fig.124-Silhar com limite superior na fila (E)).....	55
Fig.125-Painel com azulejos de diversas dimensões.....	55
Fig.126-Grelha de montagem com azulejo indicador da dimensão do painel.....	56
Fig.127,128-Azulejos representativos de escalas diferentes nos painéis.....	56
Fig.129-Grelha de identificação do painel (anos 80).....	57
Fig.130,131-Elementos de ligação e elementos do fim da composição.....	57
Fig.132-Grelha de identificação do painel (2014).....	58
Fig.133-Montagem virtual do painel.....	58
Fig.134,135,136,137,138-Azulejos com marcas de levantamento no vidrado.....	60
Fig.139-Grelhas com marcas de levantamento. Os azulejos colocados na grelha permitem-nos a reconstituição das indicações alfanuméricas em falta.....	60
Fig.140,141,142,143-Painel figurativo com o respetivo rodapé ladeado do entre-portas do conjunto com o respetivo rodapé.....	61
Fig.144,145-Pormenores dos contornos e do preenchimento dos ornatos.....	62
Fig.146,147,148-Pormenores da pintura.....	62
Fig.149-Painel figurativo “Arcanjo Miguel”.....	64
Fig.150-Painel figurativo “Anunciação”.....	64
Fig.151-Painel figurativo.....	65
Fig.152-Painel figurativo, Alegoria: Caridade e Vida Religiosa.....	65
Fig.153-Painel figurativo, Mater Dolorosa.....	65
Fig.154-Esquema da localização dos painéis no espaço arquitetónico.....	66
Fig.155,156,157-Painéis figurativos das três Virtudes Teológicas (Esperança, Fé e Caridade).....	66
Fig.158-Elemento azulejar de um painel figurativo policromo.....	67
Fig.159-160,161,162-Azulejos com motivos ornamentais distintos.....	67

Fig.163-Azulejo esgrafitado.....	68
Fig.164,165,166-Silhar “Regresso à cor” da Igreja de São Francisco, Arquipélago dos Açores, Ilha terceira.....	68
Fig.167-Secção de painel século XVIII, produção contemporânea do núcleo “Regresso à cor”.....	69
Fig.168,169-Azulejos esgrafitados.....	69
Fig.170-Etiqueta numerada identificativa dos paineis.....	71
Fig.171-Estante com paineis identificados.....	71
Fig.172-Área reservada para contentores com azulejos identificados de diversos códigos.....	72
Fig.173-Contentores com painel e respetiva ficha.....	72
Fig.174-Ficha de painel realizada anteriormente ao estágio e ficha implantada pela estagiária.....	72

ANEXOS

ANEXOS 1 – 28
FICHAS DE PAINEL



Silhar figurativo, Alegorias: Caridade (?); Vida religiosa (?)

Lisboa, 1735-1755

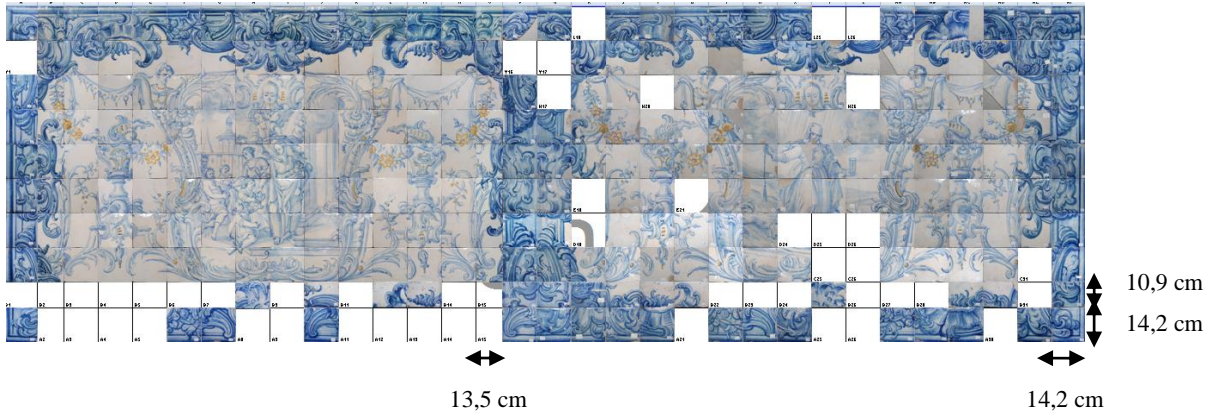
Faiança com pintura a azul sobre branco e apontamento a amarelo e púrpura

138,7 x 453,7 cm

Proveniência desconhecida

MNAZ, inv. nº 872

Nº Inv. 872



Reconstituição

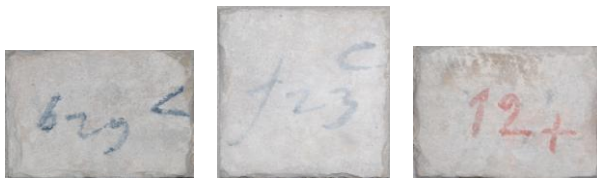
Dimensão do painel: 138,7 x 453,7 cm

Nº de azulejos: 269

Nº cx: 5

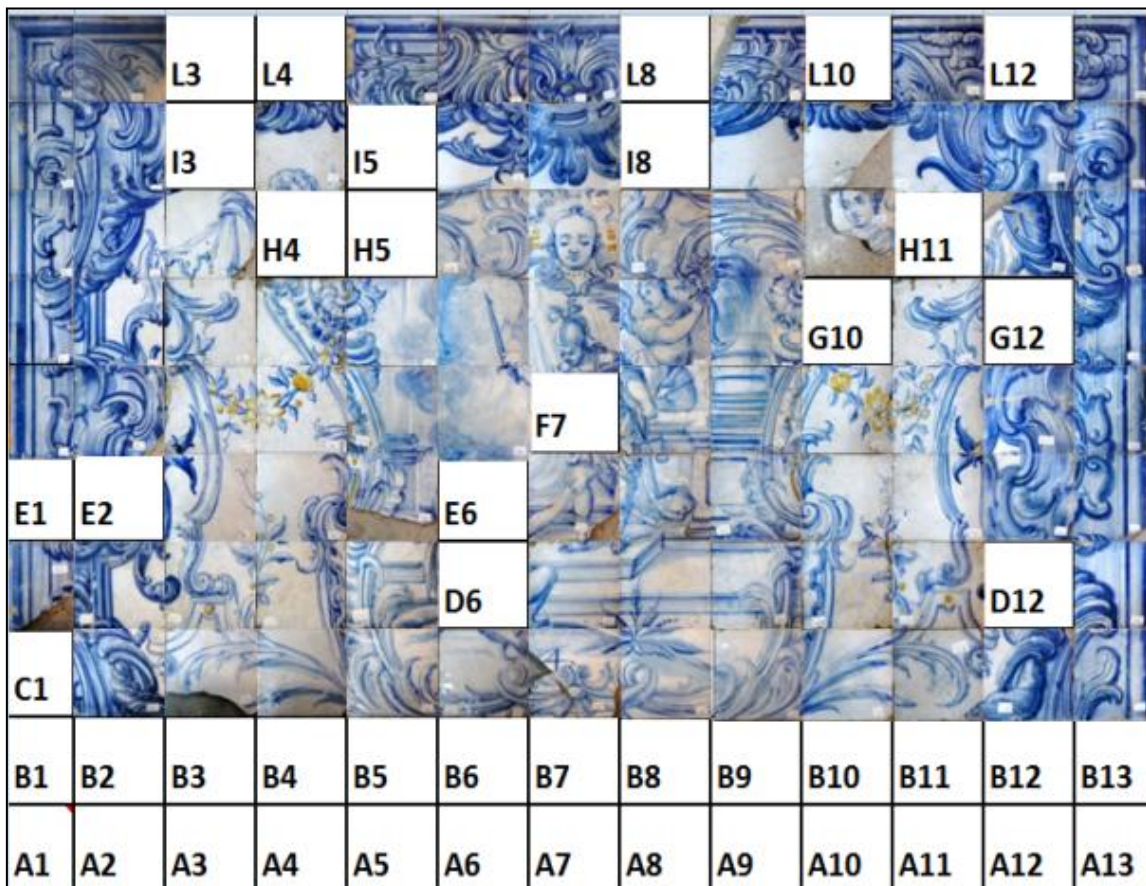
Localização: Reserva 1º andar (2ªsecção)

Marcas de tardo:



Data: 2014/05/09

Autoria: Graça Silva



Silhar figurativo, Alegoria: “Arcanjo Miguel”

Lisboa, 1735-1755

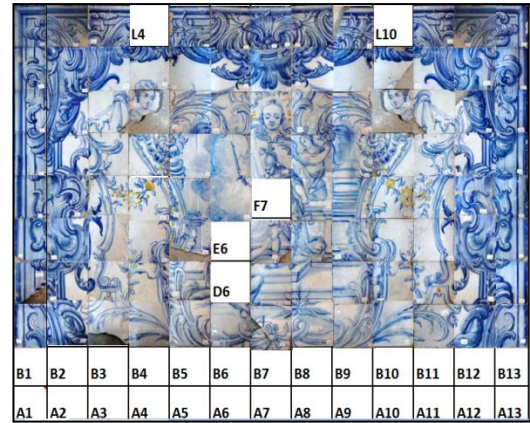
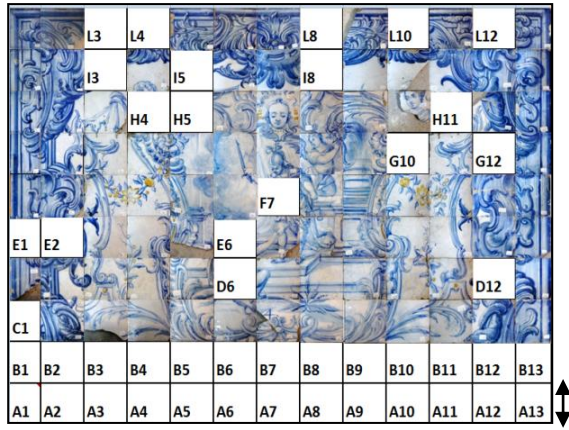
Faiança com pintura a azul sobre branco e apontamento a amarelo e púrpura

142 x 181,2 cm

Proveniência desconhecida

MNAz, inv n° 9783

Nº Inv. 9783



Reconstituição

Dimensão do painel: 142 x 181,2 cm

Nº de azulejos: 84

Nº cx: 3

Localização: Reserva 1º andar

Marcas de taroz:



Data: 2014/05/05

Autoria: Graça Silva



Silhar figurativo, Alegoria: Tema Mariano; Anunciação

Lisboa, 1735-1755

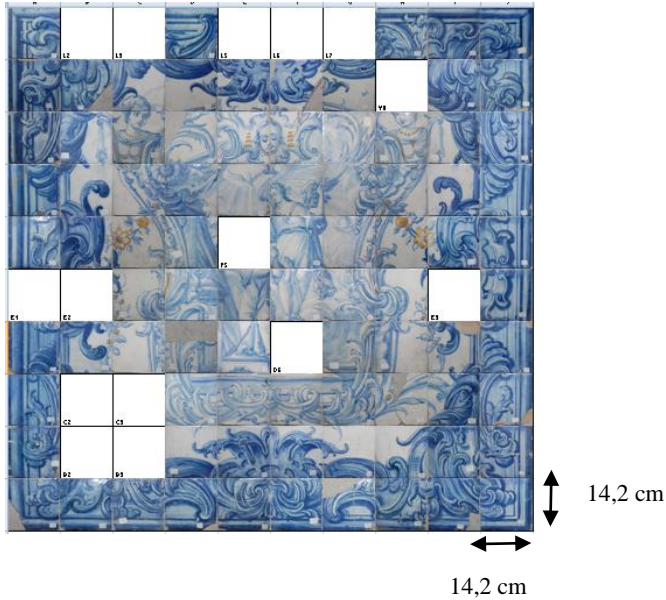
Faiança com pintura a azul sobre branco e apontamento a amarelo e púrpura

142 x 142 cm

Proveniência desconhecida

MNAz, inv. n.º 9892

Nº Inv. 9892



Reconstituição

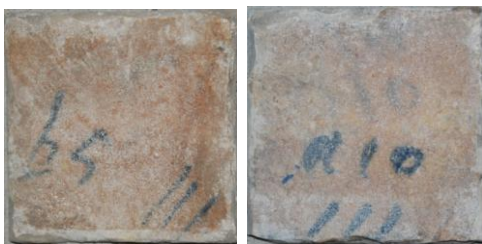
Dimensão do painel: 142 x 142 cm

Nº de azulejos: 85

Nº cx: 3

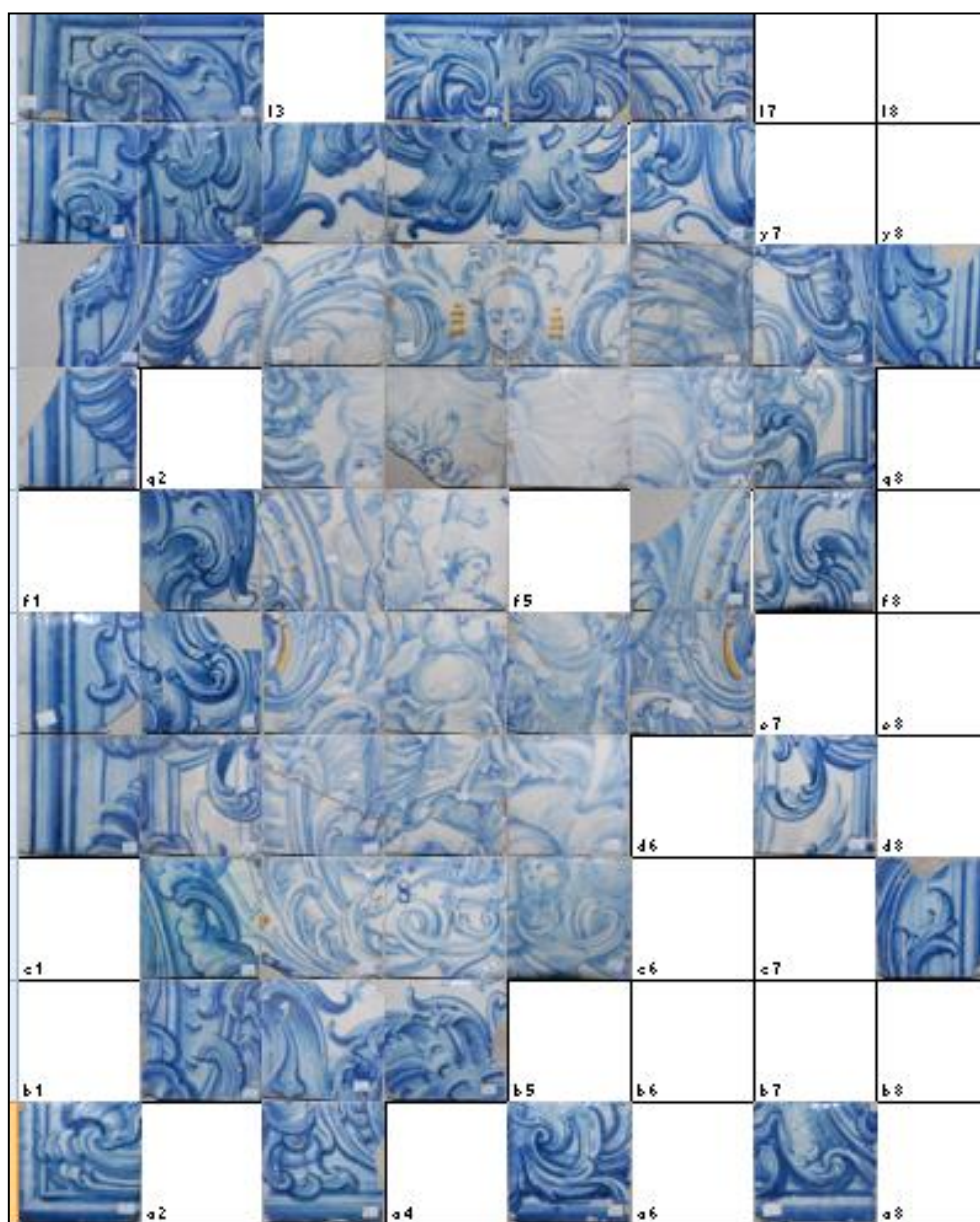
Localização: Reserva 1º andar

Marcas de tardez:



Data: 2014/05/09

Autoria: Graça Silva



Silhar figurativo, Alegoria Mariana (?)

Lisboa, 1735-1755

Faiança com pintura a azul sobre branco e apontamento a amarelo e púrpura

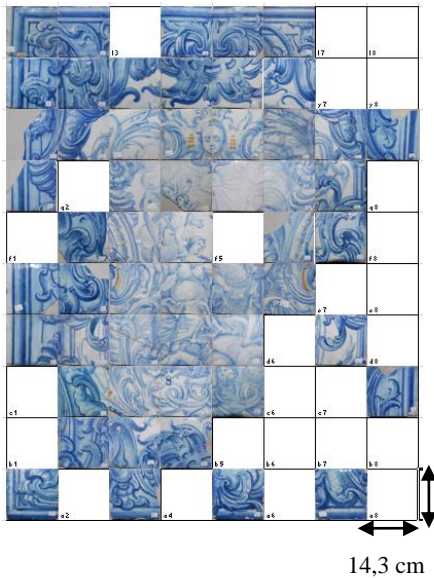
143 x 114,4 cm

Proveniência desconhecida

MNAz, inv. n.º 9893

MUSEU
NACIONAL
DO
AZULEJO

Nº Inv. 9893



Reconstituição

Dimensão do painel: 143 x 114,4 cm

Nº de azulejos: 54

Nº ex: 2

Localização: Reserva 1º andar

Marcas de tardez:



Data: 2014/05/09

Autoria: Graça Silva



Silhar figurativo, Alegoria: Tema Mariano, Mater Dolorosa (?)

Lisboa, 1735-1755

Faiança com pintura a azul sobre branco e apontamento a amarelo e púrpura

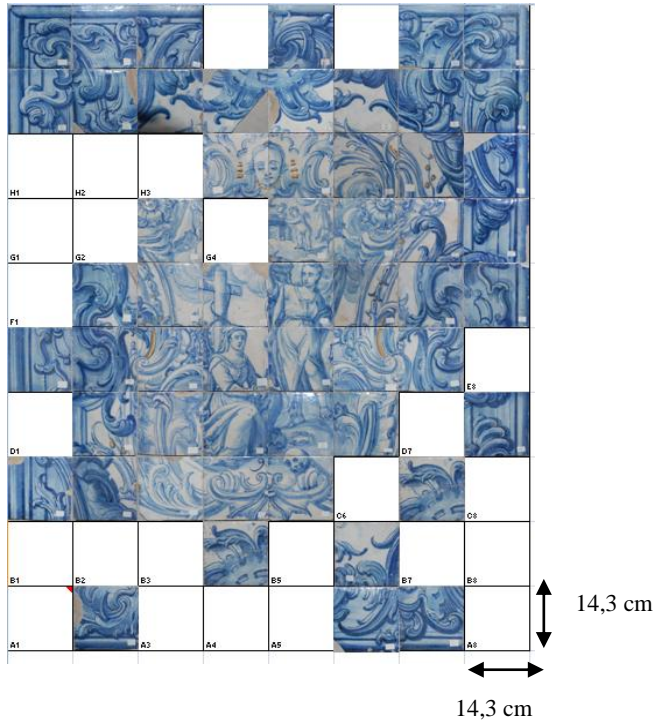
143 x 114,4 cm

Proveniência desconhecida

MNAz, inv.n.º 9894

MUSEU
NACIONAL
DO
AZULEJO

Nº Inv. 9894



Reconstituição

Dimensão do painel: 143 x 114,4 cm

Nº de azulejos: 55

Nº cx: 2

Localização: Reserva 1º andar

Marcas de tardo:



Data: 2014/05/05

Autoria: Graça Silva



Silhar figurativo, Alegoria: Esperança (Virtude)

Lisboa, 1735-1755

Faiança com pintura a azul sobre branco e apontamento a amarelo e púrpura

140 x 108,2 cm

Proveniência desconhecida

MNAz, inv n° 9895

MUSEU
NACIONAL
AZULEJO

Nº Inv. 9895



10,9 cm 14,4 cm



10,9 cm
14,4 cm

Reconstituição

Dimensão do painel: 140,5 x 108,2 cm

Nº de azulejos: 64

Nº cx: 2

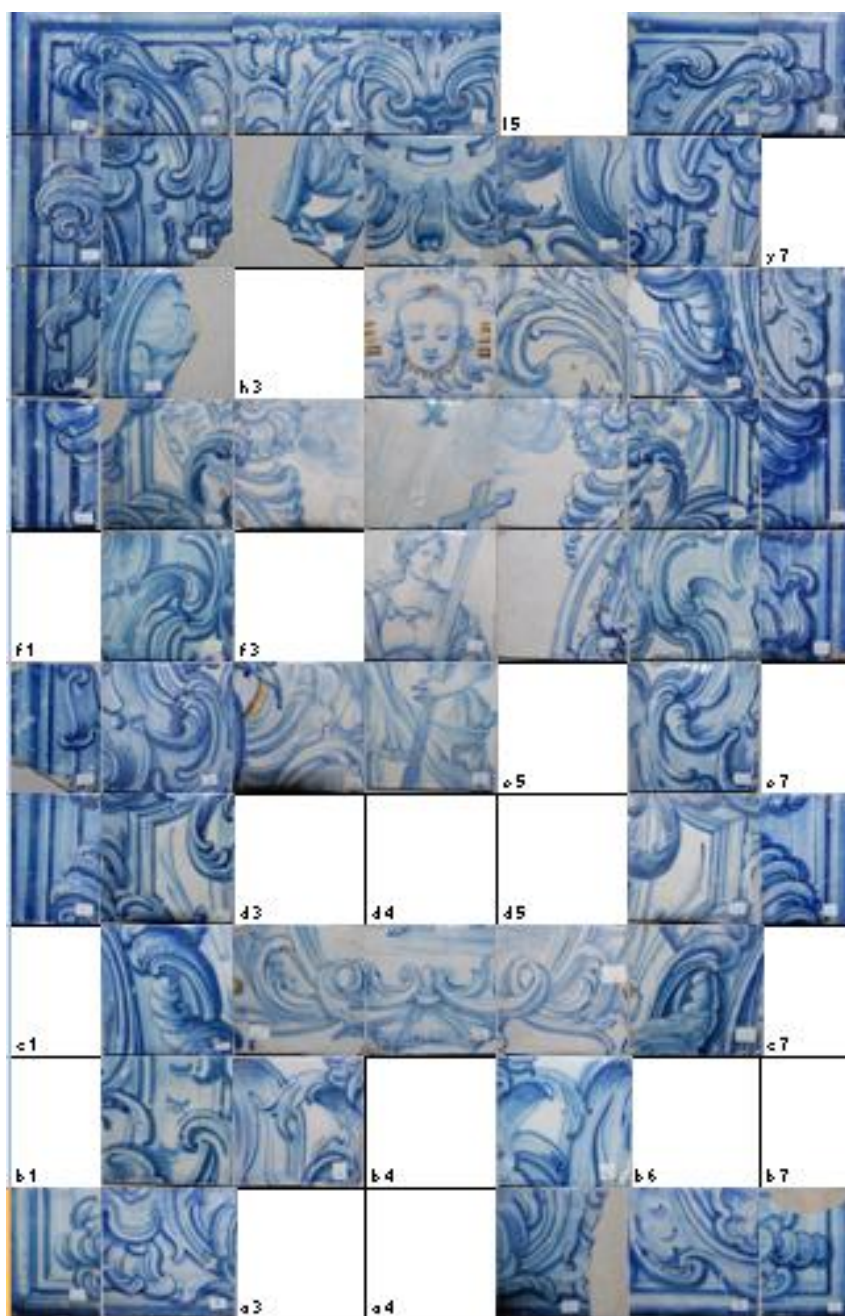
Localização: Reserva 1º andar

Marcas de tardo:



Data: 2014/05/09

Autoria: Graça Silva



Silhar figurativo, Alegoria: Virtude (Fé)

Lisboa, 1735-1755

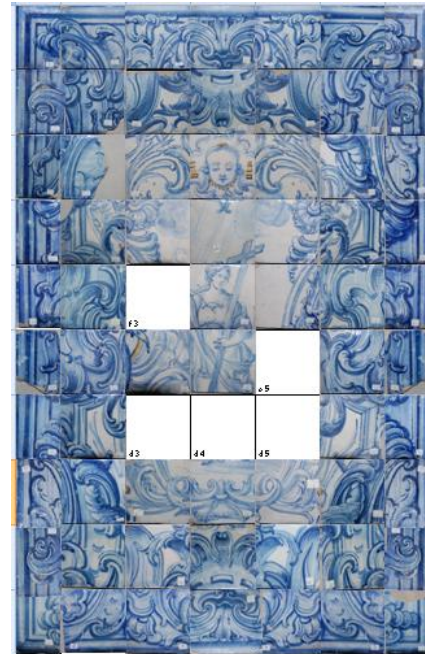
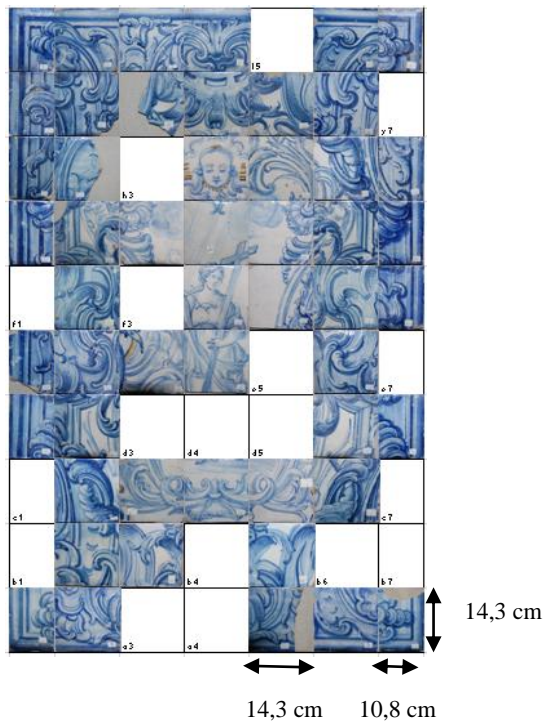
Faiança com pintura a azul sobre branco e apontamento a amarelo e púrpura

143 X 93,1 cm

Proveniência desconhecida

MNAz, inv. n.º 9896

Nº Inv. 9896



Reconstituição

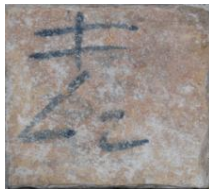
Dimensão do painel: 143 X 93,1 cm

Nº de azulejos: 50

Nº cx: 2

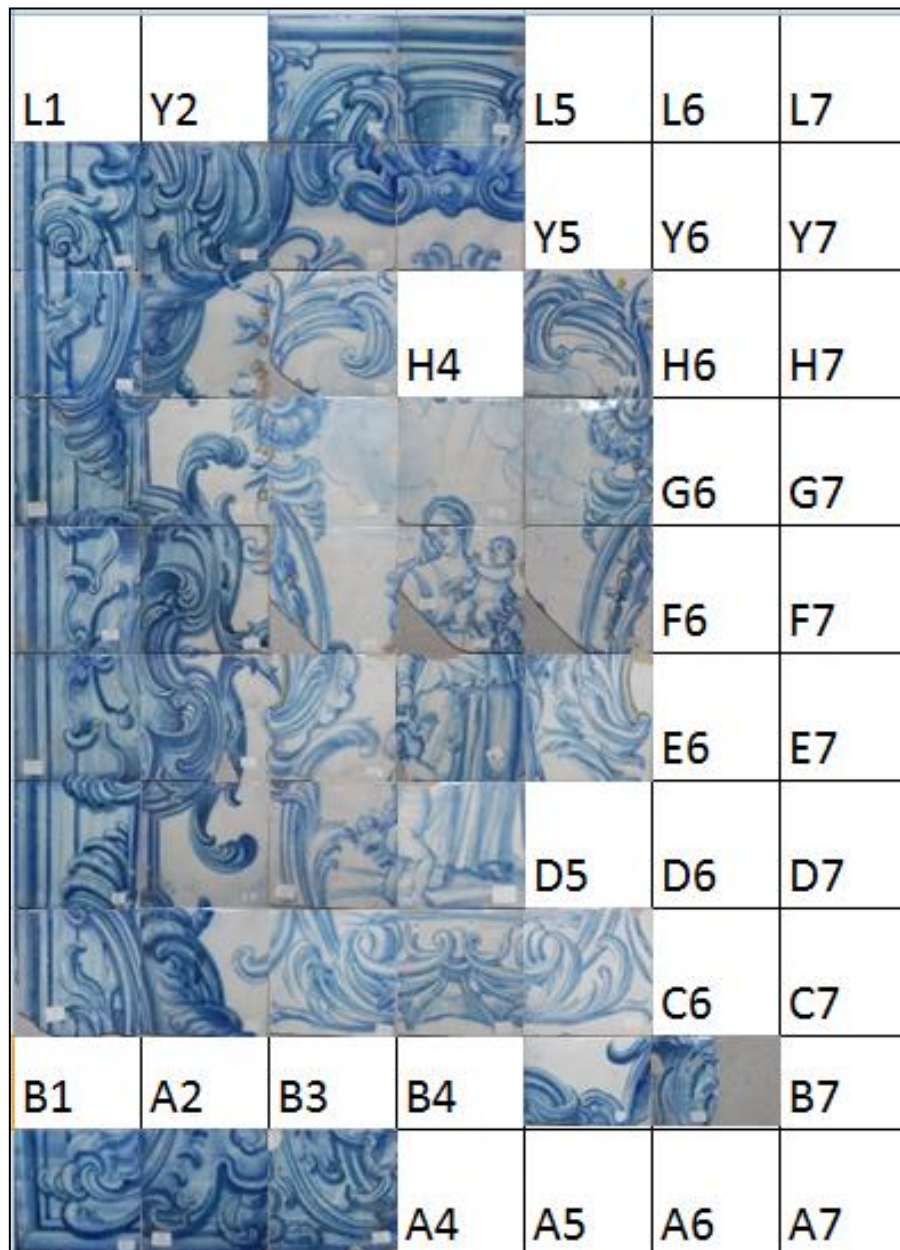
Localização: Reserva 1º andar

Marcas de tardoz:



Data: 2014/05/09

Autoria: Graça Silva



Silhar figurativo, Alegoria: Caridade (Virtude)

Lisboa, 1735-1755

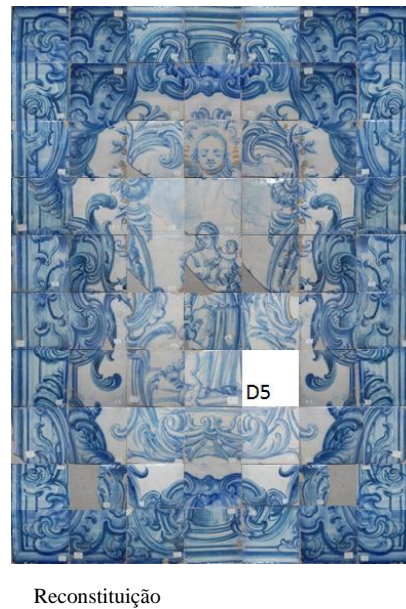
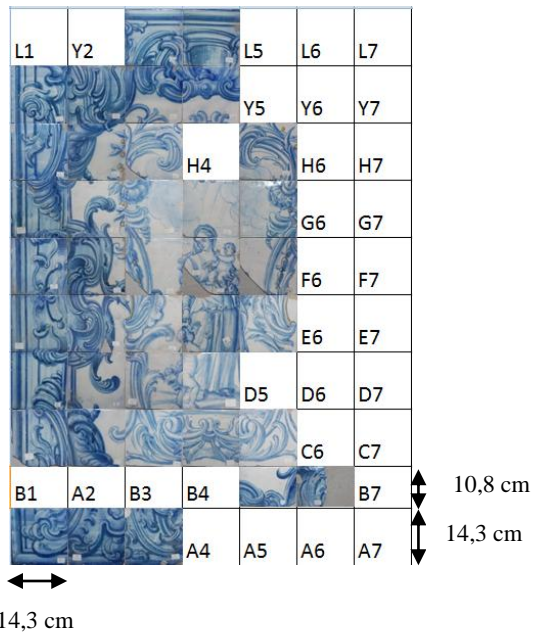
Faiança com pintura a azul sobre branco e apontamento a amarelo e púrpura

139,5 x 100,1 cm

Proveniência desconhecida

MNAz, inv n° 9897

Nº Inv. 9897



Dimensão do painel: 139,5 x 100,1 cm

Nº de azulejos: 39

Nº cx: 2

Localização: Reserva 1º andar

Marcas de tardez:



Data: 2014/05/02

Autoria: Graça Silva



Silhar figurativo, Alegoria Cristológica (?)

Lisboa, 1735-1755

Faiança com pintura a azul sobre branco com apontamento a amarelo e púrpura

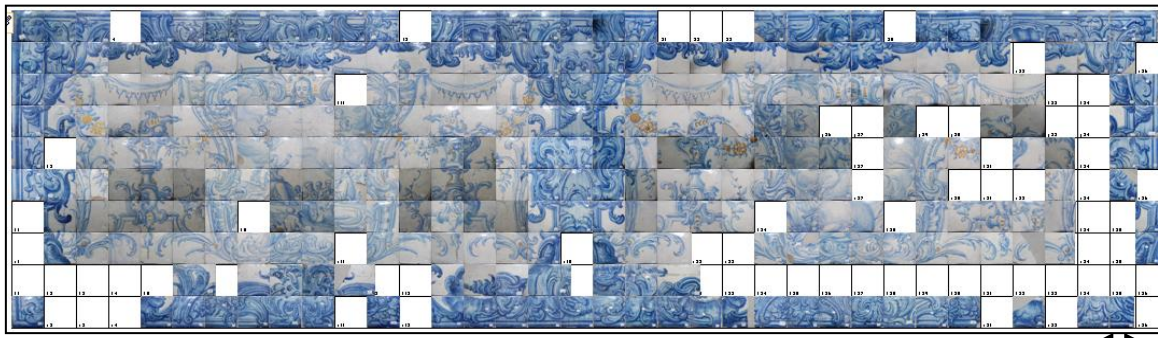
143 x 514,8 cm

Proveniência desconhecida

MNAZ, inv. n.º 9898

MUSEU
NACIONAL
D
AZULEJO

Nº Inv. 9898



14,3 cm

14,3 cm



Reconstituição

Dimensão do painel: 99,4 x 269,8 cm

Nº de azulejos: 290

Nº cx: 8

Localização: Reserva 1º andar

Marcas de tardoiz:



Data: 2014/05/04

Autoria: Graça Silva



Silhar figurativo, Alegoria Mariana (?)

Lisboa, 1735-1755

Faiança com pintura a azul e branco e apontamento a amarelo e púrpura

143 x 114,4 cm

Proveniência desconhecida

MNAz, inv. n.º 9899

MUSEU
NACIONAL
AZULEJO

Nº Inv. 9899



14,3 cm

14,3 cm



Reconstituição

Dimensão do painel: 143 x 114,4 cm

Nº de azulejos: 72

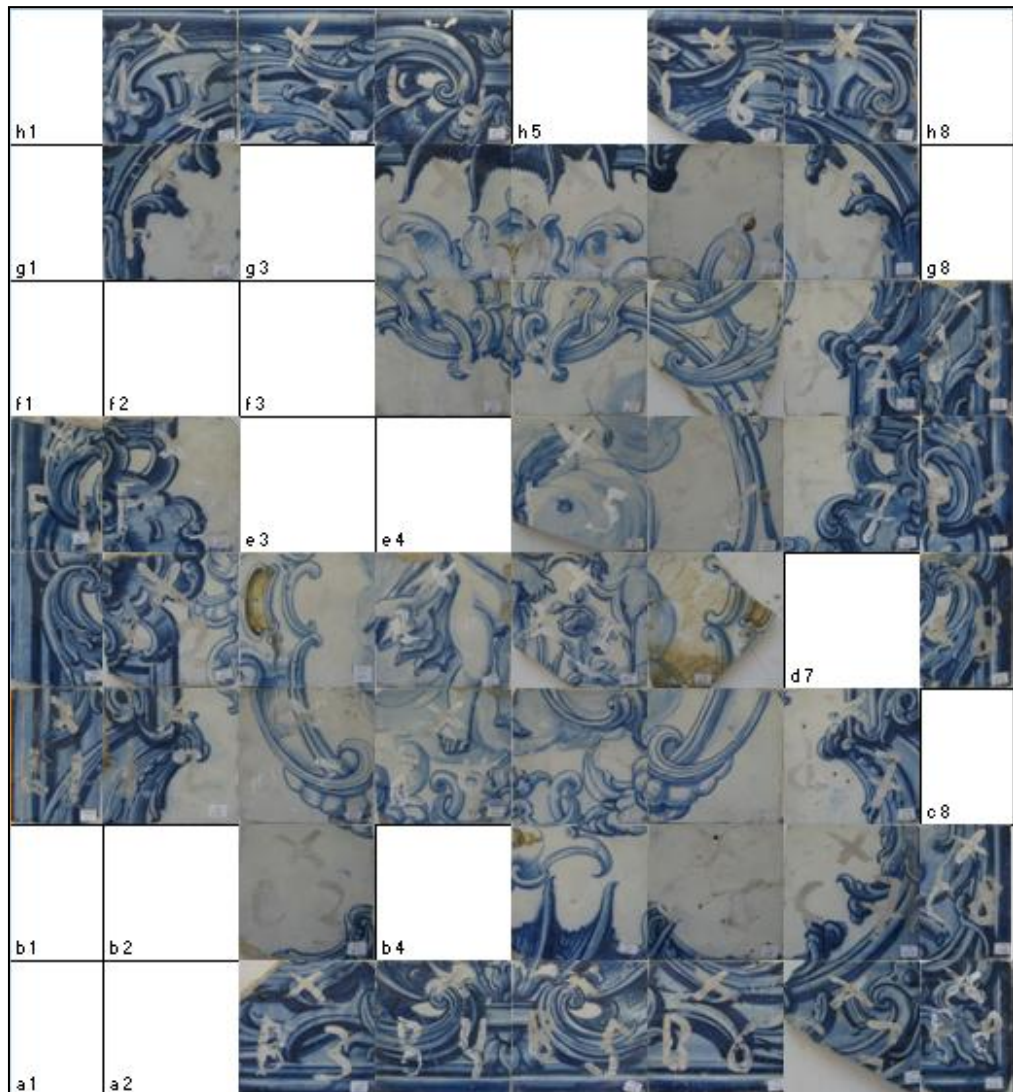
Nº cx: 3

Localização: Reserva 1º andar

Marcas de tardoz:



Data: 2014/05/09



Silhar figurativo, Alegoria: Tema Mariano (?)

Lisboa, 1735-1755

Faiança com pintura a azul sobre branco e apontamento a amarelo e púrpura

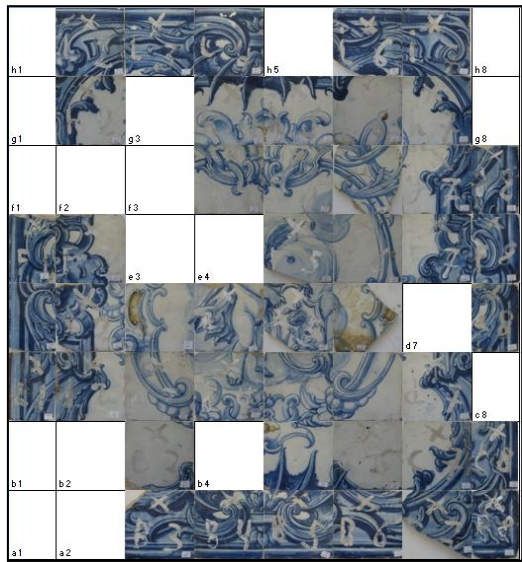
140 x 108,2 cm

Proveniência desconhecida

MNAz, inv n° 9900

MUSEU
NACIONAL
DO
AZULEJO

Nº Inv. 9900

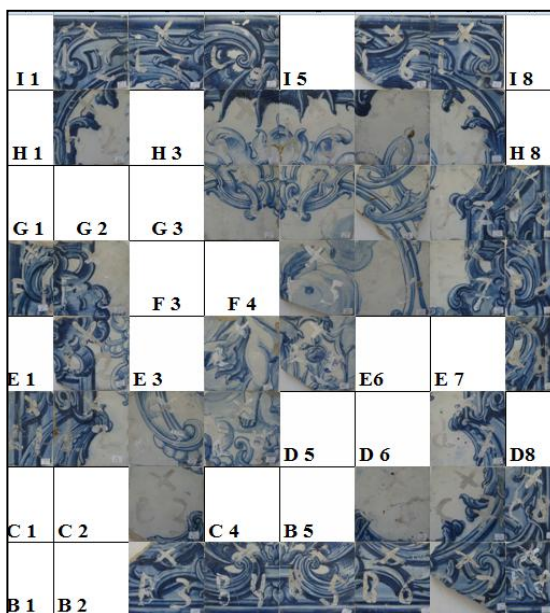


10,9 cm 14,3 cm

14,3 cm



Reconstituição



Marcas de levantamento

Dimensão do painel: 140,5 x 108,2 cm

Nº de azulejos: 64

Nº cx: 2

Localização: Reserva 1º andar

Marcas de tardoz:



Data: 2014/05/20

Autoria: Graça Silva



Silhar figurativo, Alegoria: Inocência (?)

Lisboa, 1735-1755

Faiança com pintura a azul sobre branco e apontamento a amarelo e púrpura

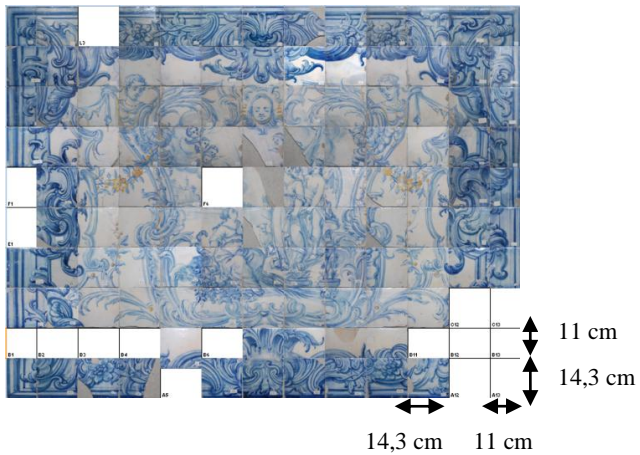
139,7 x 179,3 cm

Proveniência desconhecida

MNAz, inv. n.º 9901

MUSEU
NACIONAL
DO
AZULEJO

Nº Inv. 9901



Dimensão do painel: 139,7 x 179,3 cm

Nº de azulejos: 233

Nº cx: 5

Localização: Reserva 1º andar

Marcas de tardo:



Data: 2014/05/09

Autoria: Graça Silva



Silhar ornamental, “Fonte Congelada”

Lisboa, 1735-1755

Faiança com pintura a azul sobre branco

114,4 x 150,3 cm

Proveniência desconhecida

MNAz, inv n° 9902

MUSEU
NACIONAL
DE AZULEJO

Nº Inv. 9902



10,8 cm 14,3 cm



14,3 cm

Reconstituição

1A				4A	5A		7A	8A	9A	10A	11A
1B	2B	3B	4B	5B	6B	7B	8B	9B	10B	11B	
1C	2C	3C	4C	5C	6C	7C	8C	9C	10C	11C	
1D	2D	3D	4D	5D	6D	7D	8D	9D	10D	11D	
1E	2E	3E	4E	5E	6E	7E	8E	9E	10E	11E	
1F	2F	3F	4F	5F	6F	7F	8F	9F	10F	11F	
1G	2G	3G	4G	5G	6G	7G	8G	9G	10G	11G	
1H	2H	3H	4H	5H	6H	7H	8H	9H	10H	11H	

Marcas de levantamento

Dimensão do painel: 114,4 x 150,3 cm

Nº de azulejos: 50

Nº cx: 2

Localização: Reserva 1º andar

Marcas de tardez:



Data: 2014/05/15

Autoria: Graça Silva



Silhar ornamental, “Fonte Congelada”

Lisboa, 1735-1755

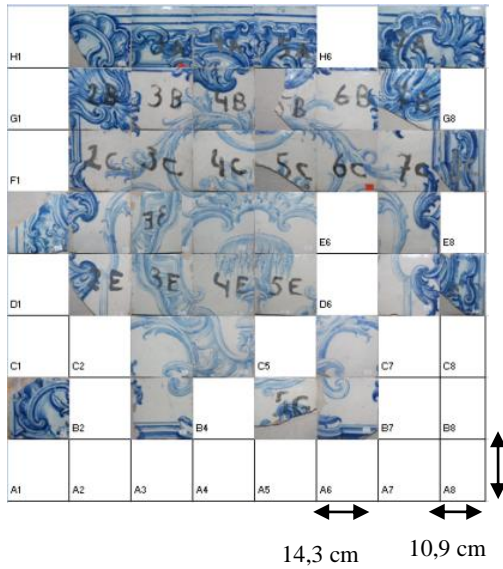
Faiança com pintura a azul sobre branco

114,4 x 111 cm

Proveniência desconhecida

MNAz, inv n° 9903

Nº Inv. 9903



Reconstituição

1A	2A					6A	8A
1B	2B 3B 4B 5B 6B					8B	
1C	2C 3C 4C 5C 6C 7C						
1D	2D	3D	4D	5D	6D	7D	8D
1E	2E 3E 4E 5E				6E	7E	
1F	2F	3F	4F	5F	6F	7F	8F
1G	2G	3G	4G	5G	6G	7G	8G
1H	2H	3H	4H	5H	6H	7H	8H

Marcas de levantamento

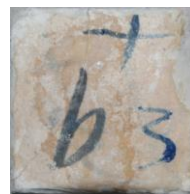
Dimensão do painel: 114,4 x 111 cm

Nº de azulejos: 38

Nº ex: 2

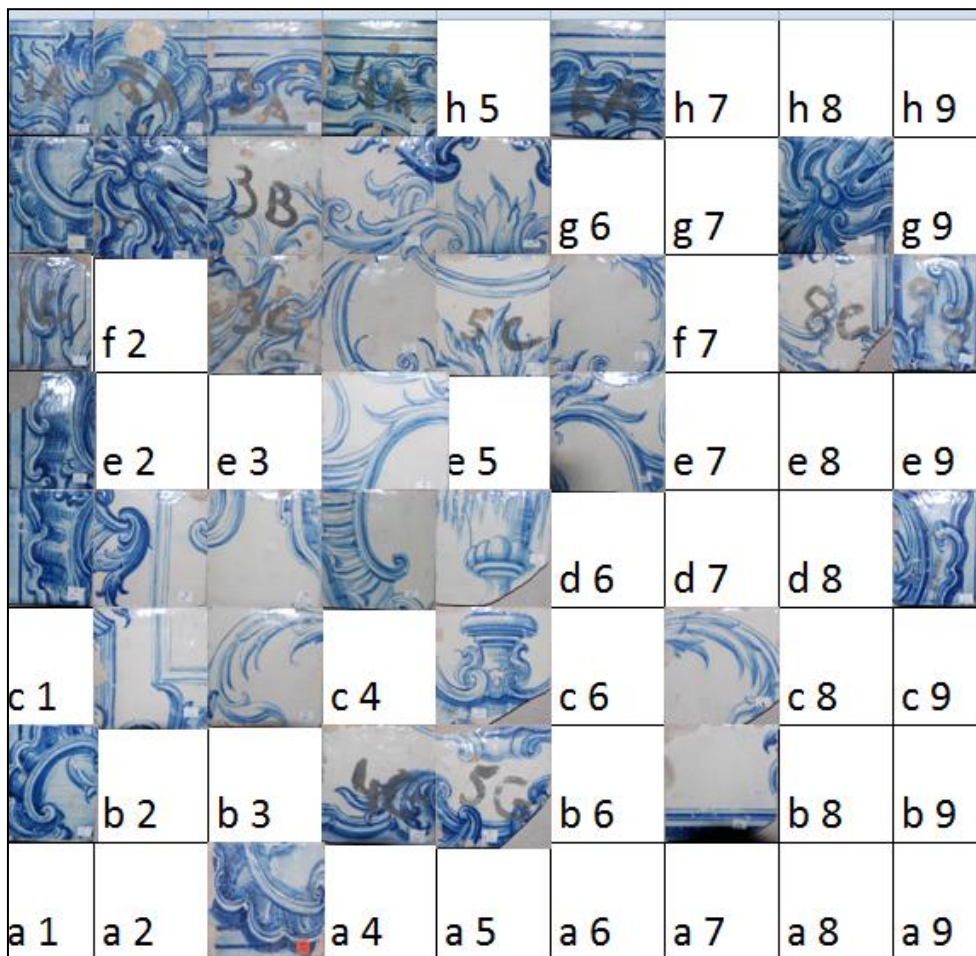
Localização: Reserva 1º andar

Marcas de tardo:z



Data: 2014/05/17

Autoria: Graça Silva



Silhar ornamental, “Fonte Congelada”

Lisboa, 1735-1755

Faiança com pintura a azul sobre branco

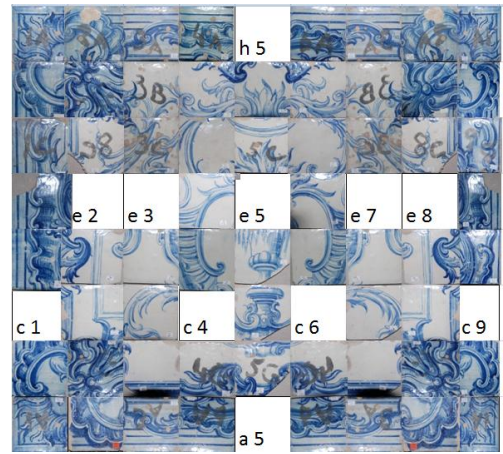
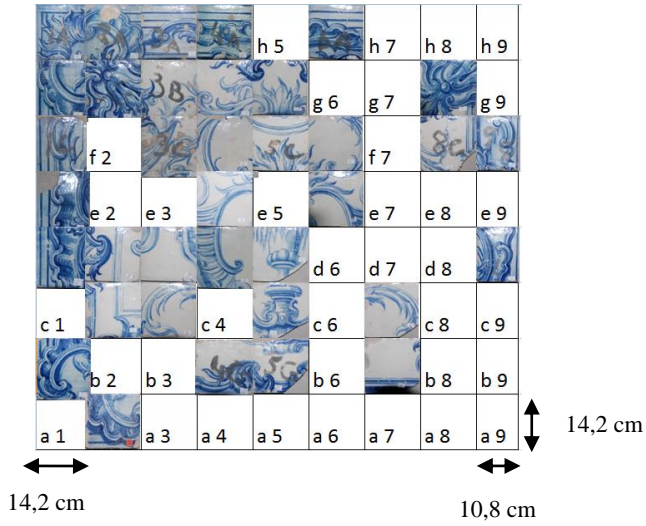
128,7 x 121,7 cm

Proveniência desconhecida

MNAz, inv n° 9904

MUSEU
NACIONAL
DO
AZULEJO

Nº Inv. 9904



Reconstituição

				5A		7A	8A	9A
1B	2B	3B	4B	5B	6B	7B	8B	9B
	2C		4C		6C	7C		
1D	2D	3D	4D	5D	6D	7D	8D	9D
1E	2E	3E	4E	5E	6E	7E	8E	9E
1F	2F	3F	4F	5F	6F	7F	8F	9F
1G	2G	3G	4G	5G	6G	7G	8G	9G
1H	2H	EH	4H	5H	6H	7H	8H	9H

Dimensão do painel: 113,6 x 124,4 cm

Nº de azulejos: 36

Nº cx: 1

Localização: Reserva 1º andar

Marcas de tardoz:



Data: 2014/05/08

Autoria: Graça Silva



Silhar ornamental para escadaria, “Fonte Congelada”

Lisboa, 1735-1755

Faiança com pintura a azul sobre branco

100,1 x 457,6 cm

Proveniência desconhecida

MNAz, inv. n.º 9905

Nº Inv. 9905



Dimensão do painel: 100,1 x 457,6 cm

Nº de azulejos: 141

Nº cx: 5

Localização: Reserva 1º andar

Marcas de tardez:



Data: 2014/05/20

Autoria: Graça Silva



Silhar ornamental para escadaria, “Fonte Congelada”

Lisboa, 1735-1755

Faiança com pintura a azul sobre branco

228,8 x 100,1 cm

Proveniência desconhecida

MNAZ, inv n°9906

Nº Inv. 9906



Dimensão do painel: 140,5 x 108,2 cm

Nº de azulejos: 64

Nº cx: 2

Localização: Reserva 1º andar

Marcas de tardez:



Data: 2014/05/05

Autoria: Graça Silva



Silhar ornamental, “Fonte Congelada”

Lisboa, 1735-1755

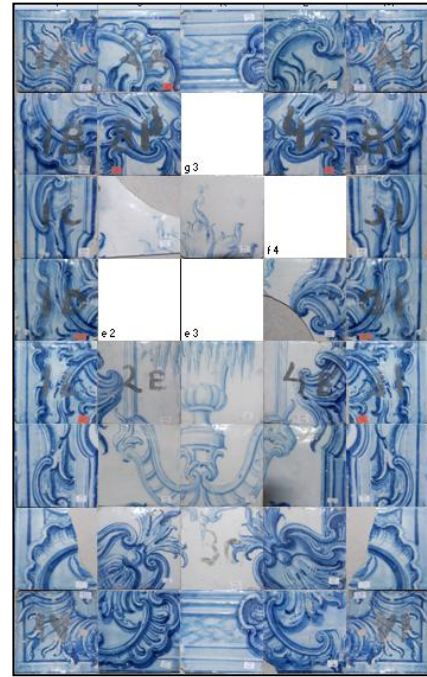
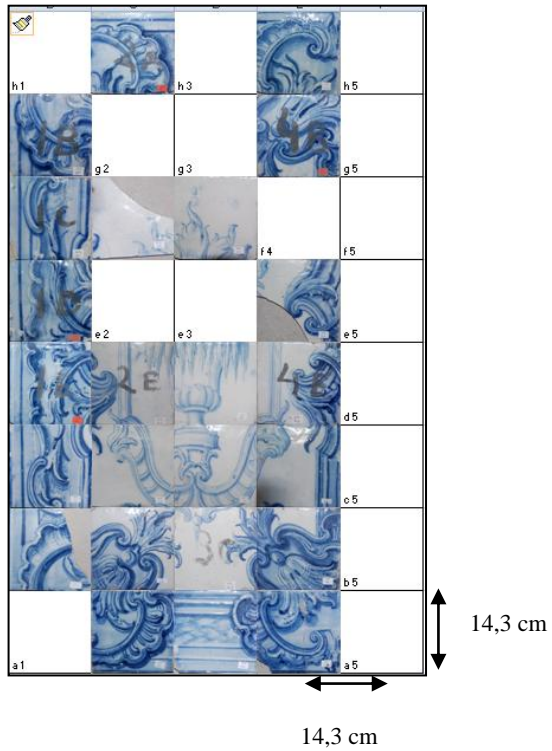
Faiança com pintura a azul sobre branco

100,1 x 71,5 cm

Proveniência desconhecida

MNAz, inv n° 9907

Nº Inv. 9907



Reconstituição

Dimensão do painel: 100,1 x 71,5 cm

Nº de azulejos: 24

Nº cx: 1

Localização: Reserva 1º andar

Marcas de tardoz:



Data: 2014/05/09

Autoria: Graça Silva



Silhar ornamental

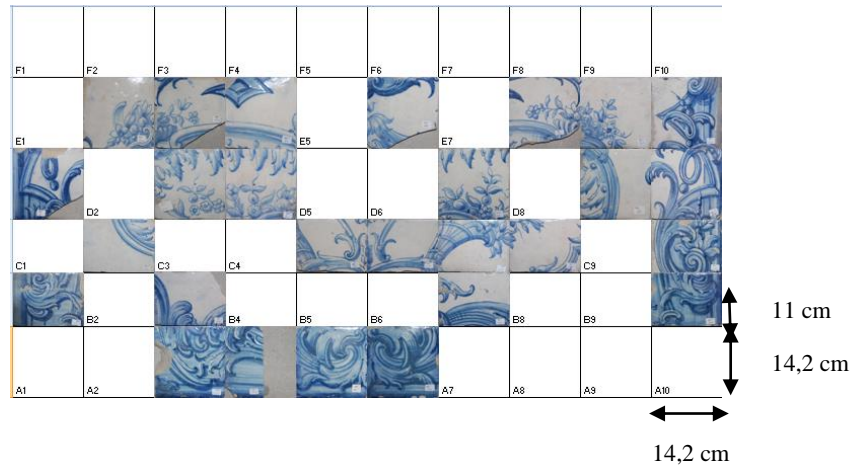
Lisboa, 1735-1755

Faiança com pintura a azul sobre branco

78,8 x 142 cm

Proveniência desconhecida

MNAz, inv. n.º 9908



Reconstituição

Dimensão do painel: 78,8 x 142 cm

Nº de azulejos: 27

Nº cx: 1

Localização: Reserva 1º andar

Marcas de tardo:



Data: 2014/05/09

Autoria: Graça Silva



Silhar ornamental

Lisboa, 1735-1755

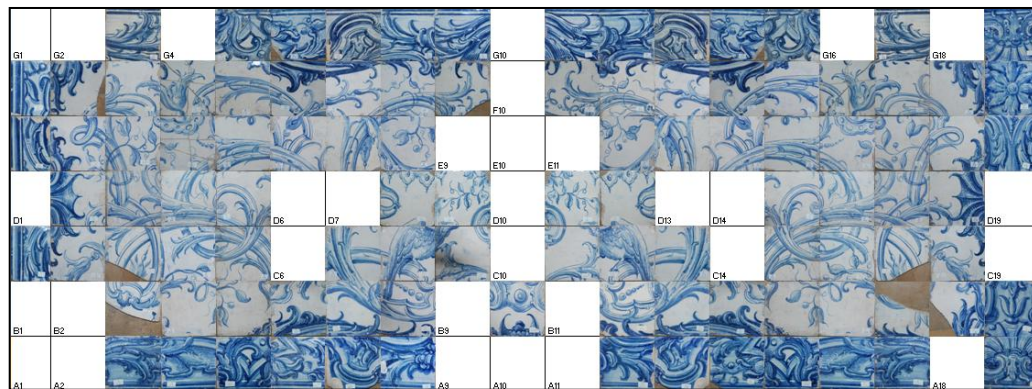
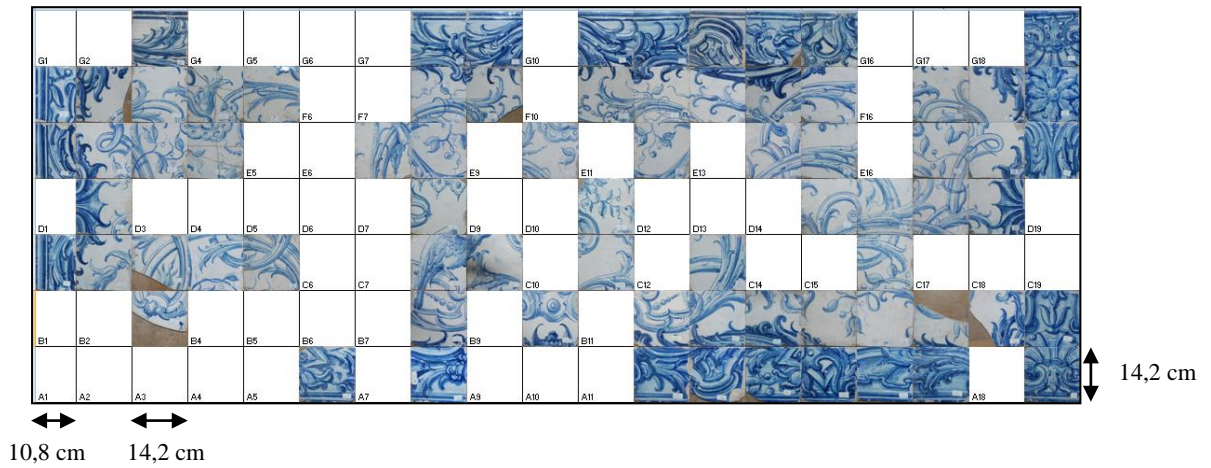
Faiança com pintura a azul sobre branco

99,4 x 266,4 cm

Proveniência desconhecida

MNAz, inv. n.º 9909

Nº Inv. 9909



Reconstituição

Dimensão do painel: 99,4 x 266,4 cm

Nº de azulejos: 64

Nº cx: 2

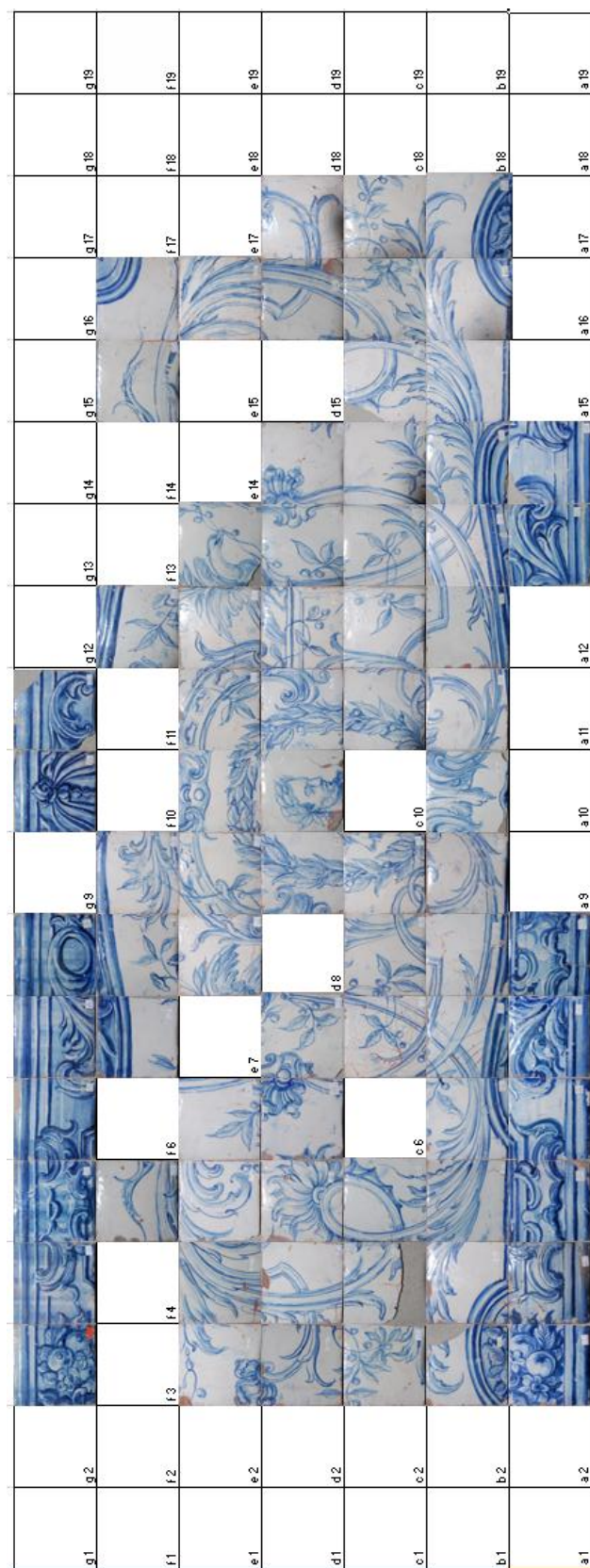
Localização: Reserva 1º andar

Marcas de tardoz:



Data: 2014/05/21

Autoria: Graça Silva



Silhar ornamental, “Imperador Romano”

Lisboa, 1735-1755

Faiança com pintura a azul sobre branco

114,4 x 50,4 cm

Proveniência desconhecida

MNAZ, inv. n.º 9910

Nº Inv. 9910



Reconstituição

Dimensão do painel: 99,4 x 269,8 cm

Nº de azulejos: 75

Nº cx: 3

Localização: Reserva 1º andar

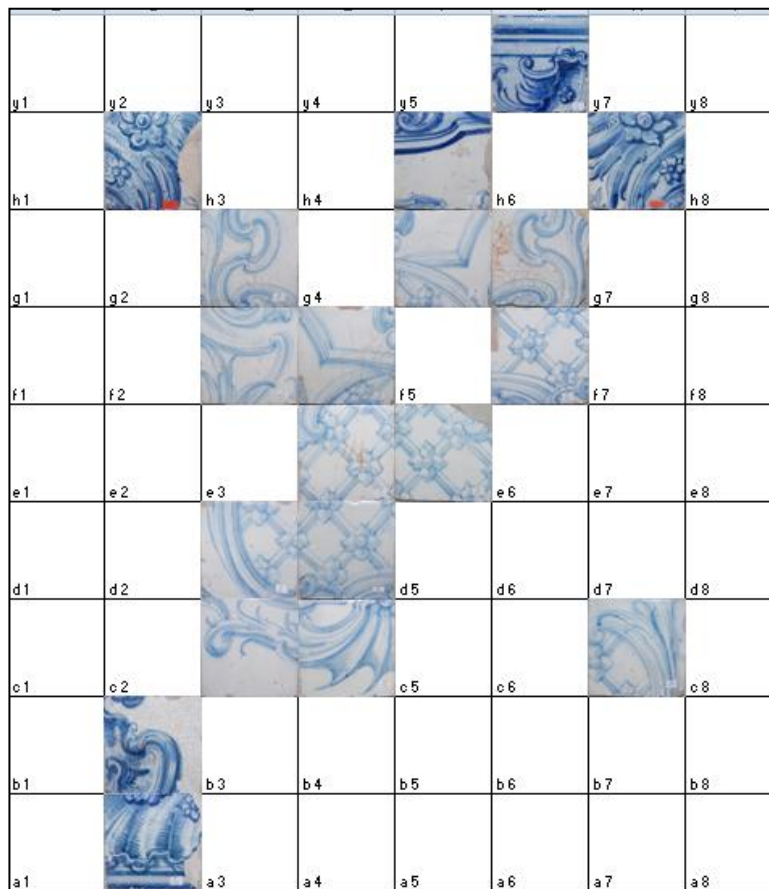
Marcas de tardo:



Data: 2014/05/04

Autoria: Graça Silva

ANEXO 22



Silhar ornamental, *Ferronerie*

Lisboa, 1735-1755

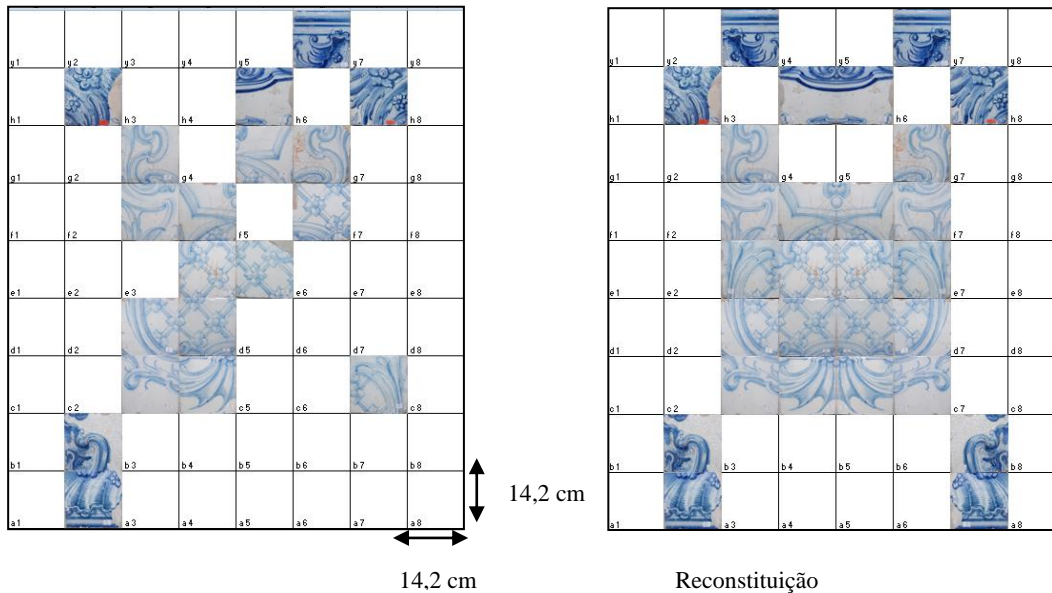
Faiança com pintura a azul sobre branco

129,6x 113,6 cm

Proveniência desconhecida

MNAz, inv. n° 9911

Nº Inv.9911



Dimensão do painel: 129,6 x 113,6 cm

Nº de azulejos: 19

Nº ex: 1

Localização: Reserva 1º andar

Marcas de tardoiz:



Data: 2014/05/21

Autoria: Graça Silva



Silhar ornamental, “Vaso Florido”

Lisboa, 1735-1755

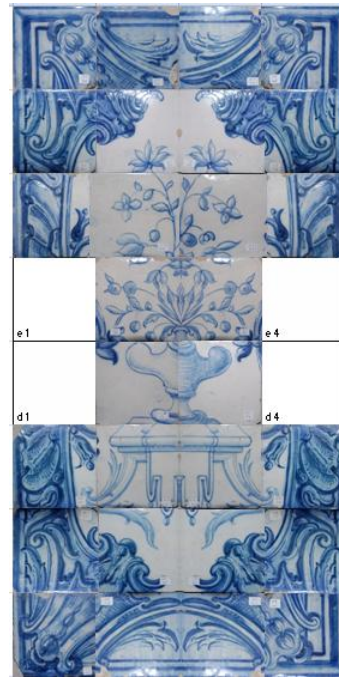
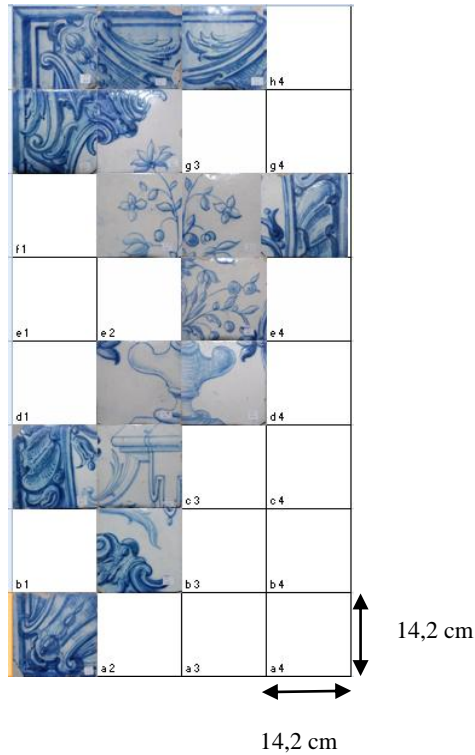
Faiança com pintura a azul sobre branco

114,4 x 57,2 cm

Proveniência desconhecida

MNAz, inv. nº 9912

Nº Inv. 9912



Reconstituição

Dimensão do painel: 114,4 x 57,2 cm

Nº de azulejos: 15

Nº cx: 1

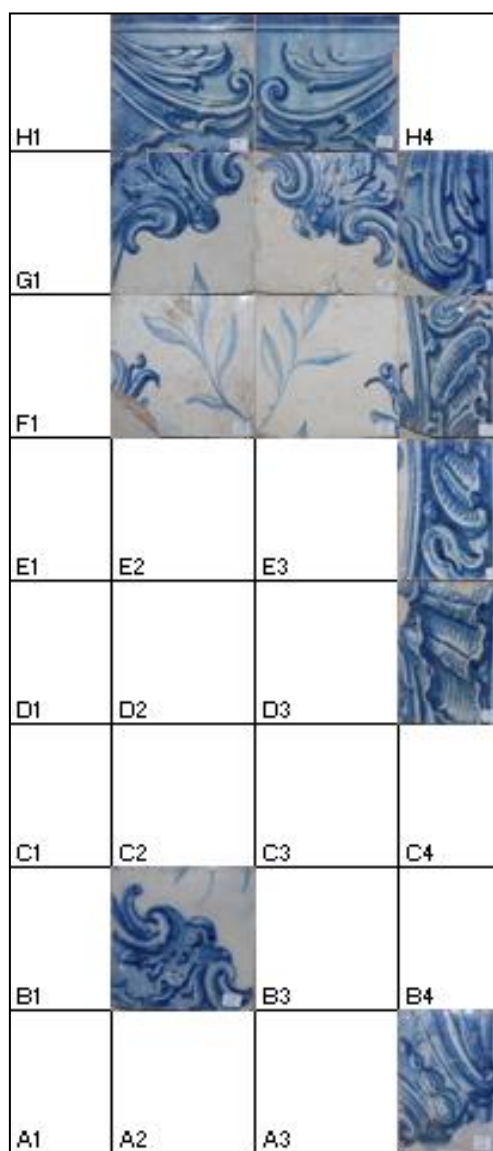
Localização: Reserva 1º andar

Marcas de tardez:



Data: 2014/05/09

Autoria: Graça Silva



Silhar ornamental, Entre-portas

Lisboa, 1735-1755

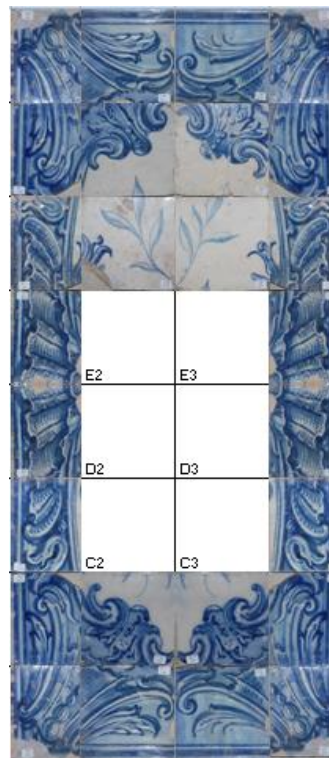
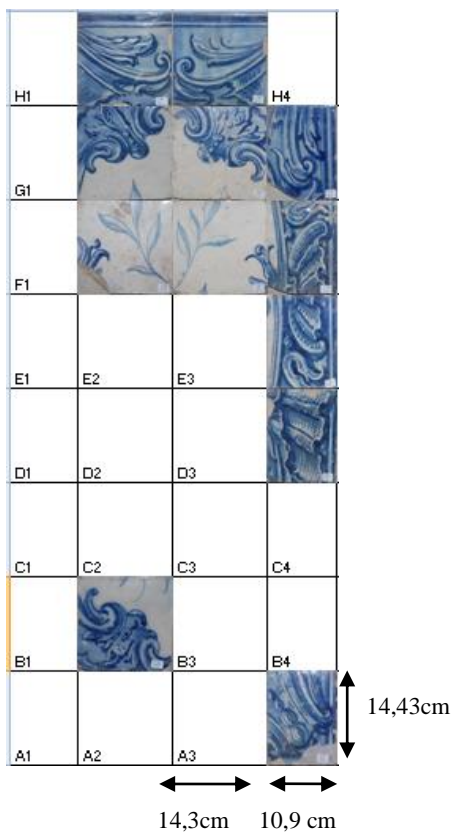
Faiança com pintura a azul sobre branco

114,4 x 50,4 cm

Proveniência desconhecida

MNAz, inv. n° 9913

Nº Inv. 9913



Reconstituição

Dimensão do painel: 114,4 x 50,4 cm

Nº de azulejos: 12

Nº cx: 1

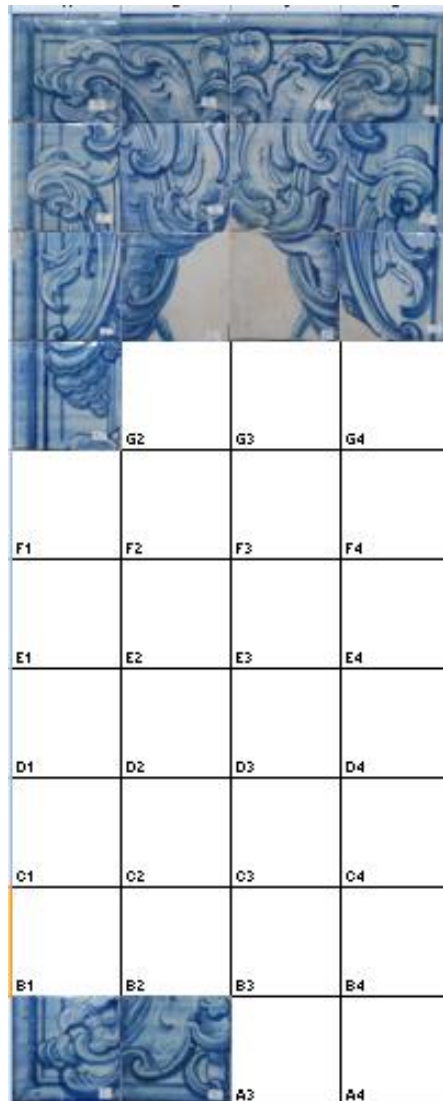
Localização: Reserva 1º andar

Marcas de tardo:



Data: 2014/05/09

Autoria: Graça Silva



Silhar ornamental, Entre-portas

Lisboa, 1735-1755

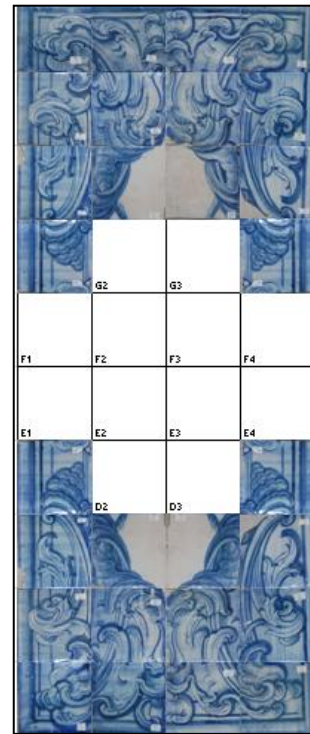
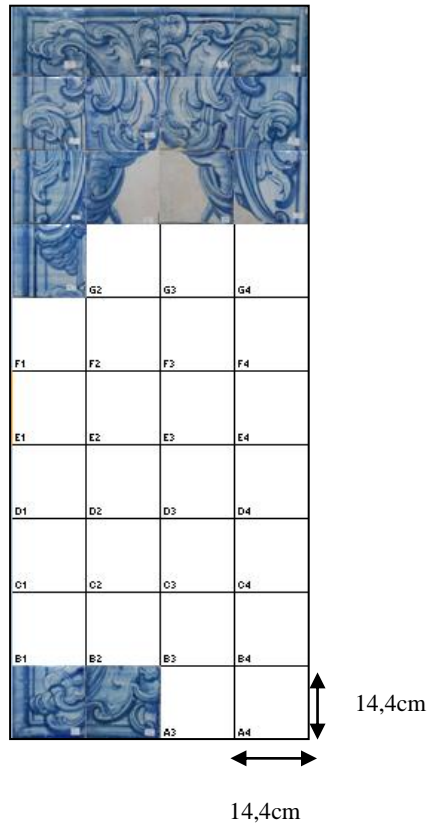
Faiança com pintura a azul sobre branco

128,7 x 57,2 cm

Proveniência desconhecida

MNAz, inv.nº 9914

Nº Inv. 9914



Reconstituição

Dimensão do painel: 128,7 x 57,2 cm

Nº de azulejos: 15

Nº cx: 1

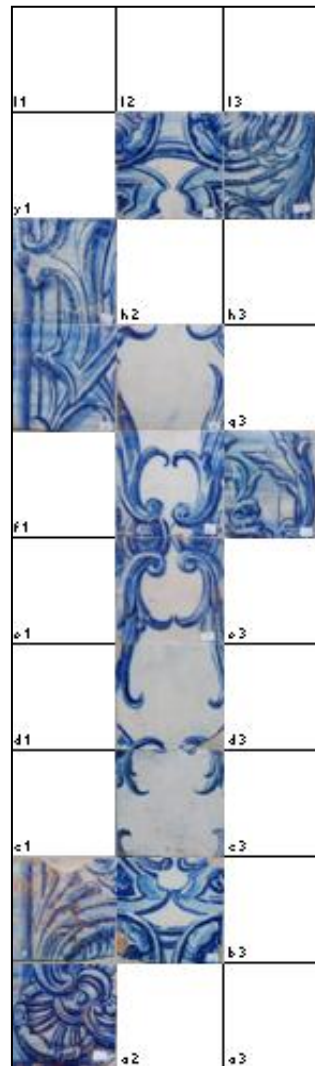
Localização: Reserva 1º andar

Marcas de tardo:



Data: 2014/05/09

Autoria: Graça Silva



Silha ornamental, Entre-portas

Lisboa, 1735-1755

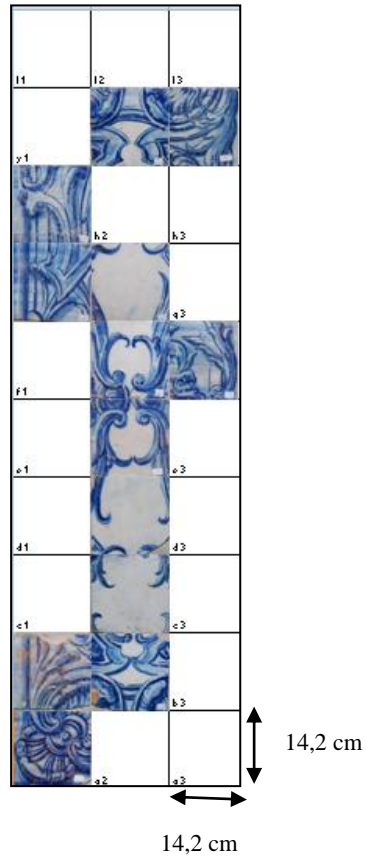
Faiança com pintura a azul sobre branco

142 X 42,6 cm

Proveniência desconhecida

MNAz, inv. n° 9915

Nº Inv. 9915



Reconstituição

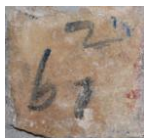
Dimensão do painel: 142 x 42,6 cm

Nº de azulejos: 13

Nº cx: 1

Localização: Reserva 1º andar

Marcas de tardo:



Data: 2014/05/05

Autoria: Graça Silva



Silhar ornamental, Entre portas

Lisboa, 1735-1755

Faiança com pintura a azul

100,8 x 28,8 cm

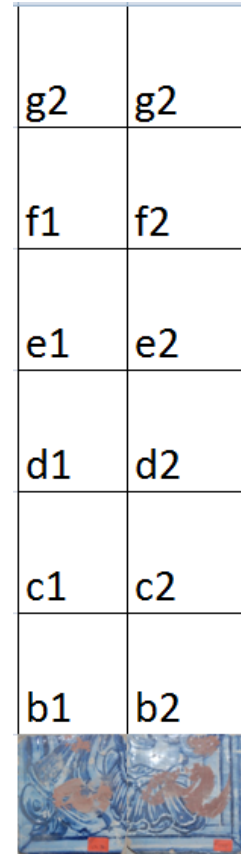
Proveniência desconhecida

MNAz, inv. n° 9916

Nº Inv. 9916



Reconstituição



Marcas de levantamento

Dimensão do painel: 100,8 x 28,8 cm

Nº de azulejos: 11

Nº cx: 1

Localização: Reserva 1º andar

Marcas de tardo:



Data: 2014/05/15

Autoria: Graça Silva



Silhar ornamental, Entre-portas

Lisboa, 1735-1755

Faiança com pintura a azul

114,4 x 28,6 cm

Proveniência desconhecida

MNAz, inv. n° 9917

Nº Inv. 9917



Reconstituição



Marcas de levantamento

Dimensão do painel: 114,4 x 28,6 cm

Nº de azulejos: 12

Nº cx: 1

Localização: Reserva 1º andar

Marcas de tardez:



Data: 2014/05/05

Autoria: Graça Silva

ANEXOS 29 – 56
FICHAS MATRIZ

MATRIZ

**Identificação da Peça****Instituição/Proprietário:** MNAz**Super-categoria:** Arte**Categoria:** Cerâmica**Subcategoria:** Cerâmica de revestimento**Denominação:** Pannel de azulejos**Título:** Alegoria: Caridade e Vida religiosa**Nº. de inventário:** 872**Identificação****Nºs de Inventário Anteriores:****Elemento de um conjunto:** Relacionado com o nº 9783; 9892; 9893 e 9894**Historial:**

Descrição: Composição com pintura a azul sobre branco com apontamentos a amarelo e púrpura. O seu esquema organizativo é composto por: moldura, cartela, rosto feminino e figura central. A moldura é considerada um elemento de ligação ao espaço arquitetónico, destaca-se o uso de uma só cor, o azul-cobalto de cor intensa, trabalhado com o uso da técnica do esgrafitado. A cartela funciona como uma segunda moldura adornada com elementos vegetalistas. É suspensa por dois bustos femininos fazendo a ligação à moldura com grinaldas de flores, panejamentos e vasos floridos. A cartela tem como objetivo enquadrar a cena central da composição, tendo também uma função ornamental. O rosto feminino ao centro do conjunto azulejar determina o centro da composição figurativa. Na reserva central da primeira secção observa-se a alimentação dos pobres uma provável alegoria à Caridade e na segunda uma figura com vestes religiosas tendo nas suas mãos um cilício, usado como instrumento de penitência com o objetivo de associar o sacrifício pessoal ao de Cristo na cruz, exprimindo o espírito de penitência. Na outra mão tem uma ampulheta simbolizando a *Vanitas*, ou o princípio de que tudo na vida passa e morre, só o mundo espiritual permanece.

Autoria: Desconhecida

Justificação/ Atribuição:

Localização:

Assinatura:

Produção:

Oficina/ Fabricante:

Centro de Fabrico: Lisboa

Local de Execução: Portugal

Escola/Estilo/Movimento: Rococó

Marcas/ Incrições:

Identificação de Marca:



Incrições:

Legenda:

Datação

Século (s): XVIII

Anos: 1735-1755

Justificação da data:

Outras datações:

Informação técnica

Matéria: Barro

Suporte:

Técnica: Majólica e esgrafitado

Precisões sobre a técnica: A majólica distingue-se pelo revestimento branco opaco, sobre a superfície da cerâmica, formado por uma frita de sílica, óxidos de chumbo e estanho, óxidos de potássio ou sódio, aplicados sobre a cerâmica cozida. A pintura era posteriormente efetuada neste revestimento branco com óxidos colorantes que durante a cozedura vitrificam. A técnica do esgrafitado, é a responsável pela decoração na moldura, baseando-se na gravação de motivos decorativos riscados na face vidrada com algum objeto pontiagudo por vezes o cabo do pincel que pressionado deixa emergir a zona da chacota, gravando na moldura motivos decorativos, contrastando com o restante azul.

Dimensões

Altura (cm) – 14,2 e 10,9

Largura (cm) – 14,2 e 13,5

Comprimento (cm) –

Diâmetro (cm) –

Espessura (cm) – 1,3

Profundidade (cm) –

Outras Dimensões (cm) – 138,7 x 453,7

Peso (Kg)

Conservação: Bom.

Incorporação – Fundo antigo

Data de Incorporação: Desconhecida

Modo de Incorporação/Descrição: Fundo antigo no âmbito do projeto “Devolver ao Olhar”

Localização

Localização:

Data: 2014/05/08

Imagem/ Som

Registo de Imagem / Som:

Tipo: Digital

Localização: Imagens -SRV.Matriz

Autor: Graça Siva

Exposições

Exposições/ Título:

Local:

Data de Início:

Data de Fim:

Bibliografia

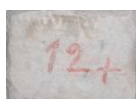
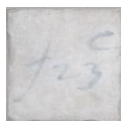
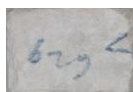
Título: Dicionário dos Símbolos / Dicionário dos Santos/ Museu Nacional do Azulejo, Roteiro

Autores: Jean Chevalier e Alain Gheerbrant/ Jorge campos Tavares/ Paulo Henriquescom a colaboração de: Ana Almeida; Alexandre Pais; Fátima Loureiro e João Pedro Monteiro

Edição: Teorema / Lello Editores/ Instituto Português dos Museus

Nº Catálogo:

Obs:

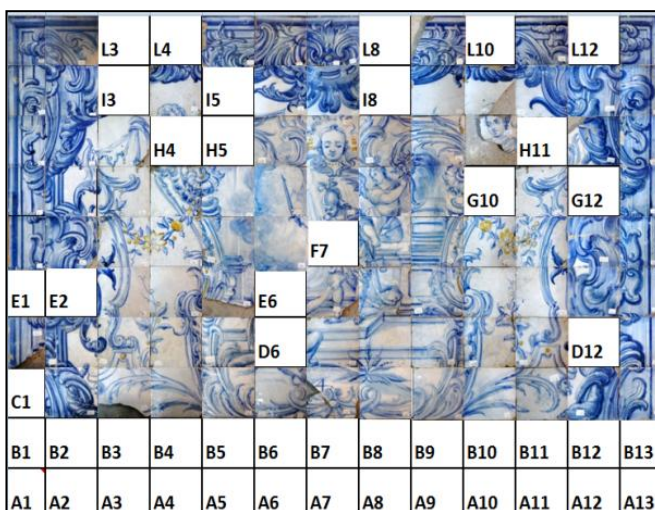


Preenchido por: Graça Silva

Data: 2014/05/09

MATRIZ**Identificação da Peça****Instituição/Proprietário:** MNAz**Super-categoria:** Arte**Categoria:** Cerâmica**Subcategoria:** Cerâmica de

revestimento

Denominação: Painel de azulejos**Título:** Alegoria: “Arcanjo Miguel”**Nº. de inventário:** 9783**Identificação****Nºs de Inventário Anteriores:****Elemento de um conjunto:** Relacionado com nº 872; 9892; 9893 e 9894**Historial:**

Descrição: Composição com pintura a azul sobre branco com apontamentos a amarelo e púrpura. O seu esquema organizativo é composto por: moldura, cartela, rosto feminino e figura central. A moldura é considerada um elemento de ligação ao espaço arquitetónico, destaca-se o uso de uma só cor, o azul-cobalto de cor intensa, trabalhado com o uso da técnica do esgrafitado. A cartela funciona como uma segunda moldura adornada com elementos vegetalistas. É suspensa por dois bustos femininos fazendo a ligação à moldura com grinaldas de flores e panejamentos. A cartela tem como objetivo enquadrar a cena central da composição, tendo também uma função ornamental. O rosto feminino ao centro do conjunto determina o centro da composição figurativa. Na reserva central observa-se uma figura masculina com uma espada e uma balança atributos do Arcanjo Miguel, militar das milícias celestes. A espada e a balança representam a justiça servindo a espada para punir os maus e abalança para pesar as almas. A figura surge, aparentemente, a atacar uma personagem caída em primeiro plano, mas por a cena se encontrar incompleta não é possível uma interpretação mais exata do tema representado.

Autoria: Desconhecida**Justificação/ Atribuição:****Localização:****Assinatura:****Produção:**

Oficina/ Fabricante:

Centro de Fabrico: Lisboa

Local de Execução: Portugal

Escola/Estilo/Movimento: Rococó

Marcas/ Inscrições:

Identificação de Marca:

Inscrições:

Legenda:



Datação

Século (s): XVIII

Anos: 173-1755

Justificação da data:

Outras datações:

Informação técnica

Matéria: Barro

Suporte:

Técnica: Majólica e esgrafitado.

Precisões sobre a técnica: A majólica distingue-se pelo revestimento branco opaco, sobre a superfície da cerâmica, formado por uma frita de sílica, óxidos de chumbo e estanho, óxidos de potássio ou sódio, aplicados sobre a cerâmica cozida. A pintura era posteriormente efetuada neste revestimento branco com óxidos colorantes. A técnica do esgrafitado, é a responsável pela decoração na moldura, baseando-se na gravação de motivos decorativos riscados na face vidrada com algum objeto pontiagudo por vezes o cabo do pincel que pressionado deixa emergir a zona da chacota, gravando na moldura motivos decorativos, contrastando com o restante azul.

Dimensões

Altura (cm) – 14,2

Largura (cm) – 14,2 e 10,8

Comprimento (cm) –

Diâmetro (cm) –

Espessura (cm) – 1,2

Profundidade (cm) –

Outras Dimensões (cm) – 1142 x 181,2

Peso (Kg)

Conservação: Bom.

Incorporação – Fundo antigo

Data de Incorporação: Desconhecida

Modo de Incorporação/Descrição: Fundo antigo no âmbito do projeto “Devolver ao Olhar”

Localização

Localização:

Data: 2014/05/03

Imagem/ Som

Registo de Imagem / Som:

Tipo: Digital

Localização: Imagens -SRV.Matriz

Autor: Graça Siva

Exposições

Exposições/ Título:

Local:

Data de Início:

Data de Fim:

Bibliografia

Título: Dicionário dos Símbolos / Dicionário dos Santos/ Museu Nacional do Azulejo, Roteiro

Autores: Jean Chevalier e Alain Gheerbrant/ Jorge campos Tavares/ Paulo Henriques com a colaboração de: Ana Almeida; Alexandre Pais; Fátima Loureiro e João Pedro Monteiro

Edição: Teorema / Lello Editores/ Instituto Português dos Museus

Nº Catálogo:

Obs:



Preenchido por: Graça Silva

Data: 2014/05/05

MATRIZ**Identificação da Peça****Instituição/Proprietário:** MNAz**Super-categoria:** Arte**Categoria:** Cerâmica**Subcategoria:** Cerâmica de revestimento**Denominação:** Painel de azulejos**Título:** “Anunciação”**Nº. de inventário:** 9892**Identificação****Nºs de Inventário Anteriores:****Elemento de um conjunto:****Historial:**

Descrição: Composição com pintura a azul sobre branco com apontamentos a amarelo e púrpura. O seu esquema organizativo é composto por: moldura, cartela, rosto feminino e figura central. A moldura é considerada um elemento de ligação ao espaço arquitetónico, destaca-se o uso de uma só cor, o azul-cobalto de cor intensa, trabalhado com o uso da técnica do esgrafitado. A cartela funciona como uma segunda moldura adornada com elementos vegetalistas. É suspensa por dois bustos femininos fazendo a ligação à moldura com grinaldas de flores e panejamentos. A cartela tem como objetivo enquadrar a cena central da composição tendo também uma função ornamental. O rosto feminino ao centro do conjunto azulejar determina o centro da composição figurativa. Na reserva está representada uma passagem bíblica do Novo Testamento a Anunciação. Surge, assim, representada a Virgem Maria e o Arcanjo Rafael conhecido como um intermediário entre Deus e os homens, responsável por anunciar a Maria que iria ser a mãe do novo Messias. Ele transporta numa das mãos uma lanterna sendo este um dos seus atributos, significando iluminação e clareza de espírito. Na fila (C) temos uma marcação com o número (5) integrando esta cena num contexto narrativo complexo ainda pouco claro por não se conhecerem todas as cenas que o compõem.

**Autoria:** Desconhecida**Justificação/ Atribuição:****Localização:****Assinatura:****Produção:****Oficina/ Fabricante:**

Centro de Fabrico: Lisboa

Local de Execução: Portugal

Escola/Estilo/Movimento: Rococó

Marcas/ Inscrições:

Identificação de Marca:

Inscrições:

Legenda:



Datação

Século (s): XVIII

Anos: 1735-1755

Justificação da data:

Outras datações:

Informação técnica

Matéria: Barro

Suporte:

Técnica: Majólica e esgrafitado

Precisões sobre a técnica: A majólica distingue-se pelo revestimento branco opaco, sobre a superfície da cerâmica, formado por uma frita de sílica, óxidos de chumbo e estanho, óxidos de potássio ou sódio, aplicados sobre a cerâmica cozida. A pintura era posteriormente efetuada neste revestimento branco com óxidos colorantes. A técnica do esgrafitado, é a responsável pela decoração na moldura, baseando-se na gravação de motivos decorativos riscados na face vidrada com algum objeto pontiagudo por vezes o cabo do pincel que pressionado deixa emergir a zona da chacota, gravando na moldura motivos decorativos, contrastando com o restante azul.

Dimensões

Altura (cm) – 14,2

Largura (cm) – 14,2

Comprimento (cm) –

Diâmetro (cm) –

Espessura (cm) – 1,2

Profundidade (cm) –

Outras Dimensões (cm) – 142 x 142

Peso (Kg)

Conservação: Bom.

Incorporação – Fundo antigo

Data de Incorporação: Desconhecida

Modo de Incorporação/Descrição: Fundo antigo no âmbito do projeto “Devolver ao Olhar”

Localização

Localização:

Data: 2014/05/11

Imagem/ Som

Registo de Imagem / Som:

Tipo: Digital

Localização: Imagens -SRV.Matriz

Autor: Graça Siva

Exposições

Exposições/ Título:

Local:

Data de Início:

Data de Fim:

Bibliografia

Título: Dicionário dos Símbolos / Dicionário dos Santos/ Museu Nacional do Azulejo, Roteiro

Autores: Jean Chevalier e Alain Gheerbrant/ Jorge campos Tavares/ Paulo Henriques com a colaboração de: Ana Almeida; Alexandre Pais; Fátima Loureiro e João Pedro Monteiro

Edição: Teorema / Lello Editores/ Instituto Português dos Museus

Nº Catálogo:

Obs:



Preenchido por: Graça Silva

Data: 2014/05/14

MATRIZ

Identificação da Peça

Instituição/Proprietário: MNAz

Super-categoria: Arte

Categoria: Cerâmica

Subcategoria: Cerâmica de revestimento

Denominação: Pannel de azulejos

Título: Alegoria Mariana (?)

Nº. de inventário: 9893



Identificação

Nºs de Inventário Anteriores:

Elemento de um conjunto: Relacionado com o nº 872; 9783; 9892 e 9894

Historial:

Descrição: Composição com pintura a azul sobre branco com apontamentos a amarelo e púrpura. O seu esquema organizativo é composto por: moldura, cartela, rosto feminino e figura central. A moldura é considerada um elemento de ligação ao espaço arquitetónico, destaca-se o uso de uma só cor, o azul-cobalto de cor intensa, trabalhado com o uso da técnica do esgrafitado. A cartela funciona como uma segunda moldura adornada com elementos vegetalistas. É suspensa por dois bustos femininos fazendo a ligação à moldura com grinaldas de flores, panejamentos e vasos floridos. A cartela tem como objetivo enquadrar a cena central da composição, tendo também uma função ornamental. O rosto feminino ao centro do conjunto determina o centro da composição figurativa. A reserva integra uma Alegoria onde uma figura feminina surge tendo aos seus pés um corpo masculino caído, o que poderia levar-nos a acreditar tratar-se de uma representação de Santa Catarina, ainda que sem o seu atributo tradicional, a roda com lâminas. No plano superior, à direita, a figura do Padre Eterno rodeado de anjos e do sol sendo este uma manifestação da divindade.

Autoria: Desconhecida

Justificação/ Atribuição:

Localização:

Assinatura:

Produção:

Oficina/ Fabricante:

Centro de Fabrico: Lisboa

Local de Execução: Portugal

Escola/Estilo/Movimento: Rococó

Marcas/ Inscrições:

Identificação de Marca:

Inscrições:

Legenda:

Datação

Século (s): XVIII

Anos: 1735-1755

Justificação da data:

Outras datações:

Informação técnica

Matéria: Barro

Suporte:

Técnica: Majólica e esgrafitado.

Precisões sobre a técnica: A majólica distingue-se pelo revestimento branco opaco, sobre a superfície da cerâmica, formado por uma frita de sílica, óxidos de chumbo e estanho, óxidos de potássio ou sódio, aplicados sobre a cerâmica cozida. A pintura era posteriormente efetuada neste revestimento branco com óxidos colorantes. A técnica do esgrafitado, é a responsável pela decoração na moldura, baseando-se na gravação de motivos decorativos riscados na face vidrada com algum objeto pontiagudo por vezes o cabo do pincel que pressionado deixa emergir a zona da chacota, gravando na moldura motivos decorativos, contrastando com o restante azul.

Dimensões

Altura (cm) – 14,3

Largura (cm) – 14,3

Comprimento (cm) –

Diâmetro (cm) –

Espessura (cm) – 1,2

Profundidade (cm) –

Outras Dimensões (cm) – 143 x 100,1

Peso (Kg)

Conservação: Bom.

Incorporação – Fundo antigo

Data de Incorporação: Desconhecida

Modo de Incorporação/Descrição: Fundo antigo no âmbito do projeto “Devolver ao Olhar”

Localização

Localização:

Data: 2014/05/06

Imagem/ Som

Registo de Imagem / Som:

Tipo: Digital

Localização: Imagens -SRV.Matriz

Autor: Graça Siva

Exposições

Exposições/ Título:

Local:

Data de Início:

Data de Fim:

Bibliografia

Título: Dicionário dos Símbolos / Dicionário dos Santos/ Museu Nacional do Azulejo, Roteiro

Autores: Jean Chevalier e Alain Gheerbrant/ Jorge campos Tavares/ Paulo Henriques com a colaboração de: Ana Almeida; Alexandre Pais; Fátima Loureiro e João Pedro Monteiro

Edição: Teorema / Lello Editores/ Instituto Português dos Museus

Nº Catálogo:

Obs:



Preenchido por: Graça Silva

Data: 2014/05/07

MATRIZ**Identificação da Peça****Instituição/Proprietário:** MNAz**Super-categoria:** Arte**Categoria:** Cerâmica**Subcategoria:** Cerâmica de revestimento**Denominação:** Painel de azulejos**Título:** Mater Dolorosa**N.º de inventário:** 9894**Identificação****N.ºs de Inventário Anteriores:****Elemento de um conjunto:** Relacionado com o n.º 872; 9783; 9892 e 9893**Historial:**

Descrição: Composição com pintura a azul sobre branco com apontamentos a amarelo e púrpura. O seu esquema organizativo é composto por: moldura, cartela, rosto feminino e figura central. A moldura é considerada um elemento de ligação ao espaço arquitetónico, destaca-se o uso de uma só cor, o azul-cobalto de cor intensa, trabalhado com o uso da técnica do esgrafitado. A cartela funciona como uma segunda moldura adornada com elementos vegetalistas. A cartela tem como objetivo enquadrar a cena central da composição, tendo também uma função ornamental. O rosto feminino ao centro do conjunto determina o centro da composição figurativa. A reserva central representa a Virgem Maria enquanto *Mater Dolorosa*, no monte Calvário, sentada e encostada à cruz acompanhada de um anjo.

Autoria: Desconhecida**Justificação/ Atribuição:****Localização:****Assinatura:****Produção:****Oficina/ Fabricante:****Centro de Fabrico:** Lisboa**Local de Execução:** Portugal**Escola/Estilo/Movimento:** Rococó**Marcas/ Inscrições:**

Identificação de Marca:

Inscrições:

Legenda:

Datação

Século (s): XVIII

Anos: 1735-1755

Justificação da data:

Outras datações:

Informação técnica

Matéria: Barro

Suporte:

Técnica: Majólica e esgrafitado.

Precisões sobre a técnica: A majólica distingue-se pelo revestimento branco opaco, sobre a superfície da cerâmica, formado por uma frita de sílica, óxidos de chumbo e estanho, óxidos de potássio ou sódio, aplicados sobre a cerâmica cozida. A pintura era posteriormente efetuada neste revestimento branco com óxidos colorantes. A técnica do esgrafitado, é a responsável pela decoração na moldura, baseando-se na gravação de motivos decorativos riscados na face vidrada com algum objeto pontiagudo por vezes o cabo do pincel que pressionado deixa emergir a zona da chacota, gravando na moldura motivos decorativos, contrastando com o restante azul.

Dimensões

Altura (cm) – 14,3

Largura (cm) – 14,3

Comprimento (cm) –

Diâmetro (cm) –

Espessura (cm) – 1,2

Profundidade (cm) –

Outras Dimensões (cm) – 143 x 114,4

Peso (Kg)

Conservação: Bom.

Incorporação – Fundo antigo

Data de Incorporação: Desconhecida

Modo de Incorporação/Descrição: Fundo antigo no âmbito do projeto “Devolver ao Olhar”

Localização

Localização:

Data: 2014/05/06

Imagem/ Som

Registo de Imagem / Som:

Tipo: Digital

Localização: Imagens -SRV.Matriz

Autor: Graça Siva

Exposições

Exposições/ Título:

Local:

Data de Início:

Data de Fim:

Bibliografia

Título: Dicionário dos Símbolos / Dicionário dos Santos/ Museu Nacional do Azulejo, Roteiro

Autores: Jean Chevalier e Alain Gheerbrant/ Jorge campos Tavares/ Paulo Henriques com a colaboração de: Ana Almeida; Alexandre Pais; Fátima Loureiro e João Pedro Monteiro

Edição: Teorema / Lello Editores/ Instituto Português dos Museus

Nº Catálogo:

Obs:



Preenchido por: Graça Silva

Data: 2014/05/07

MATRIZ

Identificação da Peça**Instituição/Proprietário:** MNAz**Super-categoria:** Arte**Categoria:** Cerâmica**Subcategoria:** Cerâmica de revestimento**Denominação:** Painel de azulejos**Título: Alegoria:** “Esperança”**Nº. de inventário:** 9895**Identificação:****Nºs de Inventário Anteriores:****Elemento de um conjunto:** 9896; 9897**Historial:**

Descrição: Composição com pintura a azul sobre branco com apontamentos a amarelo e púrpura. O seu esquema organizativo é composto por: moldura, cartela, rosto feminino e figura central. A moldura é considerada um elemento de ligação ao espaço arquitetónico, destaca-se o uso de uma só cor, o azul-cobalto de cor intensa, trabalhado com o uso da técnica do esgrafitado. A cartela funciona como uma segunda moldura adornada com elementos vegetalistas, A cartela tem como objetivo enquadrar a cena central da composição, tendo também uma função ornamental. O rosto feminino ao centro do conjunto determina o centro da composição figurativa. Na reserva central observa-se uma figura feminina, a Virtude Teológica Esperança com o seu atributo a âncora. Este símbolo remete para o texto de São Paulo na *Epistola aos Hebreus* e tem como significado ancorar a alma humana a em Cristo, o único modo, acreditava-se, de evitar o naufrágio espiritual.

Autoria: Desconhecida**Justificação/ Atribuição:****Localização:****Assinatura:****Produção:****Oficina/ Fabricante:****Centro de Fabrico:** Lisboa**Local de Execução:** Portugal**Escola/Estilo/Movimento:** Rococó**Marcas/ Inscrições:**

Identificação de Marca:

Inscrições:

Legenda:

Datação

Século (s): XVIII

Anos: 1735-1755

Justificação da data.

Outras datações:

Informação técnica

Matéria: Barro

Suporte:

Técnica: Majólica e esgrafitado

Precisões sobre a técnica: A majólica distingue-se pelo revestimento branco opaco, sobre a superfície da cerâmica, formado por uma frita de sílica, óxidos de chumbo e estanho, óxidos de potássio ou sódio, aplicados sobre a cerâmica cozida. A pintura era posteriormente efetuada neste revestimento branco com óxidos colorantes. A técnica do esgrafitado, é a responsável pela decoração na moldura, baseando-se na gravação de motivos decorativos riscados na face vidrada com algum objeto pontiagudo por vezes o cabo do pincel que pressionado deixa emergir a zona da chacota, gravando na moldura motivos decorativos, contrastando com o restante azul.

Dimensões

Altura (cm) – 14,4 e 10,9

Largura (cm) – 14,4 e 10,9

Comprimento (cm) –

Diâmetro (cm) –

Espessura (cm) – 1,3

Profundidade (cm) –

Outras Dimensões (cm) – 140,5 x 108,2

Peso (Kg)

Conservação: Bom.

Incorporação – Fundo antigo

Data de Incorporação: Desconhecida

Modo de Incorporação/Descrição: Fundo antigo no âmbito do projeto “Devolver ao Olhar”

Localização

Localização:

Data: 2014/05/05

Imagem/ Som

Registo de Imagem / Som:

Tipo: Digital

Localização: Imagens -SRV.Matriz

Autor: Graça Siva

Exposições

Exposições/ Título:

Local:

Data de Início:

Data de Fim:

Bibliografia

Título: Dicionário dos Símbolos / Dicionário dos Santos/ Museu Nacional do Azulejo, Roteiro

Autores: Jean Chevalier e Alain Gheerbrant/ Jorge campos Tavares/ Paulo Henriques com a colaboração de: Ana Almeida; Alexandre Pais; Fátima Loureiro e João Pedro Monteiro

Edição: Teorema / Lello Editores/ Instituto Português dos Museus

Nº Catálogo:

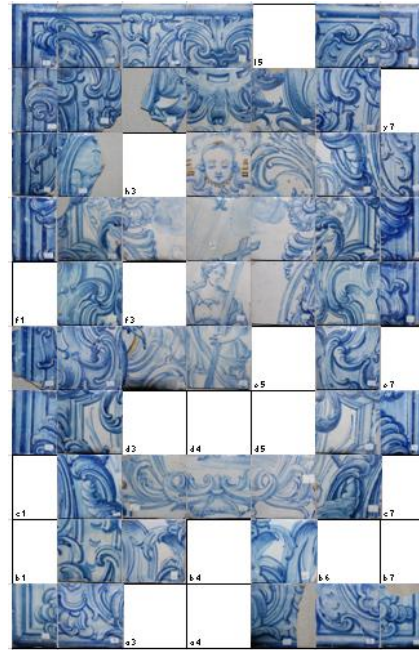
Obs:



Preenchido por: Graça Silva

Data: 2014/05/05

MATRIZ

Identificação da Peça**Instituição/Proprietário:** MNAz**Super-categoria:** Arte**Categoria:** Cerâmica**Subcategoria:** Cerâmica de revestimento**Denominação:** Painel de azulejos**Título:** Alegoria: Fé**N.º. de inventário:** 9896**Identificação****N.ºs de Inventário Anteriores:****Elemento de um conjunto:****Historial:**

Descrição: Composição com pintura a azul sobre branco com apontamentos a amarelo e púrpura. O seu esquema organizativo é composto por: moldura, cartela, rosto feminino e figura central. A moldura é considerada um elemento de ligação ao espaço arquitetónico, destaca-se o uso de uma só cor, o azul-cobalto de cor intensa, trabalhado com o uso da técnica do esgrafitado. A cartela funciona como uma segunda moldura adornada com elementos vegetalistas. A cartela tem como objetivo enquadrar a cena central da composição, tendo também uma função ornamental. O rosto feminino ao centro do conjunto determina o centro da composição figurativa. Na reserva central observa-se uma figura feminina, Virtude Teológica Fé com o seu atributo a cruz. A Fé representa a crença, a entrega total e a Deus.

Autoria: Desconhecida**Justificação/ Atribuição:****Localização:****Assinatura:****Produção:****Oficina/ Fabricante:****Centro de Fabrico:** Lisboa**Local de Execução:** Portugal**Escola/Estilo/Movimento:** Rococó**Marcas/ Inscricões:**

Identificação de Marca:

Inscrições:

Legenda:

Datação

Século (s): XVIII

Anos: 1735-1755

Justificação da data:

Outras datações:

Informação técnica

Matéria: Barro

Suporte:

Técnica: Majólica e esgrafitado.

Precisões sobre a técnica: A majólica distingue-se pelo revestimento branco opaco, sobre a superfície da cerâmica, formado por uma frita de sílica, óxidos de chumbo e estanho, óxidos de potássio ou sódio, aplicados sobre a cerâmica cozida. A pintura era posteriormente efetuada neste revestimento branco com óxidos colorantes. A técnica do esgrafitado, é a responsável pela decoração na moldura, baseando-se na gravação de motivos decorativos riscados na face vidrada com algum objeto pontiagudo por vezes o cabo do pincel que pressionado deixa emergir a zona da chacota, gravando na moldura motivos decorativos, contrastando com o restante azul.

Dimensões

Altura (cm) – 14,3

Largura (cm) – 14,3 e 10,8

Comprimento (cm) –

Diâmetro (cm) –

Espessura (cm) – 1,2

Profundidade (cm) –

Outras Dimensões (cm) – 143 x 93,1

Peso (Kg)

Conservação: Bom.

Incorporação – Fundo antigo

Data de Incorporação: Desconhecida

Modo de Incorporação/Descrição: Fundo antigo no âmbito do projeto “Devolver ao Olhar”

Localização

Localização:

Data: 2014/05/014

Imagem/ Som

Registo de Imagem / Som:

Tipo: Digital

Localização: Imagens -SRV.Matriz

Autor: Graça Siva

Exposições

Exposições/ Título:

Local:

Data de Início:

Data de Fim:

Bibliografia

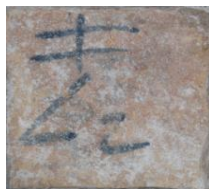
Título: Dicionário dos Símbolos / Dicionário dos Santos/ Museu Nacional do Azulejo, Roteiro

Autores: Paulo Henriques com a colaboração de: Ana Almeida; Alexandre Pais; Fátima Loureiro e João Pedro Monteiro

Edição: Instituto Português dos Museus

Nº Catálogo:

Obs:



Preenchido por: Graça Silva

Data: 2014/05/027

MATRIZ

Identificação da Peça

Instituição/Proprietário: MNAz

Super-categoria: Arte

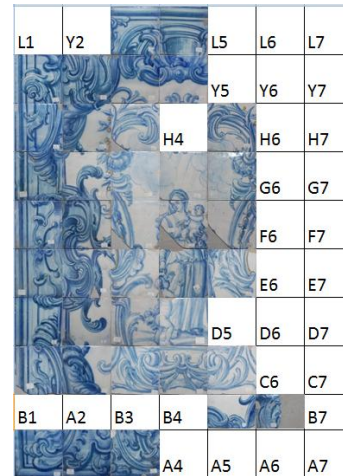
Categoria: Cerâmica

Subcategoria: Cerâmica de revestimento

Denominação: Painel de azulejos

Título: Alegoria: “Caridade”

Nº. de inventário: 9897



Identificação

Nºs de Inventário Anteriores:

Elemento de um conjunto: Relacionado com o nº 9895 e 9896.

Historial:

Descrição: Composição com pintura a azul sobre branco com apontamentos a amarelo e púrpura. O seu esquema organizativo é composto por: moldura, cartela, rosto feminino e figura central. A moldura é considerada um elemento de ligação ao espaço arquitetónico, destaca-se o uso de uma só cor, o azul-cobalto de cor intensa, trabalhado com o uso da técnica do esgrafitado. A cartela funciona como uma segunda moldura adornada com elementos vegetalistas. A cartela tem como objetivo enquadrar a cena central da composição, tendo também uma função ornamental. O rosto feminino ao centro do conjunto determina o centro da composição figurativa. Na reserva central observa-se uma figura feminina, a Virtude Teológica Caridade rodeada de crianças. A Caridade representa a capacidade humana de amar transmitindo a alegria, a paz e a misericórdia, impondo a prática da comunhão.

Autoria: Desconhecida

Justificação/ Atribuição:

Localização:

Assinatura:

Produção:

Oficina/ Fabricante:

Centro de Fabrico: Lisboa

Local de Execução: Portugal

Escola/Estilo/Movimento: Rococó

Marcas/ Inscrições:

Identificação de Marca:

Inscrições:

Legenda:

Datação

Século (s): XVIII

Anos: 1735-1755

Justificação da data:

Outras datações:

Informação técnica

Matéria: Barro

Suporte:

Técnica: Majólica

Precisões sobre a técnica: A majólica distingue-se pelo revestimento branco opaco, sobre a superfície da cerâmica, formado por uma frita de sílica, óxidos de chumbo e estanho, óxidos de potássio ou sódio, aplicados sobre a cerâmica cozida. A pintura era posteriormente efetuada neste revestimento branco com óxidos colorantes. A técnica do esgrafitado, é a responsável pela decoração na moldura, baseando-se na gravação de motivos decorativos riscados na face vidrada com algum objeto pontiagudo por vezes o cabo do pincel que pressionado deixa emergir a zona da chacota, gravando na moldura motivos decorativos, contrastando com o restante azul.

Dimensões

Altura (cm) – 14,3 e 10,98

Largura (cm) – 14,3

Comprimento (cm) –

Diâmetro (cm) –

Espessura (cm) – 1,2

Profundidade (cm) –

Outras Dimensões (cm) – 139,5 x 100,1

Peso (Kg)

Conservação: Bom.

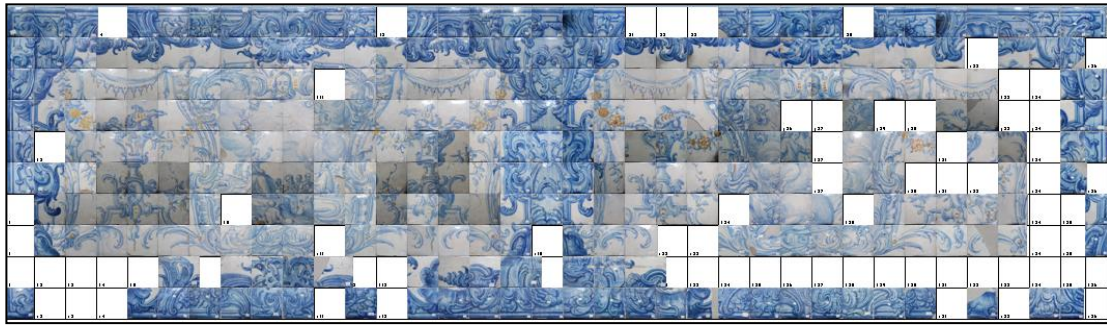
Incorporação – Fundo antigo

Data de Incorporação: Desconhecida

Modo de Incorporação/Descrição: Fundo antigo no âmbito do projeto “Devolver ao Olhar”

Localização**Localização:****Data:** 2014/05/09**Imagem/ Som****Registo de Imagem / Som:****Tipo:** Digital**Localização:** Imagens -SRV.Matriz**Autor:** Graça Siva**Exposições****Exposições/ Título:****Local:****Data de Início:****Data de Fim:****Bibliografia****Título:** Dicionário dos Símbolos / Dicionário dos Santos/ Museu Nacional do Azulejo, Roteiro**Autores:** Jean Chevalier e Alain Gheerbrant/ Jorge campos Tavares/ Paulo Henriques com a colaboração de: Ana Almeida; Alexandre Pais; Fátima Loureiro e João Pedro Monteiro**Edição:** Teorema / Lello Editores/ Instituto Português dos Museus**Nº Catálogo:****Obs:****Preenchido por:** Graça Silva**Data:** 2014/05/15

MATRIZ



Identificação da Peça

Instituição/Proprietário: MNAz

Super-categoria: Arte

Categoria: Cerâmica

Subcategoria: Cerâmica de revestimento

Denominação: Painel de azulejos

Título: Alegoria: Cristológica

Nº. de inventário: 9898

Identificação

Nºs de Inventário Anteriores:

Elemento de um conjunto:

Historial:

Descrição: Composição com pintura a azul sobre branco com apontamentos a amarelo e púrpura. O seu esquema organizativo é composto por: moldura, cartela, rosto feminino e figura central. A moldura é considerada um elemento de ligação ao espaço arquitetónico, destaca-se o uso de uma só cor, o azul-cobalto de cor intensa, trabalhado com o uso da técnica do esgrafitado. A cartela funciona como uma segunda moldura adornada com elementos vegetalistas. É suspensa por dois bustos femininos fazendo a ligação à moldura com grinaldas de flores, panejamentos e vasos floridos. A cartela tem como objetivo enquadrar a cena central da composição, tendo também uma função ornamental. O rosto feminino ao centro do conjunto determina o centro da composição figurativa. Na reserva central da primeira secção observa-se uma figura masculina a conduzir um sermão para um grupo de pessoas, na segunda cena observa-se um menino, com uma túnica, em ascensão, as duas cenas da composição parecem representar passagens associadas à figura de Cristo.

Autoria: Desconhecida

Justificação/ Atribuição:

Localização:

Assinatura:

Produção:

Oficina/ Fabricante:

Centro de Fabrico: Lisboa

Local de Execução: Portugal

Escola/Estilo/Movimento: Rococó

Marcas/ Incrições:

Identificação de Marca:

Incrições:

Legenda:

Datação

Século (s): XVIII

Anos: 1735-1755

Justificação da data:

Outras datações:

Informação técnica

Matéria: Barro

Suporte:

Técnica: Majólica e esgrafitado

Precisões sobre a técnica: A majólica distingue-se pelo revestimento branco opaco, sobre a superfície da cerâmica, formado por uma frita de sílica, óxidos de chumbo e estanho, óxidos de potássio ou sódio, aplicados sobre a cerâmica cozida. A pintura era posteriormente efetuada neste revestimento branco com óxidos colorantes. A técnica do esgrafitado, é a responsável pela decoração na moldura, baseando-se na gravação de motivos decorativos riscados na face vidrada com algum objeto pontiagudo por vezes o cabo do pincel que pressionado deixa emergir a zona da chacota, gravando na moldura motivos decorativos, contrastando com o restante azul.

Dimensões

Altura (cm) – 14,3

Largura (cm) – 14,3

Comprimento (cm) –

Diâmetro (cm) –

Espessura (cm) – 1,3

Profundidade (cm) –

Outras Dimensões (cm) – 143 x 514,8

Peso (Kg)

Conservação: Bom.

Incorporação – Fundo antigo

Data de Incorporação: Desconhecida

Modo de Incorporação/Descrição: Fundo antigo no âmbito do projeto “Devolver ao Olhar”

Localização

Localização:

Data: 2014/05/02

Imagem/ Som

Registo de Imagem / Som:

Tipo: Digital

Localização: Imagens -SRV.Matriz

Autor: Graça Siva

Exposições

Exposições/ Título:

Local:

Data de Início:

Data de Fim:

Bibliografia

Título: Dicionário dos Símbolos / Dicionário dos Santos/ Museu Nacional do Azulejo, Roteiro

Autores: Jean Chevalier e Alain Gheerbrant/ Jorge campos Tavares/ Paulo Henriques com a colaboração de: Ana Almeida; Alexandre Pais; Fátima Loureiro e João Pedro Monteiro

Edição: Teorema / Lello Editores/ Instituto Português dos Museus

Nº Catálogo:

Obs:



Preenchido por: Graça Silva

Data: 2014/05/05

MATRIZ

Identificação da Peça

Instituição/Proprietário: MNAz

Super-categoria: Arte

Categoria: Cerâmica

Subcategoria: Cerâmica de revestimento

Denominação: Painel de azulejos

Título: Alegoria Mariana (?)

N.º de inventário: 9899

Identificação

N.ºs de Inventário Anteriores:

Elemento de um conjunto:



Historial:

Descrição: Composição com pintura a azul sobre branco com apontamentos a amarelo e púrpura. O seu esquema organizativo é composto por: moldura, cartela, rosto feminino e figura central. A moldura é considerada um elemento de ligação ao espaço arquitetónico, destaca-se o uso de uma só cor, o azul-cobalto de cor intensa, trabalhado com o uso da técnica do esgrafitado. A cartela funciona como uma segunda moldura adornada com elementos vegetalistas. A cartela tem como objetivo enquadrar a cena central da composição, tendo também uma função ornamental. O rosto feminino ao centro do conjunto determina o centro da composição figurativa. Na reserva central observa-se uma figura feminina junto de um corpo caído. No plano superior surgem dois anjos à esquerda e à direita figura do Padre Eterno.

Autoria: Desconhecida

Justificação/ Atribuição:

Localização:

Assinatura:

Produção:

Oficina/ Fabricante:

Centro de Fabrico: Lisboa

Local de Execução: Portugal

Escola/Estilo/Movimento: Rococó

Marcas/ Inscricões:

Identificação de Marca:

Inscrições:

Legenda:

Datação

Século (s): XVIII

Anos: 1735-1755

Justificação da data:

Outras datações:

Informação técnica

Matéria: Barro

Suporte:

Técnica: Majólica e esgrafitado

Precisões sobre a técnica: A majólica distingue-se pelo revestimento branco opaco, sobre a superfície da cerâmica, formado por uma frita de sílica, óxidos de chumbo e estanho, óxidos de potássio ou sódio, aplicados sobre a cerâmica cozida. A pintura era posteriormente efetuada neste revestimento branco com óxidos colorantes. A técnica do esgrafitado, é a responsável pela decoração na moldura, baseando-se na gravação de motivos decorativos riscados na face vidrada com algum objeto pontiagudo por vezes o cabo do pincel que pressionado deixa emergir a zona da chacota, gravando na moldura motivos decorativos, contrastando com o restante azul.

Dimensões

Altura (cm) – 14,3

Largura (cm) – 14,3

Comprimento (cm) –

Diâmetro (cm) –

Espessura (cm) – 1,3

Profundidade (cm) –

Outras Dimensões (cm) – 139,7 x 179,3

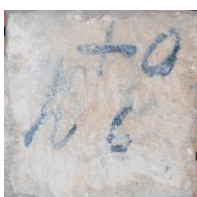
Peso (Kg)

Conservação: Bom.

Incorporação – Fundo antigo

Data de Incorporação: Desconhecida

Modo de Incorporação/Descrição: Fundo antigo no âmbito do projeto “Devolver ao Olhar”

Localização**Localização:****Data:** 2014/05/12**Imagem/ Som****Registo de Imagem / Som:****Tipo:** Digital**Localização:** Imagens -SRV.Matriz**Autor:** Graça Siva**Exposições****Exposições/ Título:****Local:****Data de Início:****Data de Fim:****Bibliografia****Título:** Dicionário dos Símbolos / Dicionário dos Santos/ Museu Nacional do Azulejo, Roteiro**Autores:** Jean Chevalier e Alain Gheerbrant/ Jorge campos Tavares/ Paulo Henriques com a colaboração de: Ana Almeida; Alexandre Pais; Fátima Loureiro e João Pedro Monteiro**Edição:** Teorema / Lello Editores/ Instituto Português dos Museus**Nº Catálogo:****Obs:****Preenchido por:** Graça Silva**Data:** 2014/05/12

MATRIZ

Identificação da Peça

Instituição/Proprietário: MNAz

Super-categoria: Arte

Categoria: Cerâmica

Subcategoria: Cerâmica de revestimento

Denominação: Pannel de azulejos

Título: Alegoria: Tema Mariano (?)

N.º. de inventário: 9900

Identificação

N.ºs de Inventário Anteriores:

Elemento de um conjunto:

Historial:

Descrição: Composição com pintura a azul sobre branco com apontamentos a amarelo e púrpura. O seu esquema organizativo é composto por: moldura, cartela e figura central. A moldura é considerada um elemento de ligação ao espaço arquitetónico, destaca-se o uso de uma só cor, o azul-cobalto de cor intensa, trabalhado com o uso da técnica do esgrafitado. A cartela funciona como uma segunda moldura adornada com elementos vegetalistas. A cartela tem como objetivo enquadrar a cena central da composição, tendo também uma função ornamental. Na reserva central está representado um querubim que segura uma cartela onde se inscreve uma rosa.

Autoria: Desconhecida

Justificação/ Atribuição:

Localização:

Assinatura:

Produção:

Oficina/ Fabricante:

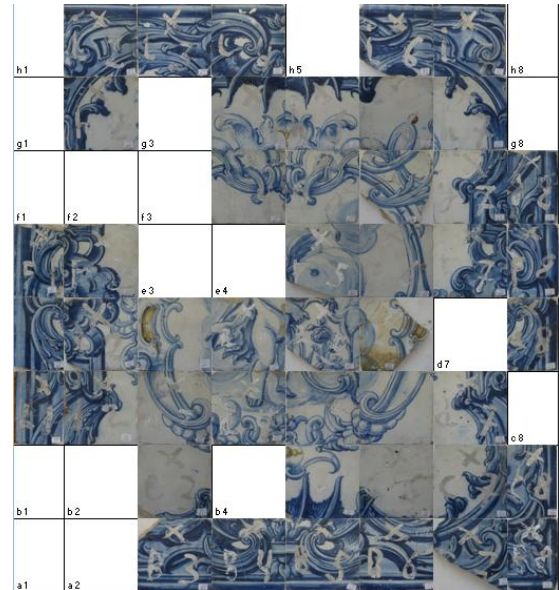
Centro de Fabrico: Lisboa

Local de Execução: Portugal

Escola/Estilo/Movimento: Rococó

Marcas/ Incrições:

Identificação de Marca:



Inscrições:

Legenda:

Datação

Século (s): XVIII

Anos: 1735-1755

Justificação da data:

Outras datações:

Informação técnica

Matéria: Barro

Suporte:

Técnica: Majólica e esgrafitado

Precisões sobre a técnica: A majólica distingue-se pelo revestimento branco opaco, sobre a superfície da cerâmica, formado por uma frita de sílica, óxidos de chumbo e estanho, óxidos de potássio ou sódio, aplicados sobre a cerâmica cozida. A pintura era posteriormente efetuada neste revestimento branco com óxidos colorantes. A técnica do esgrafitado, é a responsável pela decoração na moldura, baseando-se na gravação de motivos decorativos riscados na face vidrada com algum objeto pontiagudo por vezes o cabo do pincel que pressionado deixa emergir a zona da chacota, gravando na moldura motivos decorativos, contrastando com o restante azul.

Dimensões

Altura (cm) – 14,3

Largura (cm) – 14,3 e 10,9

Comprimento (cm) –

Diâmetro (cm) –

Espessura (cm) – 1,3

Profundidade (cm) –

Outras Dimensões (cm) – 140,5 x 108,2

Peso (Kg)

Conservação: Bom.

Incorporação – Fundo antigo

Data de Incorporação: Desconhecida

Modo de Incorporação/Descrição: Fundo antigo no âmbito do projeto “Devolver ao Olhar”

Localização**Localização:****Data:** 2014/05/12**Imagem/ Som****Registo de Imagem / Som:****Tipo:** Digital**Localização:** Imagens -SRV.Matriz**Autor:** Graça Siva**Exposições****Exposições/ Título:****Local:****Data de Início:****Data de Fim:****Bibliografia****Título:** Dicionário dos Santos/ Museu Nacional do Azulejo, Roteiro**Autores:** Jorge campos Tavares/ Paulo Henriques com a colaboração de: Ana Almeida; Alexandre Pais; Fátima Loureiro e João Pedro Monteiro**Edição:** Lello Editores/ Instituto Português dos Museus**Nº Catálogo:****Obs:****Preenchido por:** Graça Silva**Data:** 2014/05/12

MATRIZ

Identificação da Peça

Instituição/Proprietário: MNAz

Super-categoria: Arte

Categoria: Cerâmica

Subcategoria: Cerâmica de revestimento

Denominação: Painel de azulejos

Título: Alegoria: Inocência (?)

Nº. de inventário: 9901



Identificação

Nºs de Inventário Anteriores:

Elemento de um conjunto:

Historial:

Descrição: Composição com pintura a azul sobre branco com apontamentos a amarelo e púrpura. O seu esquema organizativo é composto por: moldura, cartela, rosto feminino e figura central. A moldura é considerada um elemento de ligação ao espaço arquitetónico, destaca-se o uso de uma só cor, o azul-cobalto de cor intensa, trabalhado com o uso da técnica do esgrafitado. A cartela funciona como uma segunda moldura adornada com elementos vegetalistas. É suspensa por dois bustos femininos fazendo a ligação à moldura com grinaldas de flores, panejamentos e vasos floridos. A cartela tem como objetivo enquadrar a cena central da composição, tendo também uma função ornamental. O rosto feminino ao centro do conjunto determina o centro da composição figurativa. Na reserva central observam-se duas figuras, um anjo e uma jovem, junto de quem caminha um cordeiro, o que poderia remeter para uma representação de Santa Inês, sendo, por isso, uma alegoria à inocência. Uma segunda figura feminina surge sentada, à esquerda, tendo junto de si uma cornucópia. O contexto narrativo complexo e ainda pouco claro que compõe o conjunto onde se integrava esta composição não permite a sua interpretação, por não se conhecerem todas as cenas nele representadas.

Autoria: Desconhecida

Justificação/ Atribuição:

Localização:

Assinatura:

Produção:

Oficina/ Fabricante:

Centro de Fabrico: Lisboa

Local de Execução: Portugal

Escola/Estilo/Movimento: Rococó

Marcas/ Inscrições:

Identificação de Marca:

Inscrições:

Legenda:

Datação

Século (s): XVIII

Anos: 1735-1755

Justificação da data:

Outras datações:

Informação técnica

Matéria: Barro

Suporte:

Técnica: Majólica

Precisões sobre a técnica: A majólica distingue-se pelo revestimento branco opaco, sobre a superfície da cerâmica, formado por uma frita de sílica, óxidos de chumbo e estanho, óxidos de potássio ou sódio, aplicados sobre a cerâmica cozida. A pintura era posteriormente efetuada neste revestimento branco com óxidos colorantes.

Dimensões

Altura (cm) – 14,3 e 11

Largura (cm) – 14,3 e 11

Comprimento (cm) –

Diâmetro (cm) –

Espessura (cm) – 1,3

Profundidade (cm) –

Outras Dimensões (cm) – 139,7 x 179,3

Peso (Kg)

Conservação: Bom.

Incorporação – Fundo antigo

Data de Incorporação: Desconhecida

Modo de Incorporação/Descrição: Fundo antigo no âmbito do projeto “Devolver ao Olhar”

Localização

Localização:

Data: 2014/05/12

Imagem/ Som

Registo de Imagem / Som:

Tipo: Digital

Localização: Imagens -SRV.Matriz

Autor: Graça Siva

Exposições

Exposições/ Título:

Local:

Data de Início:

Data de Fim:

Bibliografia

Título: Dicionário dos Símbolos / Dicionário dos Santos/ Museu Nacional do Azulejo, Roteiro

Autores: Jean Chevalier e Alain Gheerbrant/ Jorge campos Tavares/ Paulo Henriques com a colaboração de: Ana Almeida; Alexandre Pais; Fátima Loureiro e João Pedro Monteiro

Edição: Teorema / Lello Editores/ Instituto Português dos Museus

Nº Catálogo:

Obs:



Preenchido por: Graça Silva

Data: 2014/05/12

MATRIZ

Identificação da Peça

Instituição/Proprietário: MNAz

Super-categoria: Arte

Categoria: Cerâmica

Subcategoria: Cerâmica de revestimento

Denominação: Painel de azulejos

Título: “Fonte Congelada”

Nº. de inventário: 9902

Identificação

Nºs de Inventário Anteriores:

Elemento de um conjunto:



Historial:

Descrição: Composição com pintura a azul sobre branco. A moldura é considerada um elemento de ligação ao espaço arquitetónico, destaca-se o uso de uma só cor, o azul-cobalto de cor intensa, trabalhado com o uso da técnica do esgrafitado. A cartela funciona como uma segunda moldura adornada com elementos vegetalistas. E tem como objetivo receber a figura central da composição, tendo também uma função ornamental. A reserva é constituída por uma fonte de água congelada.

Autoria: Desconhecida

Justificação/ Atribuição:

Localização:

Assinatura:

Produção:

Oficina/ Fabricante:

Centro de Fabrico: Lisboa

Local de Execução: Portugal

Escola/Estilo/Movimento: Rococó

Marcas/ Inscrições:

Identificação de Marca:

Inscrições:

Legenda:

Datação**Século (s):** XVIII**Anos:** 1735-1755**Justificação da data:****Outras datações:****Informação técnica****Matéria:** Barro**Suporte:****Técnica:** Majólica e esgrafitado

Precisões sobre a técnica: A majólica distingue-se pelo revestimento branco opaco, sobre a superfície da cerâmica, formado por uma frita de sílica, óxidos de chumbo e estanho, óxidos de potássio ou sódio, aplicados sobre a cerâmica cozida. A pintura era posteriormente efetuada neste revestimento branco com óxidos colorantes. A técnica do esgrafitado, é a responsável pela decoração na moldura, baseando-se na gravação de motivos decorativos riscados na face vidrada com algum objeto pontiagudo por vezes o cabo do pincel que pressionado deixa emergir a zona da chacota, gravando na moldura motivos decorativos, contrastando com o restante azul.

Dimensões**Altura (cm)** – 14,3**Largura (cm)** – 14,3 e 10,8**Comprimento (cm)** –**Diâmetro (cm)** –**Espessura (cm)** – 1,3**Profundidade (cm)** –**Outras Dimensões (cm)** – 114,4 x 150,3**Peso (Kg)****Conservação:** Bom.**Incorporação** – Fundo antigo**Data de Incorporação:** Desconhecida**Modo de Incorporação/Descrição:** Fundo antigo no âmbito do projeto “Devolver ao Olhar”**Localização****Localização:****Data:** 2014/05/12

Imagem/ Som

Registo de Imagem / Som:

Tipo: Digital

Localização: Imagens -SRV.Matriz

Autor: Graça Siva

Exposições

Exposições/ Título:

Local:

Data de Início:

Data de Fim:

Bibliografia

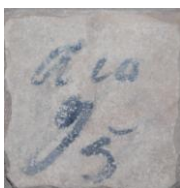
Título: Museu Nacional do Azulejo, Roteiro

Autores: Paulo Henriques com a colaboração de: Ana Almeida; Alexandre Pais; Fátima Loureiro e João Pedro Monteiro

Edição: Instituto Português dos Museus

Nº Catálogo:

Obs:



Preenchido por: Graça Silva

Data: 2014/05/15

MATRIZ

Identificação da Peça

Instituição/Proprietário: MNAz

Super-categoria: Arte

Categoria: Cerâmica

Subcategoria: Cerâmica de revestimento

Denominação: Painel de azulejos

Título: “Fonte Congelada”

Nº. de inventário: 9903



Identificação

Nºs de Inventário Anteriores:

Elemento de um conjunto:

Historial:

Descrição: Composição com pintura a azul sobre branco. A moldura é considerada um elemento de ligação ao espaço arquitetónico, destaca-se o uso de uma só cor, o azul-cobalto de cor intensa, trabalhado com o uso da técnica do esgrafitado. A cartela funciona como uma segunda moldura adornada com elementos vegetalistas. E tem como objetivo receber a figura central da composição, tendo também uma função ornamental. A reserva é constituída por uma fonte de água congelada.

Autoria: Desconhecida

Justificação/ Atribuição:

Localização:

Assinatura:

Produção:

Oficina/ Fabricante:

Centro de Fabrico: Lisboa

Local de Execução: Portugal

Escola/Estilo/Movimento: Rococó

Marcas/ Inscrições:

Identificação de Marca:

Inscrições:

Legenda:

Datação**Século (s):** XVIII**Anos:** 1735-1755**Justificação da data:****Outras datações:****Informação técnica****Matéria:** Barro**Suporte:****Técnica:** Majólica e esgrafitado.

Precisões sobre a técnica: A majólica distingue-se pelo revestimento branco opaco, sobre a superfície da cerâmica, formado por uma frita de sílica, óxidos de chumbo e estanho, óxidos de potássio ou sódio, aplicados sobre a cerâmica cozida. A pintura era posteriormente efetuada neste revestimento branco com óxidos colorantes. A técnica do esgrafitado, é a responsável pela decoração na moldura, baseando-se na gravação de motivos decorativos riscados na face vidrada com algum objeto pontiagudo por vezes o cabo do pincel que pressionado deixa emergir a zona da chacota, gravando na moldura motivos decorativos, contrastando com o restante azul.

Dimensões**Altura (cm) –** 14,3**Largura (cm) –** 14,3**Comprimento (cm) –****Diâmetro (cm) –****Espessura (cm) –** 1,3**Profundidade (cm) –****Outras Dimensões (cm) –** 114,4 x 111**Peso (Kg)****Conservação:** Bom.**Incorporação –** Fundo antigo**Data de Incorporação:** Desconhecida**Modo de Incorporação/Descrição:** Fundo antigo no âmbito do projeto “Devolver ao Olhar”**Localização****Localização:****Data:** 2014/05/10

Imagem/ Som

Registo de Imagem / Som:

Tipo: Digital

Localização: Imagens -SRV.Matriz

Autor: Graça Siva

Exposições

Exposições/ Título:

Local:

Data de Início:

Data de Fim:

Bibliografia

Título: Museu Nacional do Azulejo, Roteiro

Autores: Paulo Henriques com a colaboração de: Ana Almeida; Alexandre Pais; Fátima Loureiro e João Pedro Monteiro

Edição: Instituto Português dos Museus

Nº Catálogo:

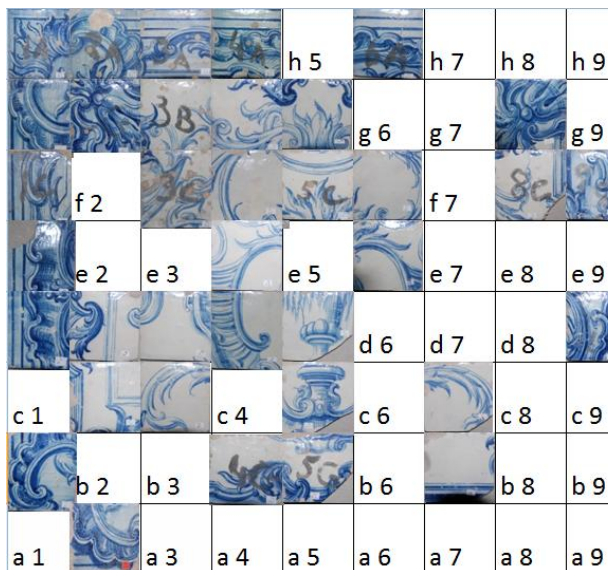
Obs:



Preenchido por: Graça Silva

Data: 2014/05/15

MATRIZ

Identificação da Peça**Instituição/Proprietário:** MNAz**Super-categoria:** Arte**Categoria:** Cerâmica**Subcategoria:** Cerâmica de revestimento**Denominação:** Painel de azulejos**Título:** “Fonte Congelada”**Nº. de inventário:** 9904**Identificação****Nºs de Inventário Anteriores:****Elemento de um conjunto:****Historial:**

Descrição: Composição com pintura a azul sobre branco. A moldura é considerada um elemento de ligação ao espaço arquitetónico, destaca-se o uso de uma só cor, o azul-cobalto de cor intensa, trabalhado com o uso da técnica do esgrafitado. A cartela funciona como uma segunda moldura adornada com elementos vegetalistas. E tem como objetivo receber a figura central da composição, tendo também uma função ornamental. Na reserva observamos a representação de uma fonte congelada.

Autoria: Desconhecida**Justificação/ Atribuição:****Localização:****Assinatura:****Produção:****Oficina/ Fabricante:****Centro de Fabrico:** Lisboa**Local de Execução:** Portugal**Escola/Estilo/Movimento:** Rococó**Marcas/ Inscrições:****Identificação de Marca:****Inscrições:****Legenda:**

Datação**Século (s):** XVIII**Anos:** 1735-1755**Justificação da data****Outras datações:****Informação técnica****Matéria:** Barro**Suporte:****Técnica:** Majólica e esgrafitado

Precisões sobre a técnica: A majólica distingue-se pelo revestimento branco opaco, sobre a superfície da cerâmica, formado por uma frita de sílica, óxidos de chumbo e estanho, óxidos de potássio ou sódio, aplicados sobre a cerâmica cozida. A pintura era posteriormente efetuada neste revestimento branco com óxidos colorantes. A técnica do esgrafitado, é a responsável pela decoração na moldura, baseando-se na gravação de motivos decorativos riscados na face vidrada com algum objeto pontiagudo por vezes o cabo do pincel que pressionado deixa emergir a zona da chacota, gravando na moldura motivos decorativos, contrastando com o restante azul.

Dimensões**Altura (cm)** – 14,3**Largura (cm)** – 14,3 e 10,8**Comprimento (cm)** –**Diâmetro (cm)** –**Espessura (cm)** – 1,3**Profundidade (cm)** –**Outras Dimensões (cm)** – 128,7 x 121,7**Peso (Kg)****Conservação:** Bom.**Incorporação** – Fundo antigo**Data de Incorporação:** Desconhecida**Modo de Incorporação/Descrição:** Fundo antigo no âmbito do projeto “Devolver ao Olhar”**Localização****Localização:****Data:** 2014/05/11

Imagem/ Som

Registo de Imagem / Som:

Tipo: Digital

Localização: Imagens -SRV.Matriz

Autor: Graça Siva

Exposições

Exposições/ Título:

Local:

Data de Início:

Data de Fim:

Bibliografia

Título: Museu Nacional do Azulejo, Roteiro

Autores: Paulo Henriques com a colaboração de: Ana Almeida; Alexandre Pais; Fátima Loureiro e João Pedro Monteiro

Edição: Instituto Português dos Museus

Nº Catálogo:

Obs:



Preenchido por: Graça Silva

Data: 2014/05/15

MATRIZ

**Identificação da Peça****Instituição/Proprietário:** MNAZ**Super-categoria:** Arte**Categoria:** Cerâmica**Subcategoria:** Cerâmica de revestimento**Denominação:** Painel de azulejos**Título:** “Fonte Congelada”**Nº. de inventário:** 9905**Identificação****Nºs de Inventário Anteriores:****Elemento de um conjunto:****Historial:**

Descrição: Composição com pintura a azul sobre branco. A moldura é considerada um elemento de ligação ao espaço arquitetónico, destaca-se o uso de uma só cor, o azul-cobalto de cor intensa, trabalhado com o uso da técnica do esgrafitado. A cartela funciona como uma segunda moldura adornada com elementos vegetalistas. E tem como objetivo receber a figura central da composição, tendo também uma função ornamental. Na reserva observamos a representação de uma fonte congelada ladeada por fontes congeladas duplas.

Autoria: Desconhecida**Justificação/ Atribuição:****Localização:****Assinatura:****Produção:****Oficina/ Fabricante:****Centro de Fabrico:** Lisboa**Local de Execução:** Portugal

Escola/Estilo/Movimento: Rococó

Marcas/ Incrições:

Identificação de Marca:

Incrições:

Legenda:

Datação

Século (s): XVIII

Anos: 1735-1755

Justificação da data:

Outras datações:

Informação técnica

Matéria: Barro

Suporte:

Técnica: Majólica e esgrafitado

Precisões sobre a técnica: A majólica distingue-se pelo revestimento branco opaco, sobre a superfície da cerâmica, formado por uma frita de sílica, óxidos de chumbo e estanho, óxidos de potássio ou sódio, aplicados sobre a cerâmica cozida. A pintura era posteriormente efetuada neste revestimento branco com óxidos colorantes. A técnica do esgrafitado, é a responsável pela decoração na moldura, baseando-se na gravação de motivos decorativos riscados na face vidrada com algum objeto pontiagudo por vezes o cabo do pincel que pressionado deixa emergir a zona da chacota, gravando na moldura motivos decorativos, contrastando com o restante azul.

Dimensões

Altura (cm) – 14,3

Largura (cm) – 14,3

Comprimento (cm) –

Diâmetro (cm) –

Espessura (cm) – 1,3

Profundidade (cm) –

Outras Dimensões (cm) – 100,1 x 457,6

Peso (Kg)

Conservação: Bom.

Incorporação – Fundo antigo

Data de Incorporação: Desconhecida

Modo de Incorporação/Descrição: Fundo antigo no âmbito do projeto “Devolver ao Olhar”

Localização

Localização:

Data: 2014/05/10

Imagem/ Som

Registo de Imagem / Som:

Tipo: Digital

Localização: Imagens -SRV.Matriz

Autor: Graça Siva

Exposições

Exposições/ Título:

Local:

Data de Início:

Data de Fim:

Bibliografia

Título: Museu Nacional do Azulejo, Roteiro

Autores: Paulo Henriques com a colaboração de: Ana Almeida; Alexandre Pais; Fátima Loureiro e João Pedro Monteiro

Edição: Instituto Português dos Museus

Nº Catálogo:

Obs:



Preenchido por: Graça Silva

Data: 2014/05/15

MATRIZ

**Identificação da Peça****Instituição/Proprietário:** MNAz**Super-categoria:** Arte**Categoria:** Cerâmica**Subcategoria:** Cerâmica de revestimento**Denominação:** Pannel de azulejos**Título:** “Fonte Congelada”**Nº. de inventário:** 9906**Identificação****Nºs de Inventário Anteriores:****Elemento de um conjunto:****Historial:**

Descrição: Composição com pintura a azul sobre branco. A moldura é considerada um elemento de ligação ao espaço arquitetónico, destaca-se o uso de uma só cor, o azul-cobalto de cor intensa, trabalhado com o uso da técnica do esgrafitado. A cartela funciona como uma segunda moldura adornada com elementos vegetalistas. E tem como objetivo receber a figura central da composição, tendo também uma função ornamental. Na reserva observamos a representação de uma fonte congelada.

Autoria: Desconhecida**Justificação/ Atribuição:****Localização:****Assinatura:****Produção:****Oficina/ Fabricante:**

Centro de Fabrico: Lisboa

Local de Execução: Portugal

Escola/Estilo/Movimento: Rococó

Marcas/ Incrições:

Identificação de Marca:

Incrições:

Legenda:

Datação

Século (s): XVIII

Anos: 1735-1755

Justificação da data:

Outras datações:

Informação técnica

Matéria: Barro

Suporte:

Técnica: Majólica e esgrafitado

Precisões sobre a técnica: A majólica distingue-se pelo revestimento branco opaco, sobre a superfície da cerâmica, formado por uma frita de sílica, óxidos de chumbo e estanho, óxidos de potássio ou sódio, aplicados sobre a cerâmica cozida. A pintura era posteriormente efetuada neste revestimento branco com óxidos colorantes. A técnica do esgrafitado, é a responsável pela decoração na moldura, baseando-se na gravação de motivos decorativos riscados na face vidrada com algum objeto pontiagudo por vezes o cabo do pincel que pressionado deixa emergir a zona da chacota, gravando na moldura motivos decorativos, contrastando com o restante azul.

Dimensões

Altura (cm) – 14,3

Largura (cm) – 14,3

Comprimento (cm) –

Diâmetro (cm) –

Espessura (cm) – 1,3

Profundidade (cm) –

Outras Dimensões (cm) – 228,8 x 100,1

Peso (Kg)

Conservação: Bom.

Incorporação – Fundo antigo

Data de Incorporação: Desconhecida

Modo de Incorporação/Descrição: Fundo antigo no âmbito do projeto “Devolver ao Olhar”

Localização

Localização:

Data: 2014/05/10

Imagem/ Som

Registo de Imagem / Som:

Tipo: Digital

Localização: Imagens -SRV.Matriz

Autor: Graça Siva

Exposições

Exposições/ Título:

Local:

Data de Início:

Data de Fim:

Bibliografia

Título: Museu Nacional do Azulejo, Roteiro

Autores: Paulo Henriques

Edição: Instituto Português dos Museus

Nº Catálogo:

Obs:



Preenchido por: Graça Silva

Data: 2014/05/15

MATRIZ

Identificação da Peça

Instituição/Proprietário: MNAz

Super-categoria: Arte

Categoria: Cerâmica

Subcategoria: Cerâmica de revestimento

Denominação: Painel de azulejos

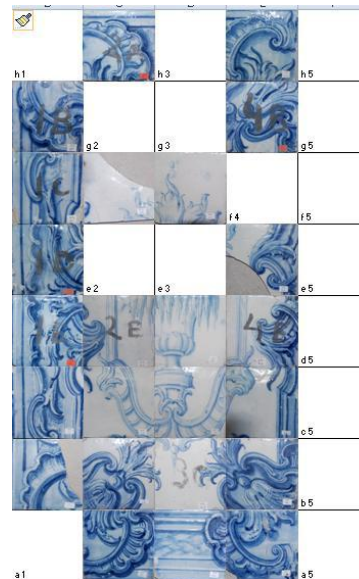
Título: “Fonte Congelada”

N.º de inventário: 9907

Identificação

N.ºs de Inventário Anteriores:

Elemento de um conjunto:



Historial:

Descrição: Composição com pintura a azul sobre branco. A moldura é considerada um elemento de ligação ao espaço arquitetónico, destaca-se o uso de uma só cor, o azul-cobalto de cor intensa, trabalhado com o uso da técnica do esgrafitado. A cartela funciona como uma segunda moldura adornada com elementos vegetalistas. E tem como objetivo receber a figura central da composição, tendo também uma função ornamental. A reserva é constituída por uma fonte de água congelada.

Autoria: Desconhecida

Justificação/ Atribuição:

Localização:

Assinatura:

Produção:

Oficina/ Fabricante:

Centro de Fabrico: Lisboa

Local de Execução: Portugal

Escola/Estilo/Movimento: Rococó

Marcas/ Inscrições:

Identificação de Marca:

Inscrições:

Legenda:

Datação**Século (s):** XVIII**Anos:** 1735-1755**Justificação da data:****Outras datações:****Informação técnica****Matéria:** Barro**Suporte:****Técnica:** Majólica e esgrafitado

Precisões sobre a técnica: A majólica distingue-se pelo revestimento branco opaco, sobre a superfície da cerâmica, formado por uma frita de sílica, óxidos de chumbo e estanho, óxidos de potássio ou sódio, aplicados sobre a cerâmica cozida. A pintura era posteriormente efetuada neste revestimento branco com óxidos colorantes. A técnica do esgrafitado, é a responsável pela decoração na moldura, baseando-se na gravação de motivos decorativos riscados na face vidrada com algum objeto pontiagudo por vezes o cabo do pincel que pressionado deixa emergir a zona da chacota, gravando na moldura motivos decorativos, contrastando com o restante azul.

Dimensões**Altura (cm) –** 14,3**Largura (cm) –** 14,3**Comprimento (cm) –****Diâmetro (cm) –****Espessura (cm) –** 1,3**Profundidade (cm) –****Outras Dimensões (cm) –** 114,4 x 71,5**Peso (Kg)****Conservação:** Bom.**Incorporação –** Fundo antigo**Data de Incorporação:** Desconhecida**Modo de Incorporação/Descrição:** Fundo antigo no âmbito do projeto “Devolver ao Olhar”**Localização****Localização:****Data:** 2014/05/19

Imagem/ Som

Registo de Imagem / Som:

Tipo: Digital

Localização: Imagens -SRV.Matriz

Autor: Graça Siva

Exposições

Exposições/ Título:

Local:

Data de Início:

Data de Fim:

Bibliografia

Título: Museu Nacional do Azulejo, Roteiro

Autores: Paulo Henriques com a colaboração de: Ana Almeida; Alexandre Pais; Fátima Loureiro e João Pedro Monteiro.

Edição: Instituto Português dos Museus

Nº Catálogo:

Obs:



Preenchido por: Graça Silva

Data: 2014/05/21

MATRIZ

Identificação da Peça

Instituição/Proprietário: MNAz

Super-categoria: Arte

Categoria: Cerâmica

Subcategoria: Cerâmica de revestimento

Denominação: Painel de azulejos

Título: “Cornucópias ”

Nº. de inventário: 9908



Identificação

Nºs de Inventário Anteriores:

Elemento de um conjunto:

Historial:

Descrição: Composição com pintura a azul sobre branco. A moldura é considerada um elemento de ligação ao espaço arquitetónico, destaca-se o uso de uma só cor, o azul-cobalto de cor intensa, trabalhado com o uso da técnica do esgrafitado. A cartela funciona como uma segunda moldura adornada com elementos vegetalistas e tem como objetivo receber a representação central da composição, tendo também uma função ornamental. Ao centro estão representadas duas cornucópias com flores e frutos símbolos de fertilidade, riqueza e abundância.

Autoria: Desconhecida

Justificação/ Atribuição:

Localização:

Assinatura:

Produção:

Oficina/ Fabricante:

Centro de Fabrico: Lisboa

Local de Execução: Portugal

Escola/Estilo/Movimento: Rococó

Marcas/ Incrições:

Identificação de Marca:

Incrições:

Legenda:**Datação****Século (s):** XVIII**Anos:** 1735-1755**Justificação da data:****Outras datações:****Informação técnica****Matéria:** Barro**Suporte:****Técnica:** Majólica e esgrafitado.

Precisões sobre a técnica: A majólica distingue-se pelo revestimento branco opaco, sobre a superfície da cerâmica, formado por uma frita de sílica, óxidos de chumbo e estanho, óxidos de potássio ou sódio, aplicados sobre a cerâmica cozida. A pintura era posteriormente efetuada neste revestimento branco com óxidos colorantes. A técnica do esgrafitado, é a responsável pela decoração na moldura, baseando-se na gravação de motivos decorativos riscados na face vidrada com algum objeto pontiagudo por vezes o cabo do pincel que pressionado deixa emergir a zona da chacota, gravando na moldura motivos decorativos, contrastando com o restante azul.

Dimensões**Altura (cm)** – 14,2 e 11**Largura (cm)** – 14,2**Comprimento (cm)** –**Diâmetro (cm)** –**Espessura (cm)** – 1,2**Profundidade (cm)** –**Outras Dimensões (cm)** – 138,7 x 453,7 cm**Peso (Kg)****Conservação:** Bom.**Incorporação** – Fundo antigo**Data de Incorporação:** Desconhecida**Modo de Incorporação/Descrição:** Fundo antigo no âmbito do projeto “Devolver ao Olhar”**Localização****Localização:****Data:** 2014/05/12

Imagem/ Som**Registo de Imagem / Som:****Tipo:** Digital**Localização:** Imagens -SRV.Matriz**Autor:** Graça Siva**Exposições****Exposições/ Título:****Local:****Data de Início:****Data de Fim:****Bibliografia****Título:** Museu Nacional do Azulejo, Roteiro**Autores:** Paulo Henriques com a colaboração de: Ana Almeida; Alexandre Pais; Fátima Loureiro e João Pedro Monteiro**Edição:** Instituto Português dos Museus**Nº Catálogo:****Obs:**

Código de Tardo



Gravura de Cesare Ripa “A abundância”, gravura do italiano *Cesare Ripa* (1555-1622) que integra a sua obra “*Iconologia ovvero Descrizione dell’Imagini universali*”.

Preenchido por: Graça Silva**Data:** 2014/05/15

MATRIZ

**Identificação da Peça****Instituição/Proprietário:** MNAz**Super-categoria:** Arte**Categoria:** Cerâmica**Subcategoria:** Cerâmica de revestimento**Denominação:** Painel de azulejos**Título:** Silhar ornamental**Nº. de inventário:** 9909**Identificação****Nºs de Inventário Anteriores:****Elemento de um conjunto:****Historial:**

Descrição: Composição com pintura a azul sobre branco. A moldura é considerada um elemento de ligação ao espaço arquitetónico, destaca-se o uso de uma só cor, o azul-cobalto de cor intensa, trabalhado com o uso da técnica do esgrafitado. A cartela funciona como uma segunda moldura adornada com elementos vegetalistas. E tem como objetivo receber a figura central da composição, tendo também uma função ornamental. Na reserva observamos duas aves simétricas a comerem bagas envolvidas por motivos ornamentais vegetalistas.

Autoria: Desconhecida**Justificação/ Atribuição:****Localização:****Assinatura:****Produção:****Oficina/ Fabricante:**

Centro de Fabrico: Lisboa

Local de Execução: Portugal

Escola/Estilo/Movimento: Rococó

Marcas/ Incrições:

Identificação de Marca:

Incrições:

Legenda:

Datação

Século (s): XVIII

Anos: 1735-1755

Justificação da data:

Outras datações:

Informação técnica

Matéria: Barro

Suporte:

Técnica: Majólica e esgrafitado

Precisões sobre a técnica: A majólica distingue-se pelo revestimento branco opaco, sobre a superfície da cerâmica, formado por uma fritada de sílica, óxidos de chumbo e estanho, óxidos de potássio ou sódio, aplicados sobre a cerâmica cozida. A pintura era posteriormente efetuada neste revestimento branco com óxidos colorantes. A técnica do esgrafitado, é a responsável pela decoração na moldura, baseando-se na gravação de motivos decorativos riscados na face vidrada com algum objeto pontiagudo por vezes o cabo do pincel que pressionado deixa emergir a zona da chacota, gravando na moldura motivos decorativos, contrastando com o restante azul.

Dimensões

Altura (cm) – 14,2

Largura (cm) – 14,2 e 10,8

Comprimento (cm) –

Diâmetro (cm) –

Espessura (cm) – 1,2

Profundidade (cm) –

Outras Dimensões (cm) – 99,4 x 266,4

Peso (Kg)

Conservação: Bom.

Incorporação – Fundo antigo

Data de Incorporação: Desconhecida

Modo de Incorporação/Descrição: Fundo antigo no âmbito do projeto “Devolver ao Olhar”

Localização

Localização:

Data: 2014/05/11

Imagem/ Som

Registo de Imagem / Som:

Tipo: Digital

Localização: Imagens -SRV.Matriz

Autor: Graça Siva

Exposições

Exposições/ Título:

Local:

Data de Início:

Data de Fim:

Bibliografia

Título: Museu Nacional do Azulejo, Roteiro

Autores: Paulo Henriques com a colaboração de: Ana Almeida; Alexandre Pais; Fátima Loureiro e João Pedro Monteiro

Edição: Instituto Português dos Museus

Nº Catálogo:

Obs:



Preenchido por: Graça Silva

Data: 2014/05/18

MATRIZ

**Identificação da Peça****Instituição/Proprietário:** MNAz**Super-categoria:** Arte**Categoria:** Cerâmica**Subcategoria:** Cerâmica de revestimento**Denominação:** Pannel de azulejos**Título:** “Imperador Romano”**Nº. de inventário:** 9910**Identificação****Nºs de Inventário Anteriores:****Elemento de um conjunto:****Historial:**

Descrição: Composição com pintura a azul sobre branco. A moldura é considerada um elemento de ligação ao espaço arquitetónico, destaca-se o uso de uma só cor, o azul-cobalto de cor intensa, trabalhado com o uso da técnica do esgrafitado. A cartela funciona como uma segunda moldura adornada com elementos vegetalistas. E tem como objetivo receber a figura central da composição, tendo também uma função ornamental. Ao centro destacamos os elementos vegetalistas e o busto de um Imperador Romano com um diadema circunscrito por uma grinalda de louro. A coroa de louros era uma distinção concedida a um general vitorioso, era inicialmente em louro e posteriormente de ouro. A proveniência da coroa de louros está relacionada com o mito de Dafne.

Autoria: Desconhecida**Justificação/ Atribuição:****Localização:**

Assinatura:

Produção:

Oficina/ Fabricante:

Centro de Fabrico: Lisboa

Local de Execução: Portugal

Escola/Estilo/Movimento: Rococó

Marcas/ Inscrições:

Identificação de Marca:

Inscrições:

Legenda:

Datação

Século (s): XVIII

Anos: 1735-1755

Justificação da data:

Outras datações:

Informação técnica

Matéria: Barro

Suporte:

Técnica: Majólica e esgrafitado

Precisões sobre a técnica: A majólica distingue-se pelo revestimento branco opaco, sobre a superfície da cerâmica, formado por uma frita de sílica, óxidos de chumbo e estanho, óxidos de potássio ou sódio, aplicados sobre a cerâmica cozida. A pintura era posteriormente efetuada neste revestimento branco com óxidos colorantes. A técnica do esgrafitado, é a responsável pela decoração na moldura, baseando-se na gravação de motivos decorativos riscados na face vidrada com algum objeto pontiagudo por vezes o cabo do pincel que pressionado deixa emergir a zona da chacota, gravando na moldura motivos decorativos, contrastando com o restante azul.

Dimensões

Altura (cm) – 14,2

Largura (cm) – 14,2

Comprimento (cm) –

Diâmetro (cm) –

Espessura (cm) – 1,2

Profundidade (cm) –

Outras Dimensões (cm) – 99,4 x 269,8
Peso (Kg)

Conservação: Bom.

Incorporação – Fundo antigo

Data de Incorporação: Desconhecida

Modo de Incorporação/Descrição: Fundo antigo no âmbito do projeto “Devolver ao Olhar”

Localização

Localização:

Data: 2014/05/15

Imagem/ Som

Registo de Imagem / Som:

Tipo: Digital

Localização: Imagens -SRV.Matriz

Autor: Graça Siva

Exposições

Exposições/ Título:

Local:

Data de Início:

Data de Fim:

Bibliografia

Título: Museu Nacional do Azulejo, Roteiro/ Dicionário Mitologia

Autores: Paulo Henriques com a colaboração de: Ana Almeida; Alexandre Pais; Fátima Loureiro e João Pedro Monteiro/Pierre Grimal

Edição: Instituto Português dos Museus

Nº Catálogo:

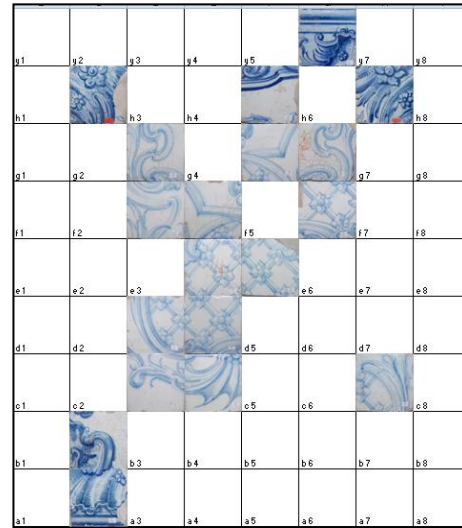
Obs:



Preenchido por: Graça Silva

Data: 2014/05/20

MATRIZ

Identificação da Peça**Instituição/Proprietário:** MNAz**Super-categoria:** Arte**Categoria:** Cerâmica**Subcategoria:** Cerâmica de revestimento**Denominação:** Pannel de azulejos**Título:** *Ferronerie***Nº. de inventário:** 9911**Identificação****Nºs de Inventário Anteriores:****Elemento de um conjunto:****Historial:**

Descrição: Composição com pintura a azul sobre branco. O seu esquema organizativo é composto por: moldura, cartela, rosto feminino e figura central. A moldura é considerada um elemento de ligação ao espaço arquitetónico, destaca-se o uso de uma só cor, o azul-cobalto de cor intensa, trabalhado com o uso da técnica do esgrafitado. A cartela funciona como uma segunda moldura adornada com elementos vegetalistas e asa de morcego. A cartela tem como objetivo receber a decoração central da composição, tendo também uma função ornamental. Na reserva da composição foi reproduzida uma *ferronerie*, é um ornato utilizado na indústria siderúrgica utilizando como matéria-prima o ferro forjado.

Autoria: Desconhecida**Justificação/ Atribuição:****Localização:****Assinatura:****Produção:****Oficina/ Fabricante:****Centro de Fabrico:** Lisboa**Local de Execução:** Portugal**Escola/Estilo/Movimento:** Rococó**Marcas/ Incrições:****Identificação de Marca:**

Inscrições:

Legenda:

Datação

Século (s): XVIII

Anos: 1735-1755

Justificação da data:

Outras datações:

Informação técnica

Matéria: Barro

Suporte:

Técnica: Majólica e esgrafitado.

Precisões sobre a técnica: A majólica distingue-se pelo revestimento branco opaco, sobre a superfície da cerâmica, formado por uma frita de sílica, óxidos de chumbo e estanho, óxidos de potássio ou sódio, aplicados sobre a cerâmica cozida. A pintura era posteriormente efetuada neste revestimento branco com óxidos colorantes. A técnica do esgrafitado, é a responsável pela decoração na moldura, baseando-se na gravação de motivos decorativos riscados na face vidrada com algum objeto pontiagudo por vezes o cabo do pincel que pressionado deixa emergir a zona da chacota, gravando na moldura motivos decorativos, contrastando com o restante azul.

Dimensões

Altura (cm) – 14,2

Largura (cm) – 14,2

Comprimento (cm) –

Diâmetro (cm) –

Espessura (cm) – 1,2

Profundidade (cm) –

Outras Dimensões (cm) – 129,6 x 113,6

Peso (Kg)

Conservação: Bom.

Incorporação – Fundo antigo

Data de Incorporação: Desconhecida

Modo de Incorporação/Descrição: Fundo antigo no âmbito do projeto “Devolver ao Olhar”

Localização

Localização:

Data: 2014/05/014

Imagem/ Som

Registo de Imagem / Som:

Tipo: Digital

Localização: Imagens -SRV.Matriz

Autor: Graça Siva

Exposições

Exposições/ Título:

Local:

Data de Início:

Data de Fim:

Bibliografia

Título: Dicionário dos Símbolos / Dicionário dos Santos/ Museu Nacional do Azulejo, Roteiro

Autores: Paulo Henriques com a colaboração de: Ana Almeida; Alexandre Pais; Fátima Loureiro e João Pedro Monteiro

Edição: Instituto Português dos Museus

Nº Catálogo:

Obs:



Preenchido por: Graça Silva

Data: 2014/05/027

MATRIZ**Identificação da Peça****Instituição/Proprietário:** MNAz**Super-categoria:** Arte**Categoria:** Cerâmica**Subcategoria:** Cerâmica de revestimento**Denominação:** Pannel de azulejos**Título:** Vaso florido**N.º de inventário:** 9912**Identificação****N.ºs de Inventário Anteriores:****Elemento de um conjunto:****Historial:**

Descrição: Composição com pintura a azul sobre branco. A moldura é considerada um elemento de ligação ao espaço arquitetónico, destaca-se o uso de uma só cor, o azul-cobalto de cor intensa, trabalhado com o uso da técnica do esgrafitado. O entre-portas foi aplicado no espaço arquitetónico entre duas portas ou entre áreas com saliências arquitetónicas sendo decorado ao centro com um jarrão de flores.

Autoria: Desconhecida**Justificação/ Atribuição:****Localização:****Assinatura:****Produção:****Oficina/ Fabricante:****Centro de Fabrico:** Lisboa**Local de Execução:** Portugal**Escola/Estilo/Movimento:** Rococó**Marcas/ Incrições:****Identificação de Marca:****Incrições:****Legenda:****Datação****Século (s):** XVIII

Anos: 1735-1755

Justificação da data:

Outras datações:

Informação técnica

Matéria: Barro

Suporte:

Técnica: Majólica e esgrafitado

Precisões sobre a técnica: A majólica distingue-se pelo revestimento branco opaco, sobre a superfície da cerâmica, formado por uma frita de sílica, óxidos de chumbo e estanho, óxidos de potássio ou sódio, aplicados sobre a cerâmica cozida. A pintura era posteriormente efetuada neste revestimento branco com óxidos colorantes. A técnica do esgrafitado, é a responsável pela decoração na moldura, baseando-se na gravação de motivos decorativos riscados na face vidrada com algum objeto pontiagudo por vezes o cabo do pincel que pressionado deixa emergir a zona da chacota, gravando na moldura motivos decorativos, contrastando com o restante azul.

Dimensões

Altura (cm) – 14,3

Largura (cm) – 14,3

Comprimento (cm) –

Diâmetro (cm) –

Espessura (cm) – 1,2

Profundidade (cm) –

Outras Dimensões (cm) – 114,4 x 57,2

Peso (Kg)

Conservação: Bom.

Incorporação – Fundo antigo

Data de Incorporação: Desconhecida

Modo de Incorporação/Descrição: Fundo antigo no âmbito do projeto “Devolver ao Olhar”

Localização

Localização:

Data: 2014/05/10

Imagem/ Som

Registo de Imagem / Som:

Tipo: Digital

Localização: Imagens -SRV.Matriz

Autor: Graça Siva

Exposições

Exposições/ Título:

Local:

Data de Início:

Data de Fim:

Bibliografia

Título: Museu Nacional do Azulejo, Roteiro

Autores: Paulo Henriques com a colaboração de: Ana Almeida; Alexandre Pais; Fátima Loureiro e João Pedro Monteiro.

Edição: Instituto Português dos Museus

Nº Catálogo:

Obs:



Preenchido por: Graça Silva

Data: 2014/05/15

MATRIZ**Identificação da Peça****Instituição/Proprietário:** MNAz**Super-categoria:** Arte**Categoria:** Cerâmica**Subcategoria:** Cerâmica de revestimento**Denominação:** Painel de azulejos**Título:** Entre-portas**N.º de inventário:** 9913**Identificação****N.ºs de Inventário Anteriores:****Elemento de um conjunto:****Historial:**

Descrição: Composição com pintura a azul sobre branco. A moldura é considerada um elemento de ligação ao espaço arquitetónico, destaca-se o uso de uma só cor, o azul-cobalto de cor intensa, trabalhado com o uso da técnica do esgrafitado. O entre-portas foi aplicado no espaço arquitetónico entre duas portas ou entre áreas com saliências arquitetónicas sendo decorado ao centro com um motivo vegetalista.

Autoria: Desconhecida**Justificação/ Atribuição:****Localização:****Assinatura:****Produção:****Oficina/ Fabricante:****Centro de Fabrico:** Lisboa**Local de Execução:** Portugal**Escola/Estilo/Movimento:** Rococó**Marcas/ Incrições:****Identificação de Marca:****Incrições:****Legenda:****Datação**

Século (s): XVIII

Anos: 1735-1755

Justificação da data:

Outras datações:

Informação técnica

Matéria: Barro

Suporte:

Técnica: Majólica e esgrafitado

Precisões sobre a técnica: A majólica distingue-se pelo revestimento branco opaco, sobre a superfície da cerâmica, formado por uma frita de sílica, óxidos de chumbo e estanho, óxidos de potássio ou sódio, aplicados sobre a cerâmica cozida. A pintura era posteriormente efetuada neste revestimento branco com óxidos colorantes. A técnica do esgrafitado, é a responsável pela decoração na moldura, baseando-se na gravação de motivos decorativos riscados na face vidrada com algum objeto pontiagudo por vezes o cabo do pincel que pressionado deixa emergir a zona da chacota, gravando na moldura motivos decorativos, contrastando com o restante azul.

Dimensões

Altura (cm) – 14,3

Largura (cm) – 14,3 e 10,9

Comprimento (cm) –

Diâmetro (cm) –

Espessura (cm) – 1,2

Profundidade (cm) –

Outras Dimensões (cm) – 114,4 x 50,4

Peso (Kg)

Conservação: Bom.

Incorporação – Fundo antigo

Data de Incorporação: Desconhecida

Modo de Incorporação/Descrição: Fundo antigo no âmbito do projeto “Devolver ao Olhar”

Localização

Localização:

Data: 2014/05/11

Imagem/ Som

Registo de Imagem / Som:

Tipo: Digital

Localização: Imagens -SRV.Matriz

Autor: Graça Siva

Exposições

Exposições/ Título:

Local:

Data de Início:

Data de Fim:

Bibliografia

Título: Museu Nacional do Azulejo, Roteiro

Autores: Paulo Henriques com a colaboração de: Ana Almeida; Alexandre Pais; Fátima Loureiro e João Pedro Monteiro.

Edição: Instituto Português dos Museus

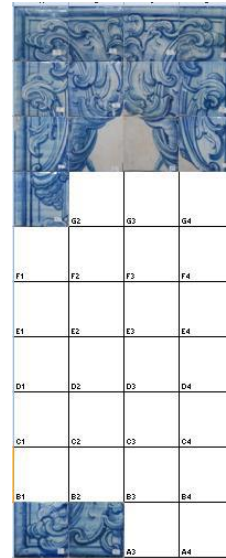
Nº Catálogo:

Obs:



Preenchido por: Graça Silva

Data: 2014/05/16

MATRIZ**Identificação da Peça****Instituição/Proprietário:** MNAz**Super-categoria:** Arte**Categoria:** Cerâmica**Subcategoria:** Cerâmica de revestimento**Denominação:** Painel de azulejos**Título:** Entre-portas**N.º de inventário:** 9914**Identificação****N.ºs de Inventário Anteriores:****Elemento de um conjunto:****Historial:**

Descrição: Composição com pintura a azul sobre branco. A moldura é considerada um elemento de ligação ao espaço arquitetónico, destaca-se o uso de uma só cor, o azul-cobalto de cor intensa, trabalhado com o uso da técnica do esgrafitado. O entre-portas foi aplicado no espaço arquitetónico entre duas portas ou entre áreas com saliências arquitetónicas.

Autoria: Desconhecida**Justificação/ Atribuição:****Localização:****Assinatura:****Produção:****Oficina/ Fabricante:****Centro de Fabrico:** Lisboa**Local de Execução:** Portugal**Escola/Estilo/Movimento:** Rococó**Marcas/ Incrições:****Identificação de Marca:****Incrições:****Legenda:****Datação****Século (s):** XVIII

Anos: 1735-1755

Justificação da data:

Outras datações:

Informação técnica

Matéria: Barro

Suporte:

Técnica: Majólica e esgrafitado.

Precisões sobre a técnica: A majólica distingue-se pelo revestimento branco opaco, sobre a superfície da cerâmica, formado por uma frita de sílica, óxidos de chumbo e estanho, óxidos de potássio ou sódio, aplicados sobre a cerâmica cozida. A pintura era posteriormente efetuada neste revestimento branco com óxidos colorantes. A técnica do esgrafitado, é a responsável pela decoração na moldura, baseando-se na gravação de motivos decorativos riscados na face vidrada com algum objeto pontiagudo por vezes o cabo do pincel que pressionado deixa emergir a zona da chacota, gravando na moldura motivos decorativos, contrastando com o restante azul.

Dimensões

Altura (cm) – 14,3

Largura (cm) – 14,3

Comprimento (cm) –

Diâmetro (cm) –

Espessura (cm) – 1,3

Profundidade (cm) –

Outras Dimensões (cm) – 128,7X 57,2

Peso (Kg)

Conservação: Bom.

Incorporação – Fundo antigo

Data de Incorporação: Desconhecida

Modo de Incorporação/Descrição: Fundo antigo no âmbito do projeto “Devolver ao Olhar”

Localização

Localização:

Data: 2014/05/10

Imagem/ Som

Registo de Imagem / Som:

Tipo: Digital

Localização: Imagens -SRV.Matriz

Autor: Graça Siva

Exposições

Exposições/ Título:

Local:

Data de Início:

Data de Fim:

Bibliografia

Título: Museu Nacional do Azulejo, Roteiro

Autores: Paulo Henriques com a colaboração de: Ana Almeida; Alexandre Pais; Fátima Loureiro e João Pedro Monteiro

Edição: Instituto Português dos Museus

Nº Catálogo:

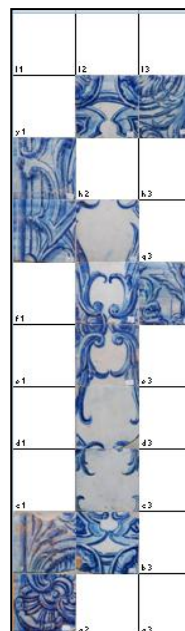
Obs:



Preenchido por: Graça Silva

Data: 2014/05/15

MATRIZ

Identificação da Peça**Instituição/Proprietário:** MNAz**Super-categoria:** Arte**Categoria:** Cerâmica**Subcategoria:** Cerâmica de revestimento**Denominação:** Painel de azulejos**Título:** Entre-Portas**Nº. de inventário:** 9915**Identificação****Nºs de Inventário Anteriores:****Elemento de um conjunto:****Historial:**

Descrição: Composição com pintura a azul. A moldura é considerada um elemento de ligação ao espaço arquitetónico, destaca-se o uso de uma só cor, o azul-cobalto de cor intensa, trabalhado com o uso da técnica do esgrafitado. O entre-portas foi aplicado no espaço arquitetónico entre duas portas ou entre áreas com saliências arquitetónicas.

Autoria: Desconhecida**Justificação/ Atribuição:****Localização:****Assinatura:****Produção:****Oficina/ Fabricante:****Centro de Fabrico:** Lisboa**Local de Execução:** Portugal**Escola/Estilo/Movimento:** Rococó**Marcas/ Inscricões:****Identificação de Marca:****Inscricões:****Legenda:****Datação****Século (s):** XVIII**Anos:** 1735-1755

Justificação da data:

Outras datações:

Informação técnica

Matéria: Barro

Suporte:

Técnica: Majólica e esgrafitado

Precisões sobre a técnica: A majólica distingue-se pelo revestimento branco opaco, sobre a superfície da cerâmica, formado por uma frita de sílica, óxidos de chumbo e estanho, óxidos de potássio ou sódio, aplicados sobre a cerâmica cozida. A pintura era posteriormente efetuada neste revestimento branco com óxidos colorantes. A técnica do esgrafitado, é a responsável pela decoração na moldura, baseando-se na gravação de motivos decorativos riscados na face vidrada com algum objeto pontiagudo por vezes o cabo do pincel que pressionado deixa emergir a zona da chacota, gravando na moldura motivos decorativos, contrastando com o restante azul.

Dimensões

Altura (cm) – 14,2

Largura (cm) – 14,2

Comprimento (cm) –

Diâmetro (cm) –

Espessura (cm) – 1,3

Profundidade (cm) –

Outras Dimensões (cm) – 142 x 42,6

Peso (Kg)

Conservação: Bom.

Incorporação – Fundo antigo

Data de Incorporação: Desconhecida

Modo de Incorporação/Descrição: Fundo antigo no âmbito do projeto “Devolver ao Olhar”

Localização

Localização:

Data: 2014/05/12

Imagem/ Som

Registo de Imagem / Som:

Tipo: Digital

Localização: Imagens -SRV.Matriz

Autor: Graça Siva

Exposições

Exposições/ Título:

Local:

Data de Início:

Data de Fim:

Bibliografia

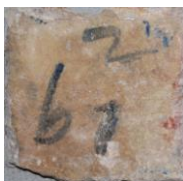
Título: Museu Nacional do Azulejo, Roteiro

Autores: Paulo Henriques com a colaboração de: Ana Almeida; Alexandre Pais; Fátima Loureiro e João Pedro Monteiro

Edição: Instituto Português dos Museus

Nº Catálogo:

Obs:



Preenchido por: Graça Silva

Data: 2014/05/17

MATRIZ**Identificação da Peça****Instituição/Proprietário:** MNAz**Super-categoria:** Arte**Categoria:** Cerâmica**Subcategoria:** Cerâmica de revestimento**Denominação:** Painel de azulejos**Título:** Entre-portas**Nº. de inventário:** 9916**Identificação****Nºs de Inventário Anteriores:****Elemento de um conjunto:****Historial:**

Descrição: Composição com pintura a azul sobre branco. A moldura é considerada um elemento de ligação ao espaço arquitetónico, destaca-se o uso de uma só cor, o azul-cobalto de cor intensa, trabalhado com o uso da técnica do esgrafitado. O entre-portas foi aplicado no espaço arquitetónico entre duas portas ou entre áreas com saliências arquitetónicas.

Autoria: Desconhecida**Justificação/ Atribuição:****Localização:****Assinatura:****Produção:****Oficina/ Fabricante:****Centro de Fabrico:** Lisboa**Local de Execução:** Portugal**Escola/Estilo/Movimento:** Rococó**Marcas/ Incrições:****Identificação de Marca:****Incrições:****Legenda:****Datação****Século (s):** XVIII**Anos:** 1735-1755

Justificação da data:

Outras datações:

Informação técnica

Matéria: Barro

Suporte:

Técnica: Majólica e esgrafitado.

Precisões sobre a técnica: A majólica distingue-se pelo revestimento branco opaco, sobre a superfície da cerâmica, formado por uma frita de sílica, óxidos de chumbo e estanho, óxidos de potássio ou sódio, aplicados sobre a cerâmica cozida. A pintura era posteriormente efetuada neste revestimento branco com óxidos colorantes. A técnica do esgrafitado, é a responsável pela decoração na moldura, baseando-se na gravação de motivos decorativos riscados na face vidrada com algum objeto pontiagudo por vezes o cabo do pincel que pressionado deixa emergir a zona da chacota, gravando na moldura motivos decorativos, contrastando com o restante azul.

Dimensões

Altura (cm) – 14,4

Largura (cm) – 14,4

Comprimento (cm) –

Diâmetro (cm) –

Espessura (cm) – 1,3

Profundidade (cm) –

Outras Dimensões (cm) – 100,8 x 28,8

Peso (Kg)

Conservação: Bom.

Incorporação – Fundo antigo

Data de Incorporação: Desconhecida

Modo de Incorporação/Descrição: Fundo antigo no âmbito do projeto “Devolver ao Olhar”

Localização

Localização:

Data: 2014/05/11

Imagem/ Som

Registo de Imagem / Som:

Tipo: Digital

Localização: Imagens -SRV.Matriz

Autor: Graça Siva

Exposições

Exposições/ Título:

Local:

Data de Início:

Data de Fim:

Bibliografia

Título: Museu Nacional do Azulejo, Roteiro

Autores: Paulo Henriques com a colaboração de: Ana Almeida; Alexandre Pais; Fátima Loureiro e João Pedro Monteiro

Edição: Instituto Português dos Museus

Nº Catálogo:

Obs:



Preenchido por: Graça Silva

Data: 2014/05/14

MATRIZ**Identificação da Peça****Instituição/Proprietário:** MNAz**Super-categoria:** Arte**Categoria:** Cerâmica**Subcategoria:** Cerâmica de revestimento**Denominação:** Painel de azulejos**Título:** Entre-Portas**Nº. de inventário:** 9917**Identificação****Nºs de Inventário Anteriores:****Elemento de um conjunto:****Historial:**

Descrição: Composição com pintura a azul. A moldura é considerada um elemento de ligação ao espaço arquitetónico, destaca-se o uso de uma só cor, o azul-cobalto de cor intensa, trabalhado com o uso da técnica do esgrafitado. O entre-portas foi aplicado no espaço arquitetónico entre duas portas ou entre áreas com saliências arquitetónicas.

**Autoria:** Desconhecida**Justificação/ Atribuição:****Localização:****Assinatura:****Produção:****Oficina/ Fabricante:****Centro de Fabrico:** Lisboa**Local de Execução:** Portugal**Escola/Estilo/Movimento:** Rococó**Marcas/ Incrições:****Identificação de Marca:****Incrições:****Legenda:****Datação****Século (s):** XVIII

Anos: 1735-1755

Justificação da data:

Outras datações:

Informação técnica

Matéria: Barro

Suporte:

Técnica: Majólica e esgrafitado.

Precisões sobre a técnica: A majólica distingue-se pelo revestimento branco opaco, sobre a superfície da cerâmica, formado por uma frita de sílica, óxidos de chumbo e estanho, óxidos de potássio ou sódio, aplicados sobre a cerâmica cozida. A pintura era posteriormente efetuada neste revestimento branco com óxidos colorantes. A técnica do esgrafitado, é a responsável pela decoração na moldura, baseando-se na gravação de motivos decorativos riscados na face vidrada com algum objeto pontiagudo por vezes o cabo do pincel que pressionado deixa emergir a zona da chacota, gravando na moldura motivos decorativos, contrastando com o restante azul.

Dimensões

Altura (cm) – 14,3

Largura (cm) – 14,3

Comprimento (cm) –

Diâmetro (cm) –

Espessura (cm) – 1,3

Profundidade (cm) –

Outras Dimensões (cm) – 114,4 x 28,6

Peso (Kg)

Conservação: Bom.

Incorporação – Fundo antigo

Data de Incorporação: Desconhecida

Modo de Incorporação/Descrição: Fundo antigo no âmbito do projeto “Devolver ao Olhar”

Localização

Localização:

Data: 2014/05/12

Imagem/ Som

Registo de Imagem / Som:

Tipo: Digital

Localização: Imagens -SRV.Matriz

Autor: Graça Siva

Exposições

Exposições/ Título:

Local:

Data de Início:

Data de Fim:

Bibliografia

Título: Museu Nacional do Azulejo, Roteiro

Autores: Paulo Henriques com a colaboração de: Ana Almeida; Alexandre Pais; Fátima Loureiro e João Pedro Monteiro

Edição: Instituto Português dos Museus

Nº Catálogo:

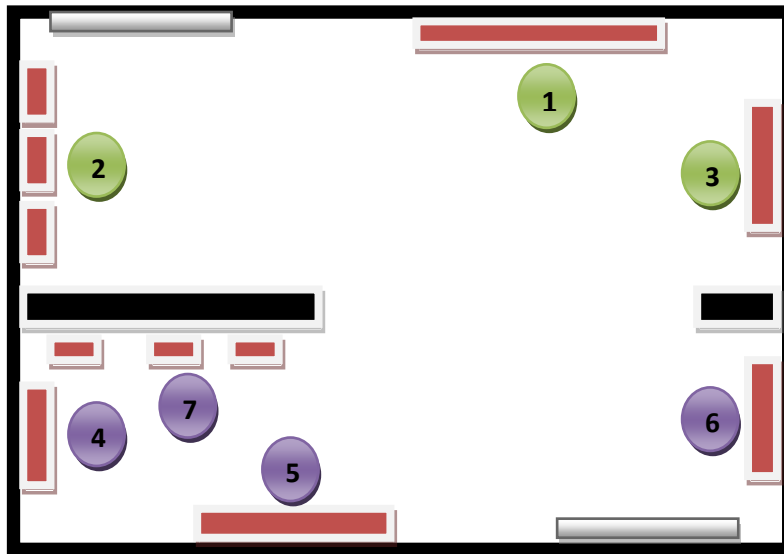
Obs:



Preenchido por: Graça Silva

Data: 2014/05/17

ANEXO 57
PROJETO EXPOSITIVO



Planta da sala de exposição

PAINEIS FIGURATIVOS



Alegorias: Caridade e Vida Religiosa
Lisboa, 1735 – 1755
Faiança Policroma
Proveniência desconhecida
MNAz, inv. 872

1



Alegorias: Esperança, Fé e Caridade
Lisboa, 1735 – 1755
Faiança Policroma
Proveniência desconhecida
MNAz, inv. 9895; 9896; 9897

2



Alegoria: Inocência
Lisboa, 1735 – 1755
Faiança Policroma
Proveniência desconhecida
MNAz, inv.nº 9901

3

PAINÉIS ORNAMENTAIS



Fonte Congelada

Lisboa, 1735 – 1755

Faiança a azul sobre branco

Proveniência desconhecida

MNAz, inv.nº 9903

4



Silhar para escadaria Fonte Congelada

Lisboa, 1735 – 1755

Faiança a azul sobre branco

Proveniência desconhecida

MNAz, inv.nº 9906

5



“Imperador Romano”

Lisboa, 1735 – 1755

Faiança a azul sobre branco

Proveniência desconhecida

MNAz, inv.nº 9910

6



Entre - Portas

Lisboa, 1735 – 1755

Faiança a azul sobre branco

Proveniência desconhecida

MNAz, inv.nº 9915; 9916; 9917

7